



BENJAMIN RABIER

—rejeção—

SCENAS DA VIDA PRIVADA  
DOS ANIMAES



Livraria Garnier  
Rio de Janeiro

576<sup>14</sup>





Lembrança da viúva para ser entregue ao  
José Augusto, a bordo do "Autônio Derfmo."  
no dia 3 de Fevereiro de 1926

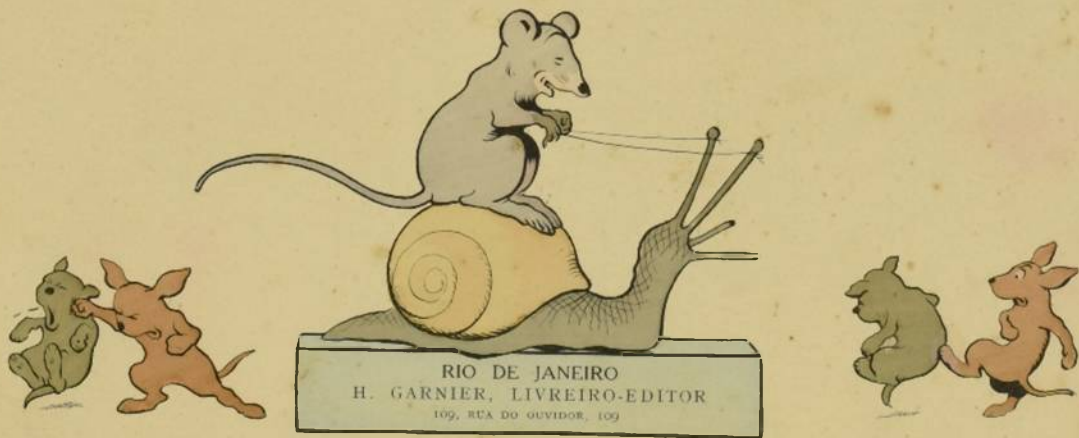
Sinhá

SCENAS DA VIDA PRIVADA  
DOS ANIMAES



BENJAMÍN RABIER

SCENAS DA VIDA PRIVADA  
DOS ANIMAES



RIO DE JANEIRO  
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR  
109, RUA DO OUVIDOR, 109





O PAI. — Este pequeno salgueiro vai-nos servir de ponte para atravessar este precipício... Segue-me, meu filho...



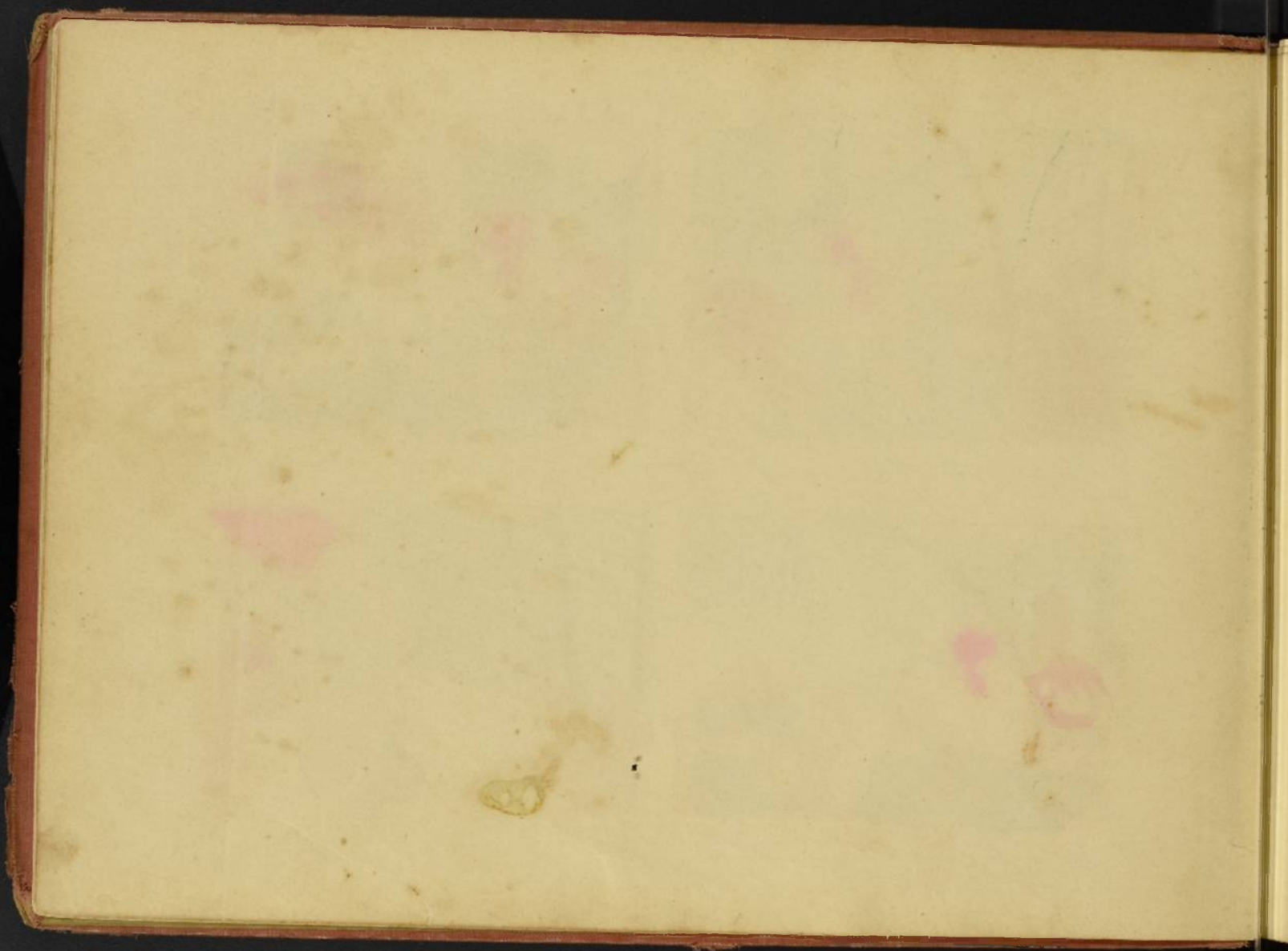
— Vês-tu como é simples e como teu pai é inteligente... Segura-te bem no tronco, Augusto...

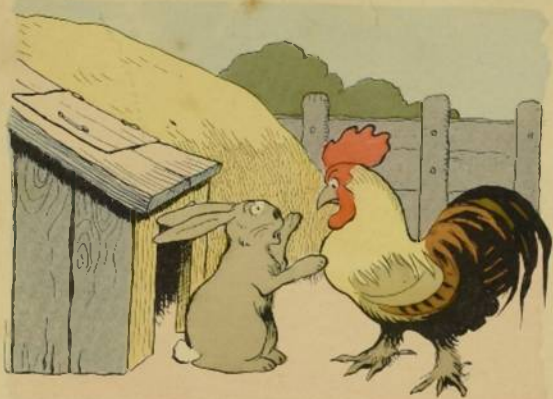


— Quando chegares ao fim do tronco, tu saltarás... Assim... Um, dois, tres... vês tu como é simples!...



O FILHO. — Oh! Como o papá é inteligente!!!





— Eu, meu velho Cantalero, tenho boa maneira de escapar à cozinha quando fazem um guizado de coelho nos dias de recepção...



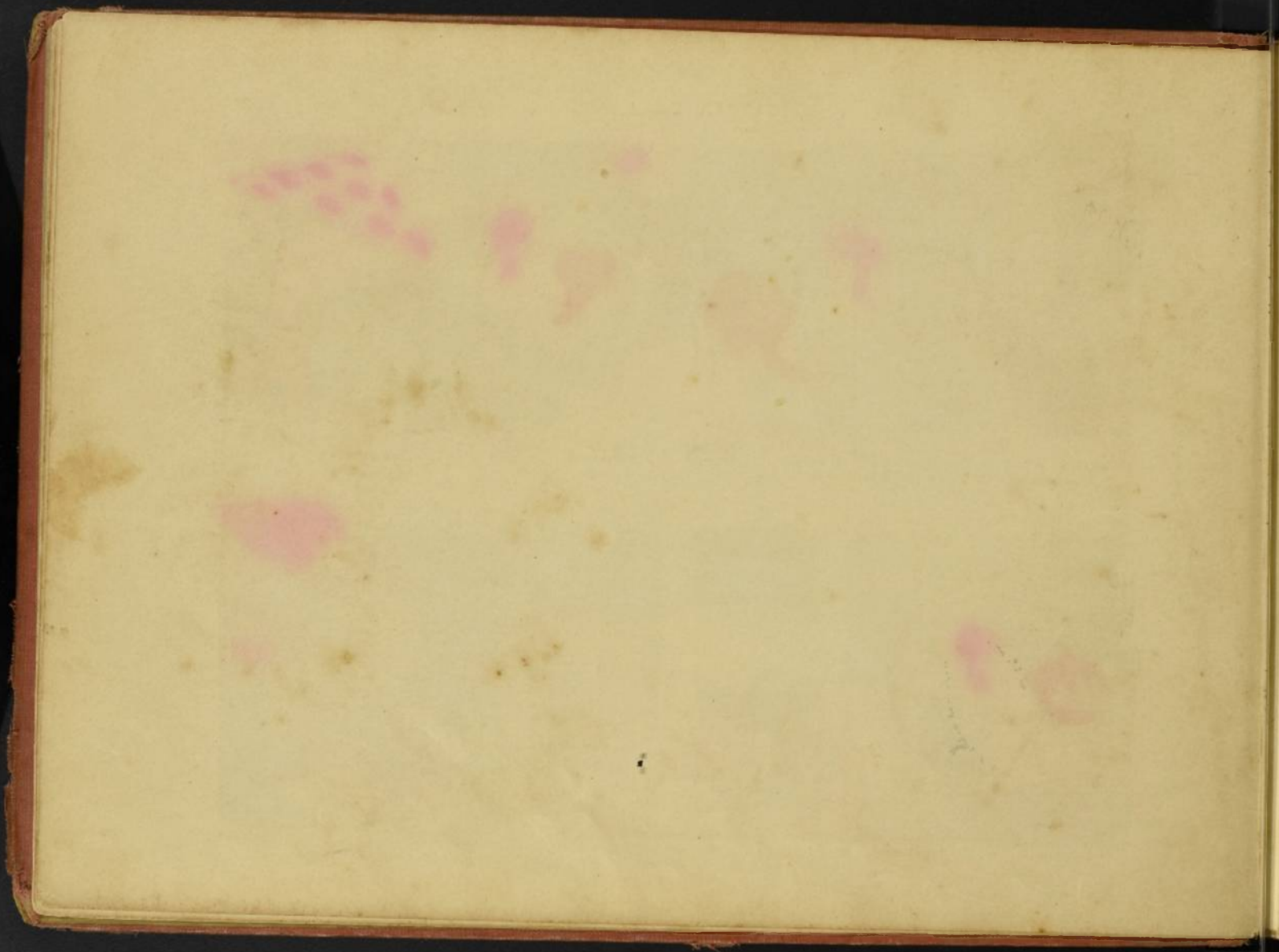
— Molho as orelhas na pequena celha, onde deitam os restos da cozinha e as águas da louça.



— Quando estão bem molhadas e bem sujas... volto para a coelheira.



— É a criada com medo de sujar as mãos, não me toca nunca... Tanto peor para os meus pobres companheiros!...





— Ratito pratica os sports e os exercicios physicos : adora a carreira a pé.



— Todas as manhãs se entrega á equitação...



— E antes de almoçar nunca deixa de fazer um pouco de boxe.



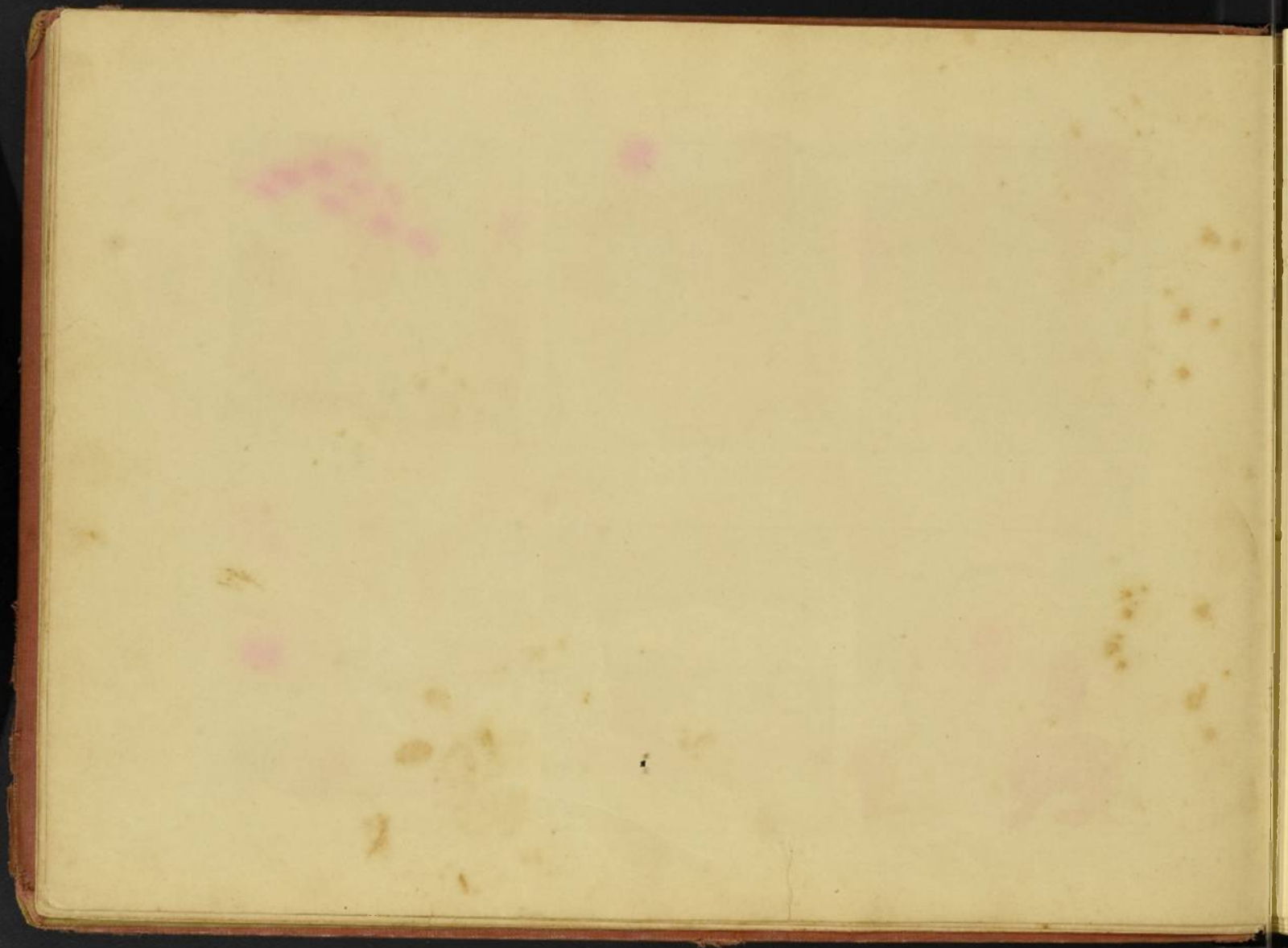
— Ama o salto á corda que fortifica as pernas.



E o remar que desenvolve os musculos.

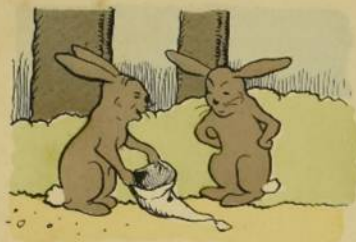


— E entrega-se já ha alguns dias aos exercicios perigosos de aerostação !



# O CÃO ATERRORISADO

4



— O que é isso ?  
— Meu amiguinho, é um vulgar bonnet de algodão, orçado por mim.



— Com isto eu não temo os meus inimigos, nem furões, nem cães... Tu vaes ver...



— Precisamente ouço latidos... entra no terraço e observa...



— Chega o cão de caça, chega.



— Chegou...



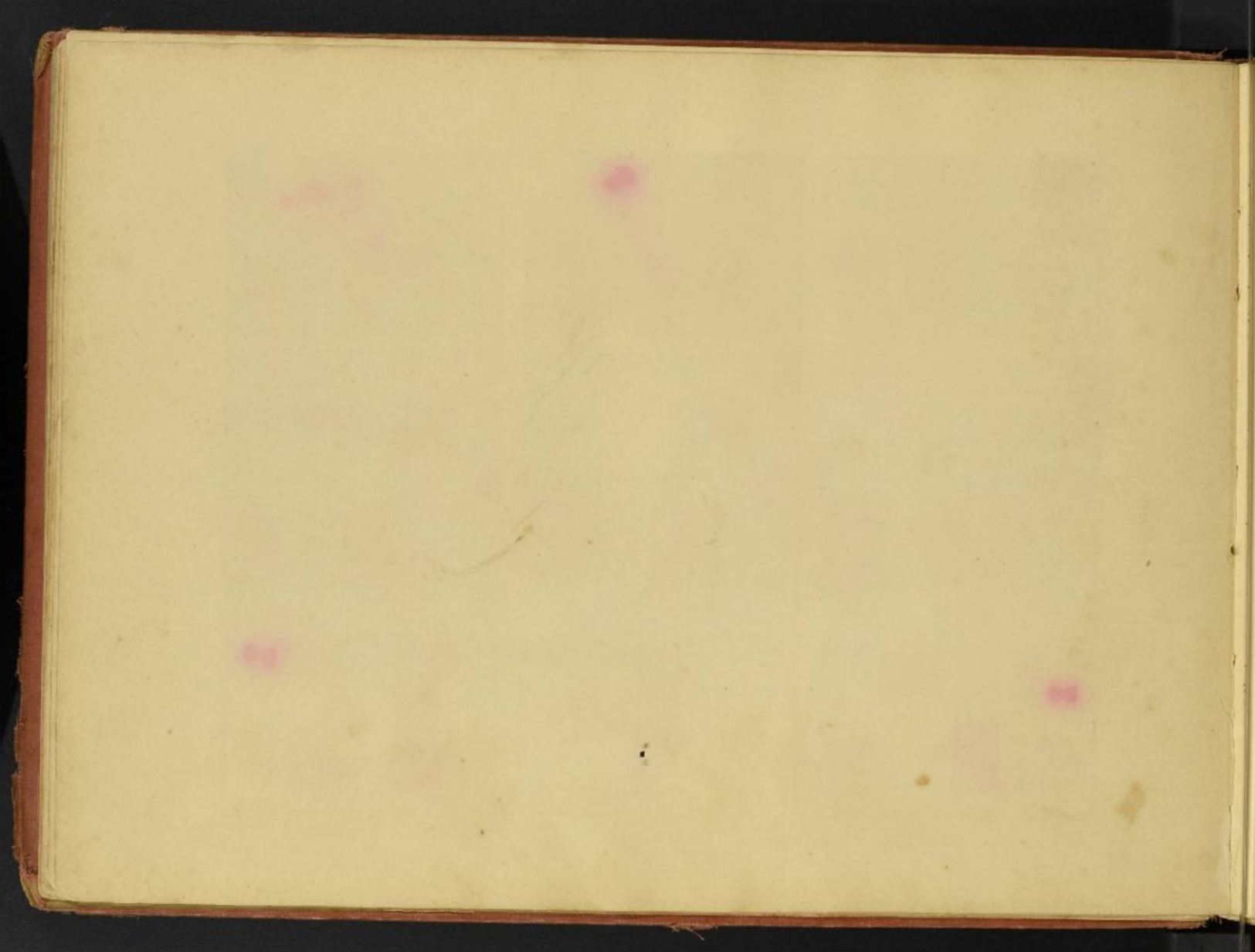
— Bons dias, Medor... Como vae essa saude ?

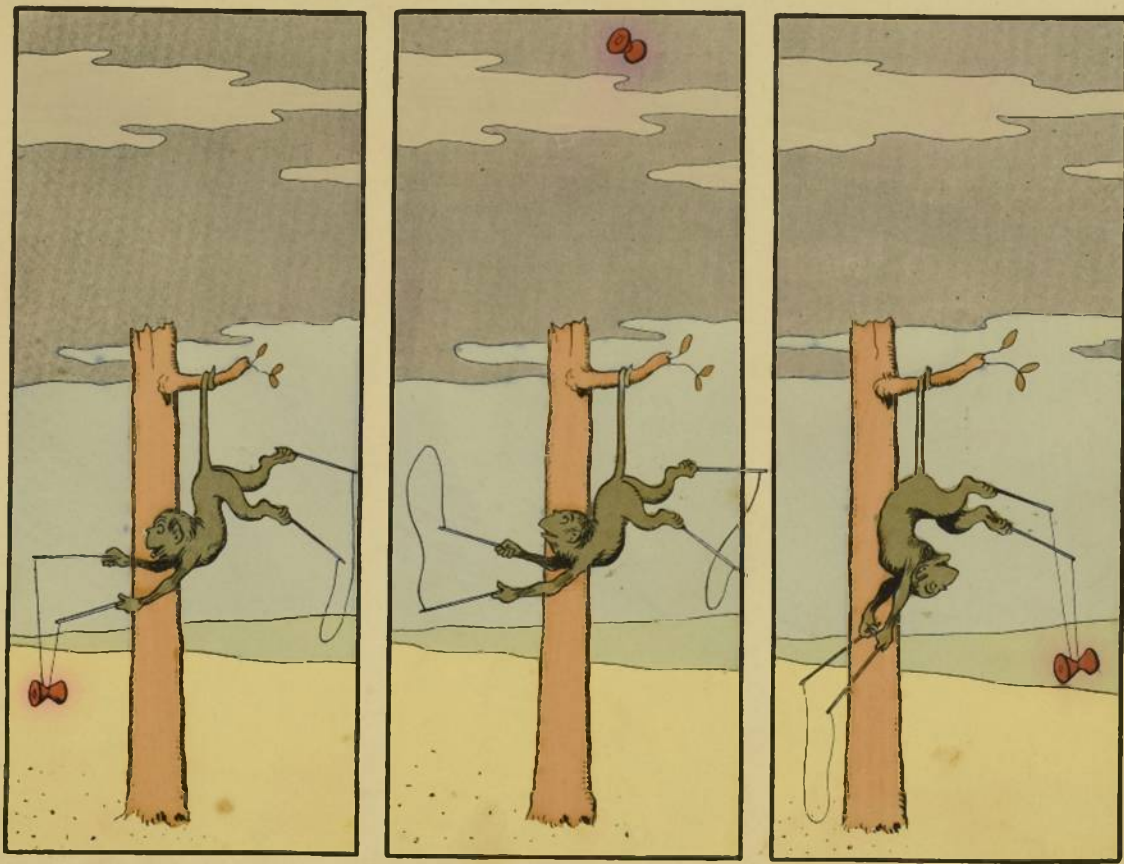


— Oh ! que cara que fazes... estarás tu indisposto ?...  
Teras tu a colica ?...

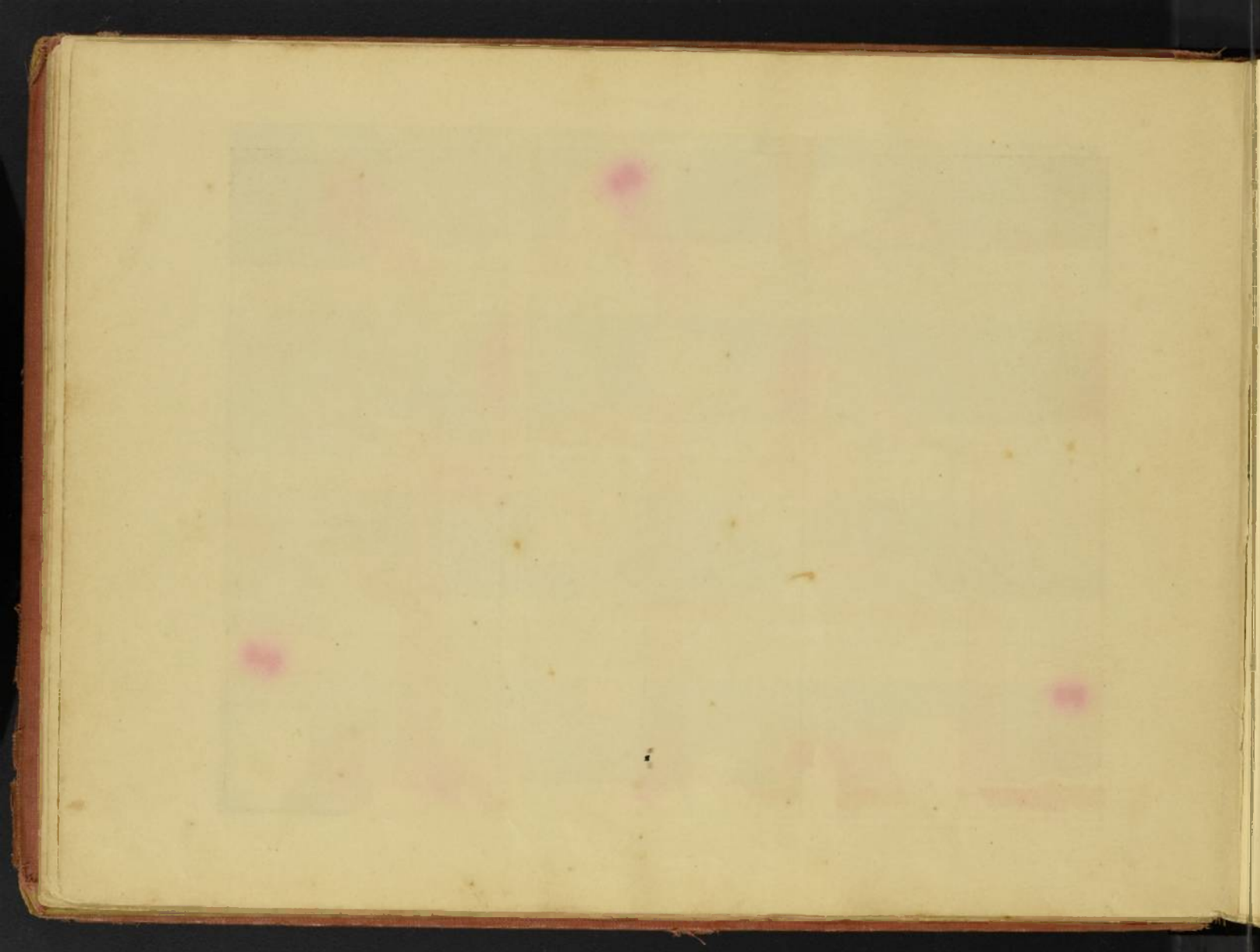


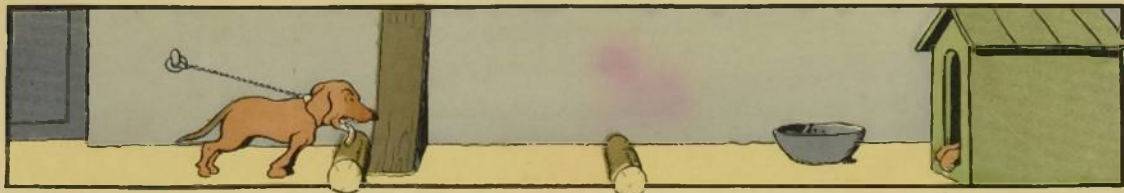
— Até à vista, Medor... Boa saude lá por casa ! O que é que dizes disto, meu amiguinho ?...



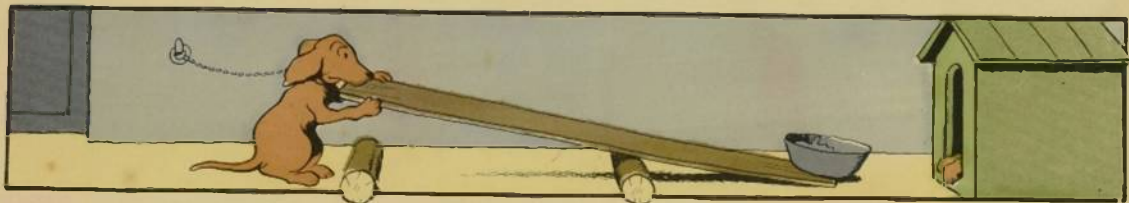


O macaco é certamente o ser mais vantajosamente constituído do globo, pois que só, pode fazer uma partida de diabo por dois.

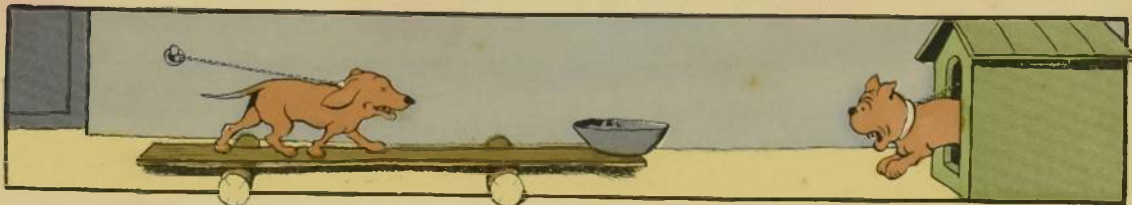




— Bocca Negra, tem vontade de comer o jantar de Pouca Sorte que dorme.



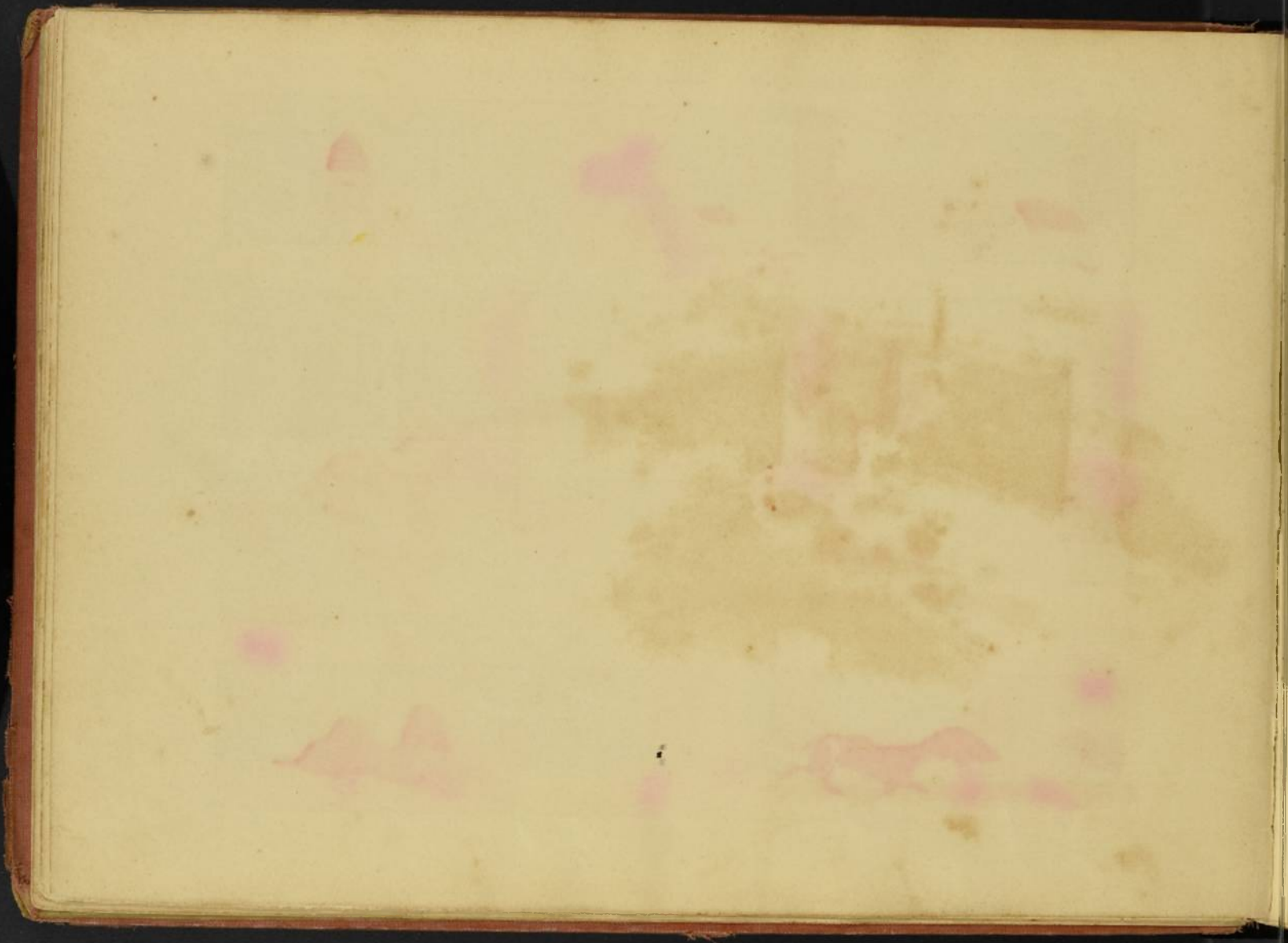
— Bocca Negra, que é um cão inteligente e engenhoso, achou depressa o meio...



— ... Conseguiu uma ponte movediça que faz rolar sobre as suas patas.



— Até que a boa comida de Pouca Sorte chegou perto delle.





— A boa abelha, depois de ter visitado as flores d'um jardim, voltava ao seu cortiço.



— Quando no caminho encontra Fuseau, o furão. Este que há muito tempo andava de pé atrás com a abelha.



— Atiron-lhe um epitheto malsoante. A abelha furiosa, não replicou nada, mas pôe-se em cima de Fuseau, e picou-o no meio das costas.



— O furão soltou gritos medonhos e fugiu. Entretanto a sua espinha, sob a acção do agulhão da abelha, começa a inchar desmesuradamente.



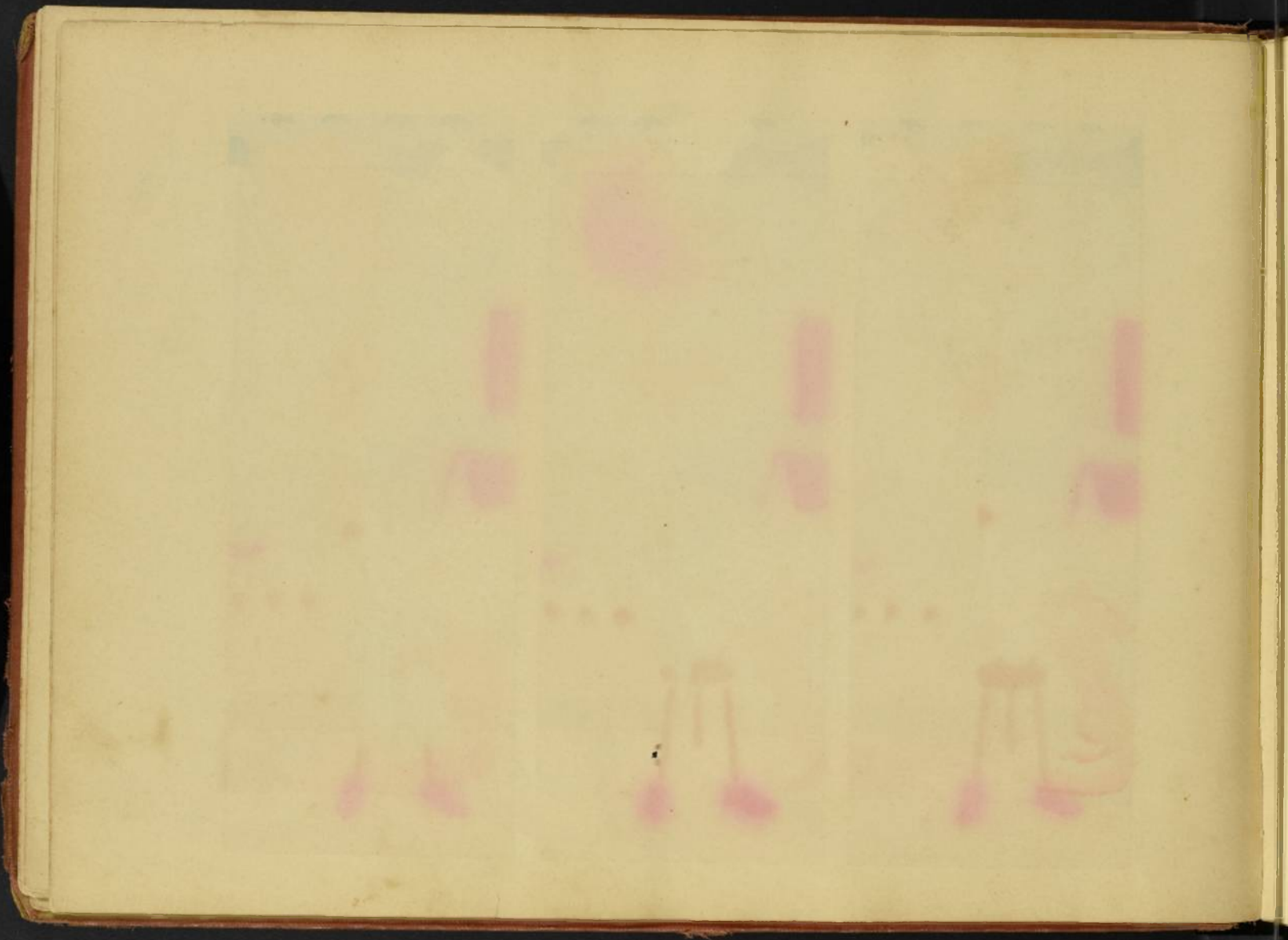
— Vês tu, diz-lhe a abelha, nunca se deve zombar do proximo, e o epitheto que tu me atiraste, eu t'o devolvo da mesma fórma. Tu podes ir agora fazer serviço n'uma caravana.



SINGULAR PERSONAGEM  
OU O GANSO ENDOMINGADO

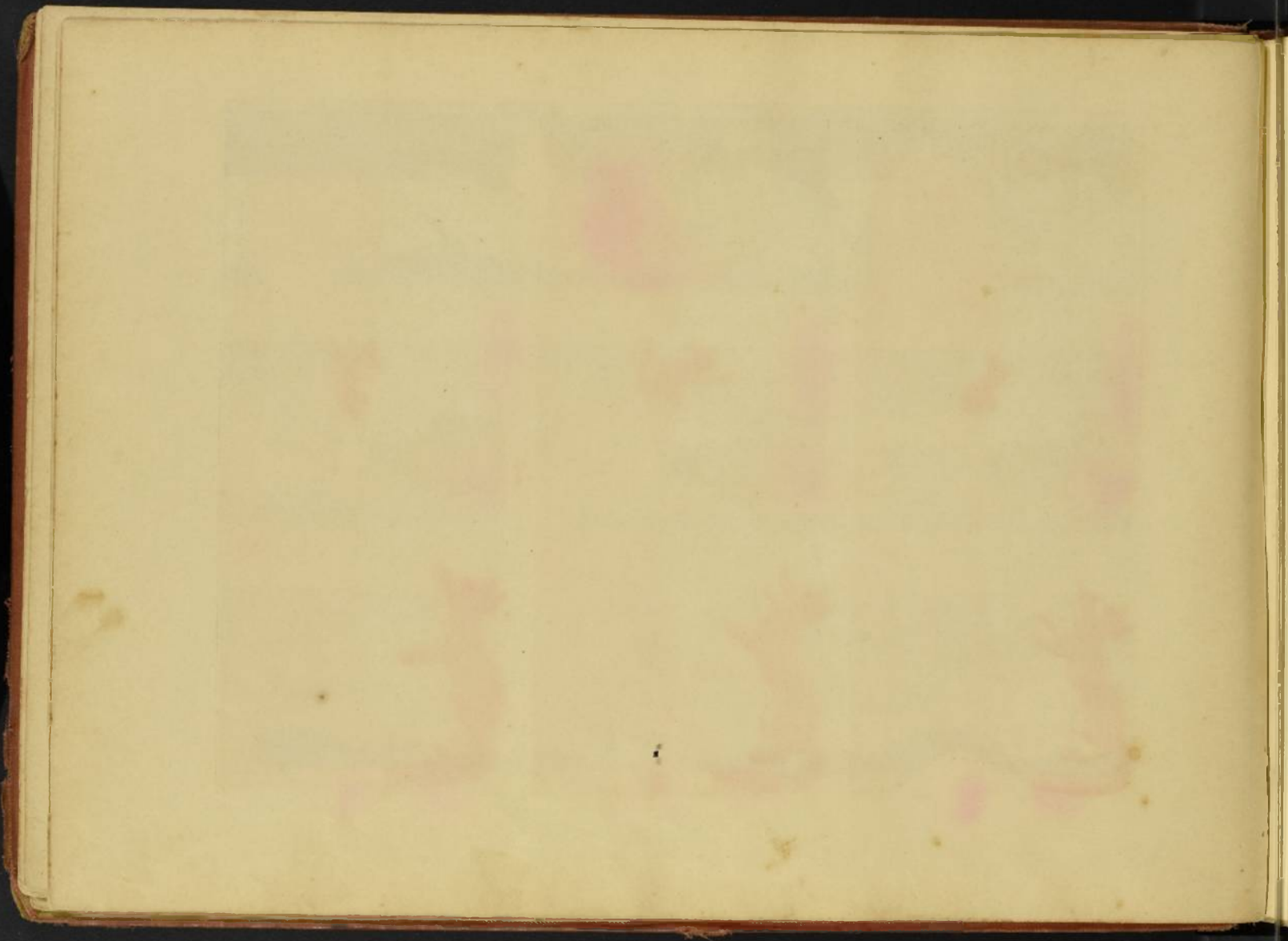
8

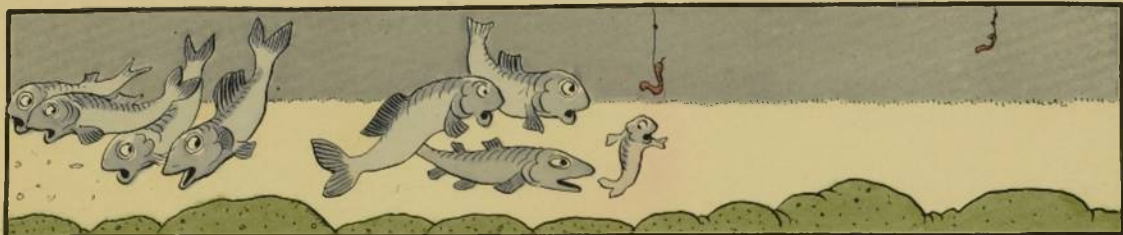






Um raposo, que tinha ouvido contar a historia do corvo com o queijo, do bom La Fontaine, representava deante d'um corvo que encontrou a comedia do heroe da fabula. — O passaro deixou-se apanhar com os cumprimentos do fino compadre, abriu um largo bico e deixou cahir a preza; mas aconteceu que um esquilho que habitava no andar de baixo e que conhecia os seus classicos, sabia de cõr a celebre fabula. Assim o roedor aproveitou-se para si da sua boa erudição. Por esta vez, mestre Raposo, foi mystificado!





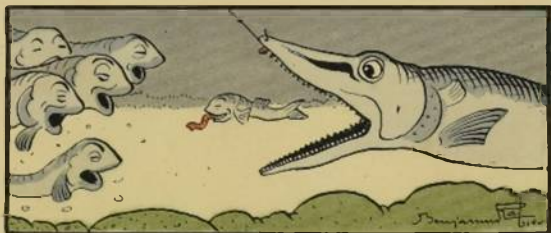
— Uma solha voraz e gluttona devastava o rio. Carpas, ruivacos, tencas e doirados viviam numa perpetua inquietação. Um certo dia um pequeno ruivacosinho reuniu os peixes amedrontados e propoz-lhe desembaraça-los do seu terrível inimigo.



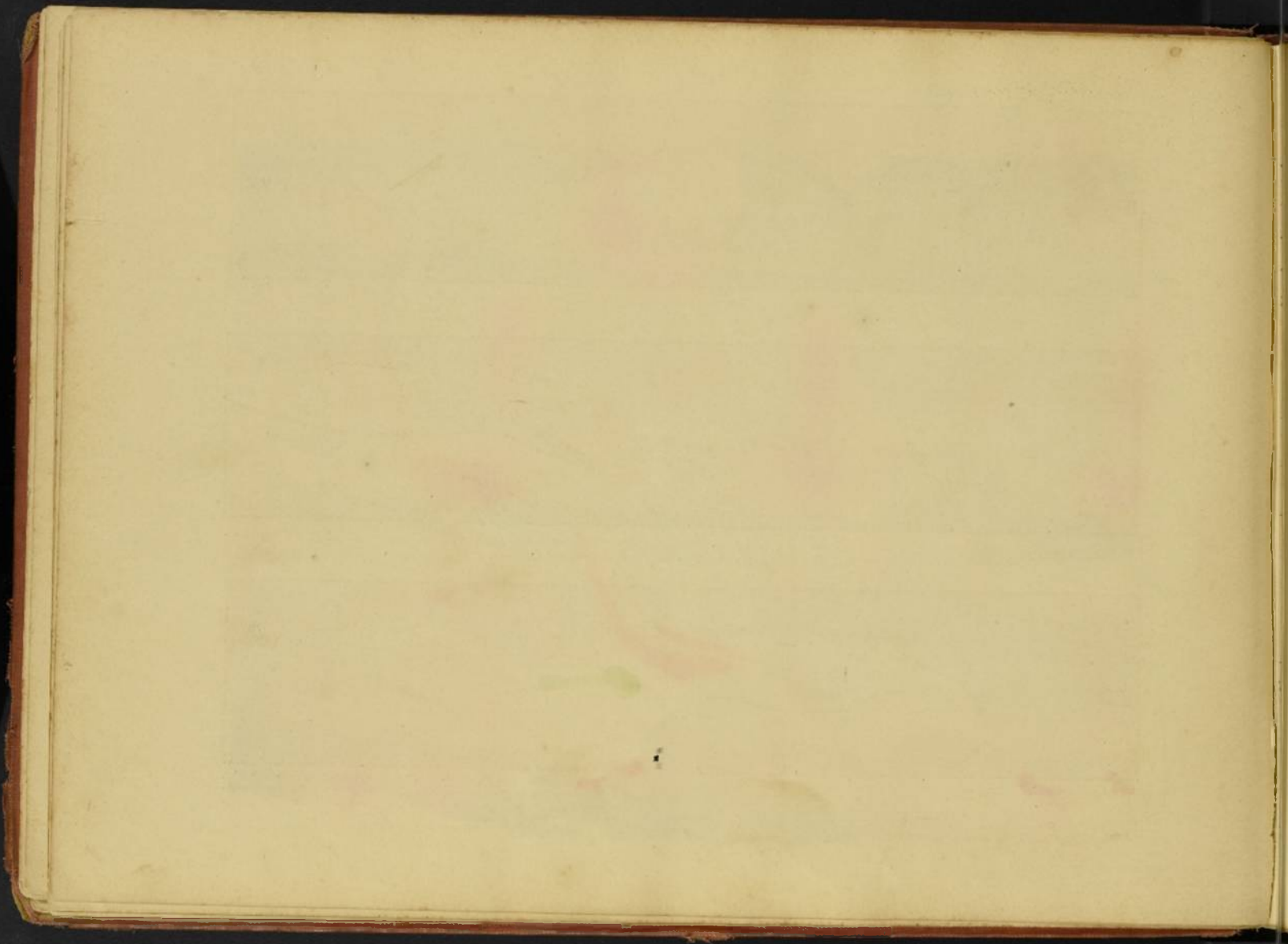
Dizendo isto, o peixe-zito que acabava de avistar a solha, dirigiu-se para uma linha de pescador que elle viu ser resistente, mordeu a isca, sem tocar no anzol, e esperou pela chegada da solha, que abriu uma larga guele, ao avistar o ruivacosito.



— Apenas a solha fechou as maxilas, puxou o pescador a linha e o anzol enterrou-se.

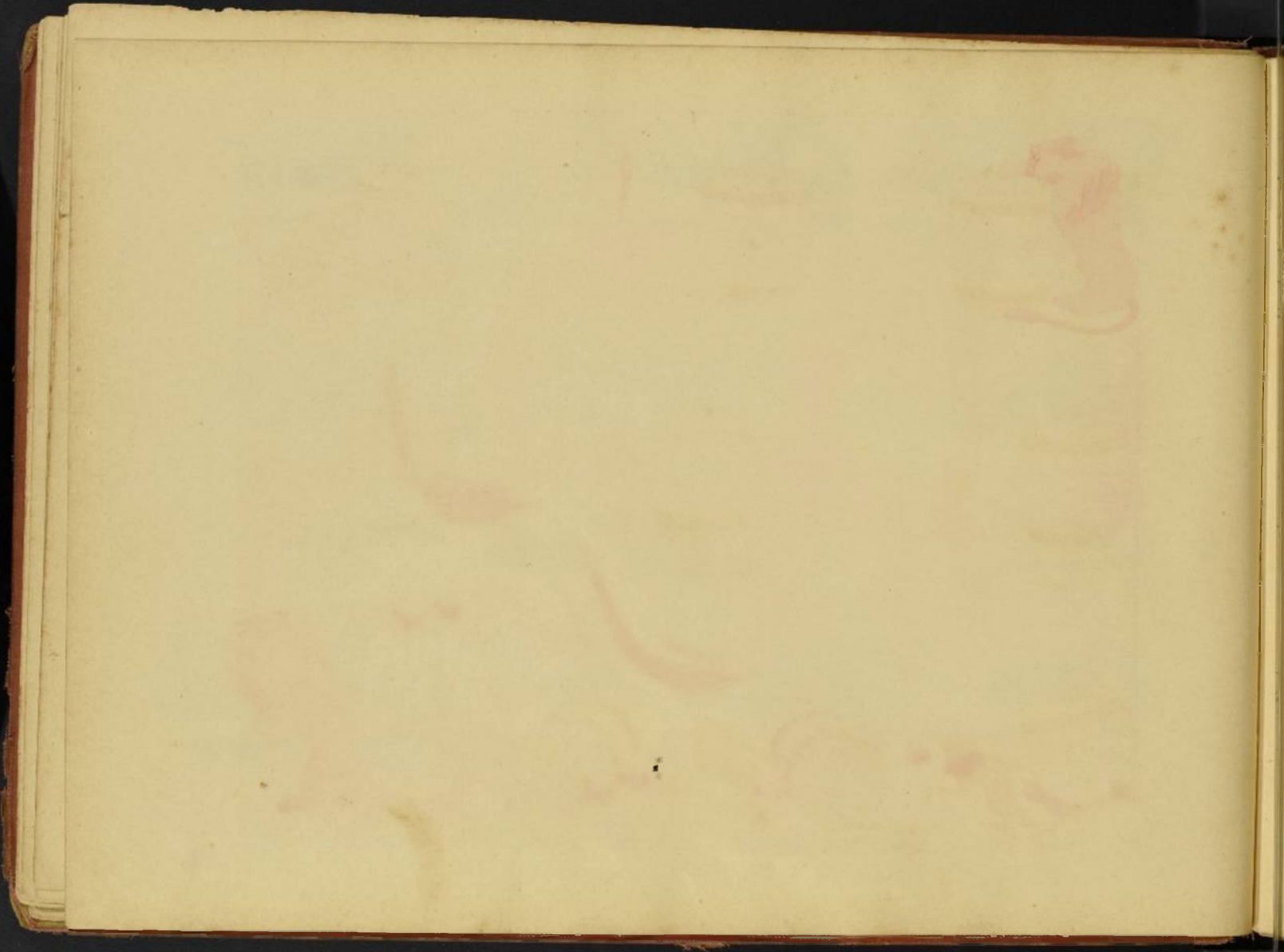


— O gigante dos rios, abriu uma grande bocca e, aos olhos maravilhados dos hospedes do rio, appareceu o corajoso peixe-zito com um grande bicharoco na bocca. Quanto á solha, acabou os seus dias numa esplendida fritura.





Desvio d'uma cascata para alimentação d'um lago.





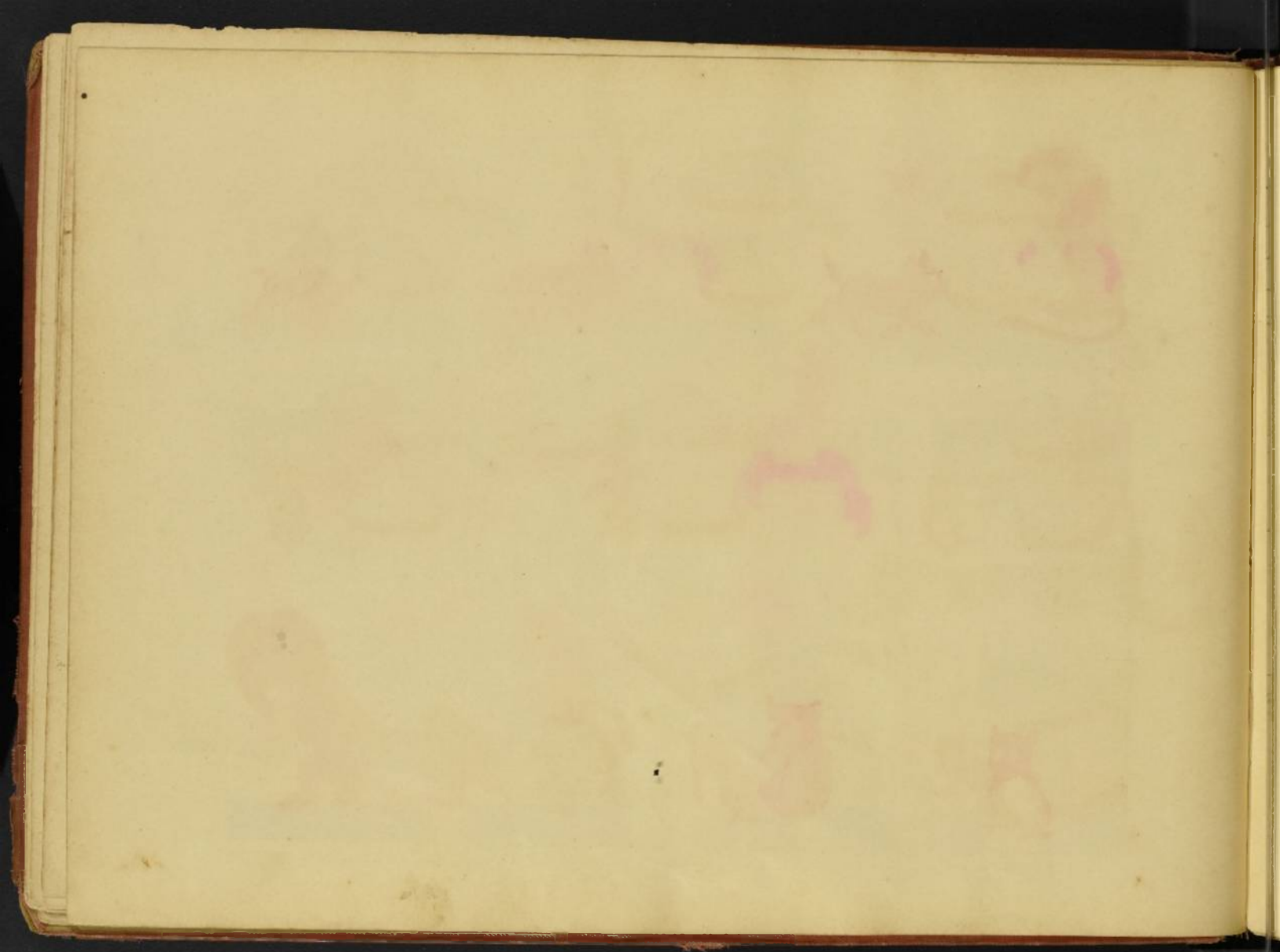
Quando Sua Excellencia o Leão, quer ter a extravagancia de almoçar macaco, mette n'uma pipa, grande quantidade de avellãs. O fulvo afasta-se em seguida.



Jocko chega, attrahido pelo perfume dos fructos, passa delicadamente a mão e o braço pelo lado do tunnel onde ha uma abertura sufficiente para entrar a mão, e apanha um punhado de avellãs, e tantas quantas pode apanhar.

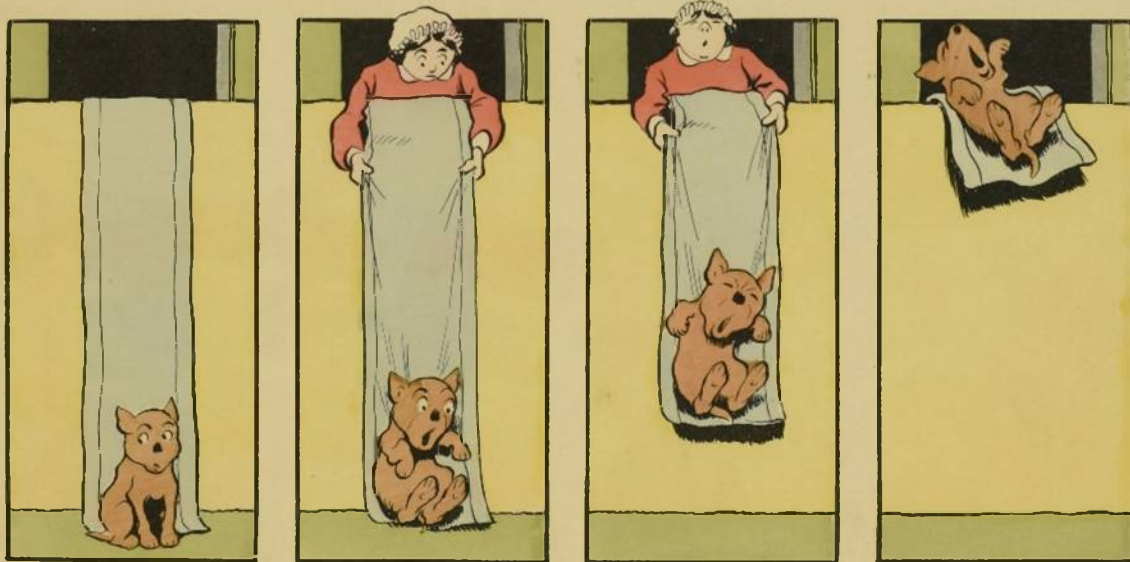


Jocko quer tirar a mão. Impossivel, o punho engrossado pelas duas duzias de avellãs que tem, não pode passar pelo buraco e o pobre macaco recusa-se a abrir a mão, com medo de perder a presa. E'então que chega, Senhor Leão que pega docemente pela mão de Jocko e o leva seguido da pipa que servirá para apanhar o prato de resistencia de numerosos almoços.

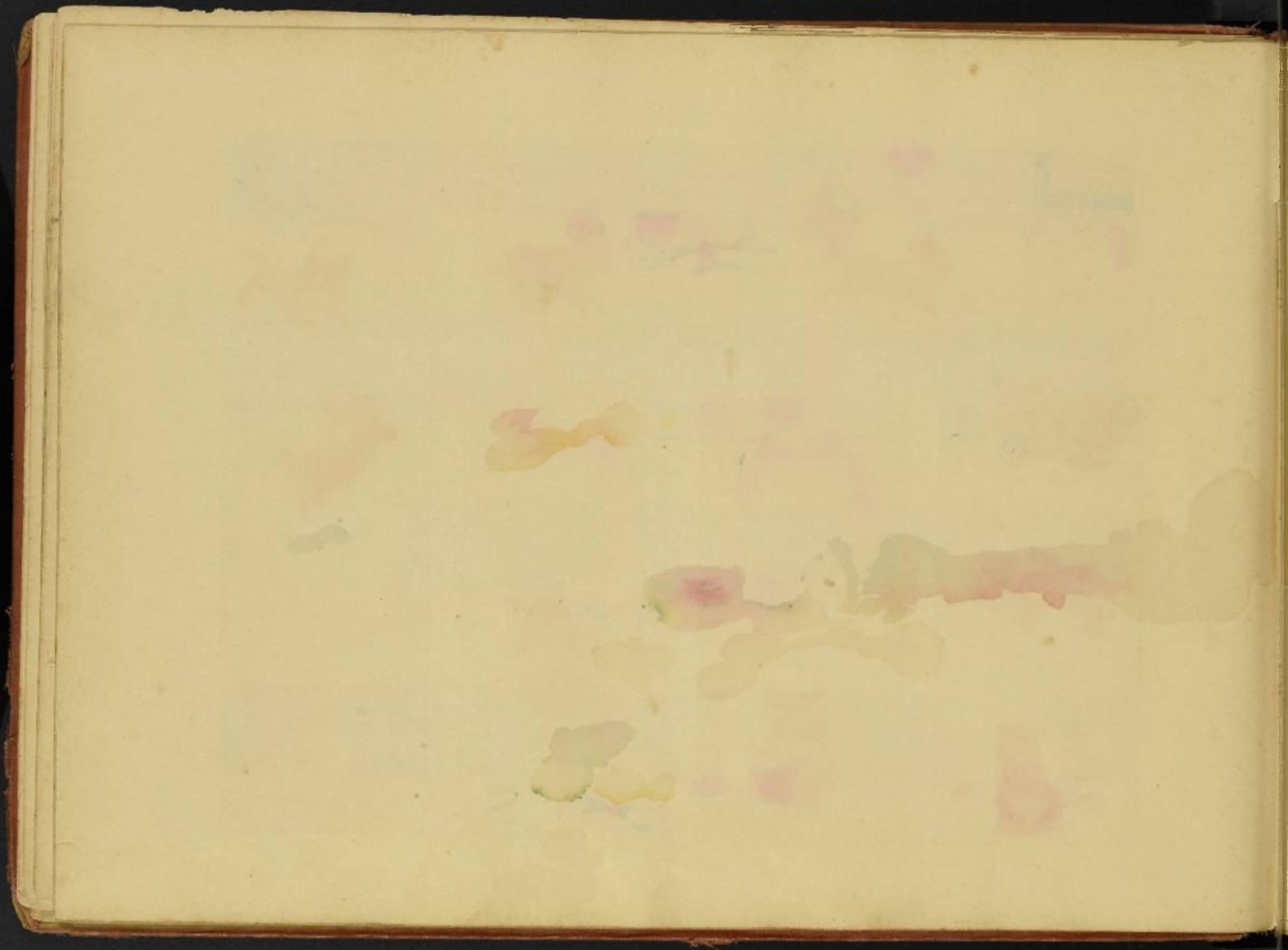




Azor, chamado Nexe em tudo, entorna nas costas uma caneca de cola forte.

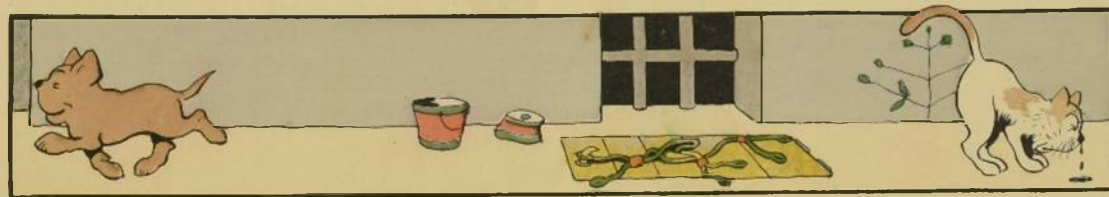
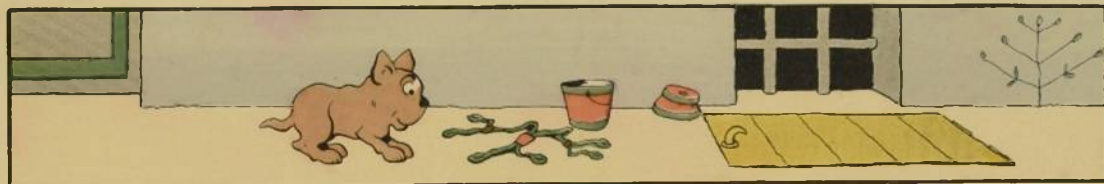


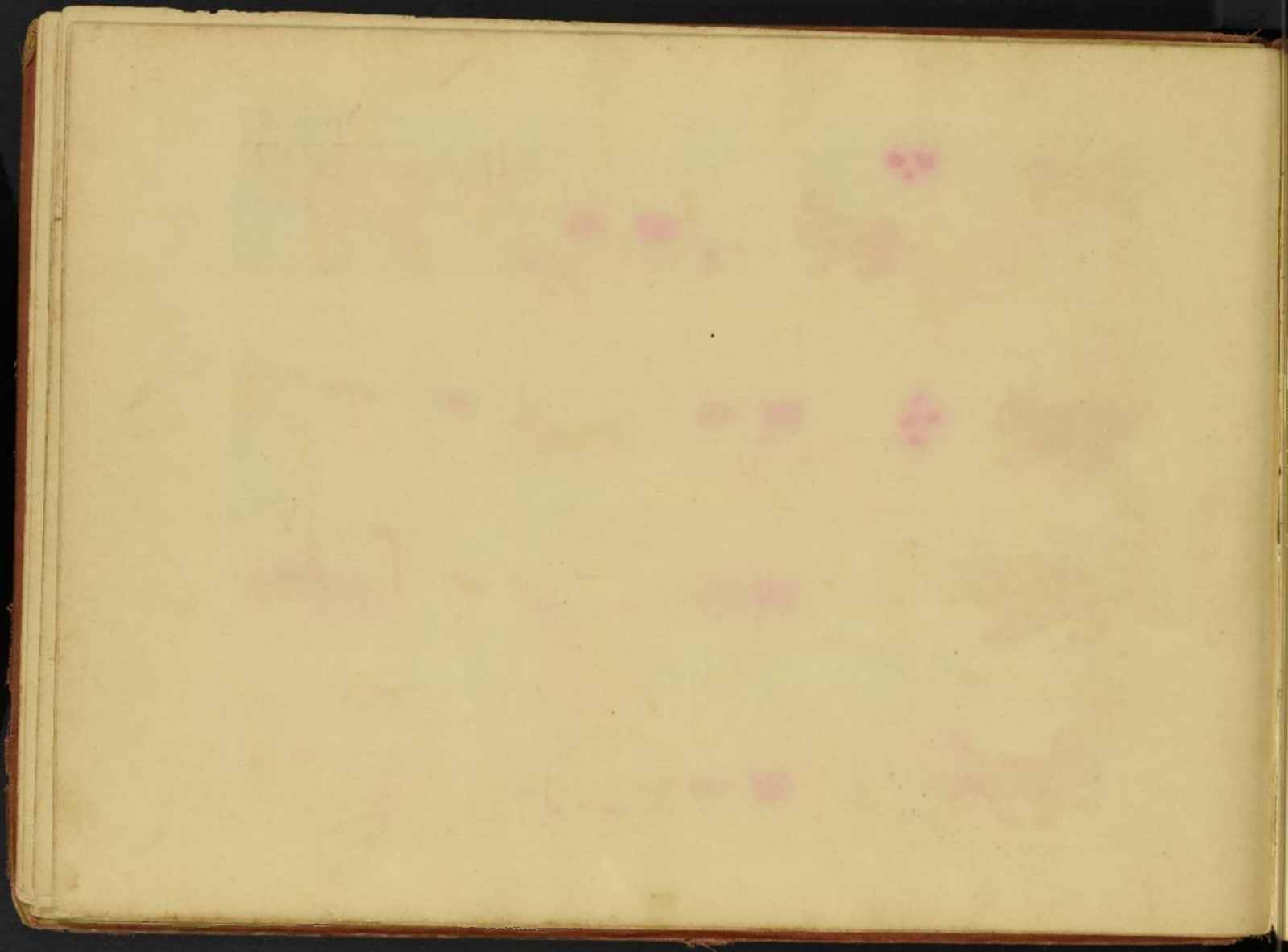
O pobre canito, depois da sua falta de jeito, vai tranquillamente encostar-se á parede da casa, esperando que a cola seque!



O CÃO E O GATO  
OU OS SUSPENSÓRIOS ELÁSTICOS

14







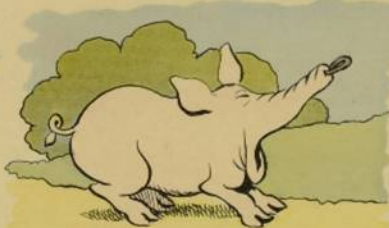
Orelhudo, tem o mau hábito de focinhar na terra; assim, para lhe fazer passar este detestável hábito, o seu dono teve a ideia de lhe pôr uma argola na tromba. Pobre Orelhudo!... Conservará toda a vida a lembrança desta argola.



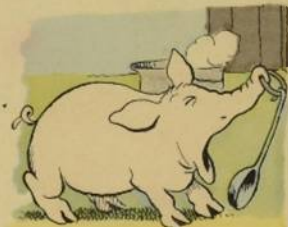
Quando passeia, prende a argola a uma cabra que pasta.



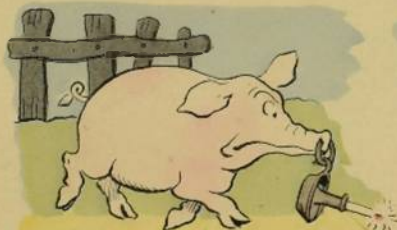
Mais adiante é ao gancho do alçapão da adega que se prende.



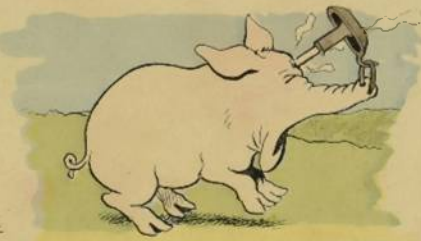
Pobre Orelhudo! a dor faz-lhe arrancar gritos lamentáveis.



Quer saborear a sopa... Olha para um bocadinho de toucinho... é a aza da caçarola que traz.



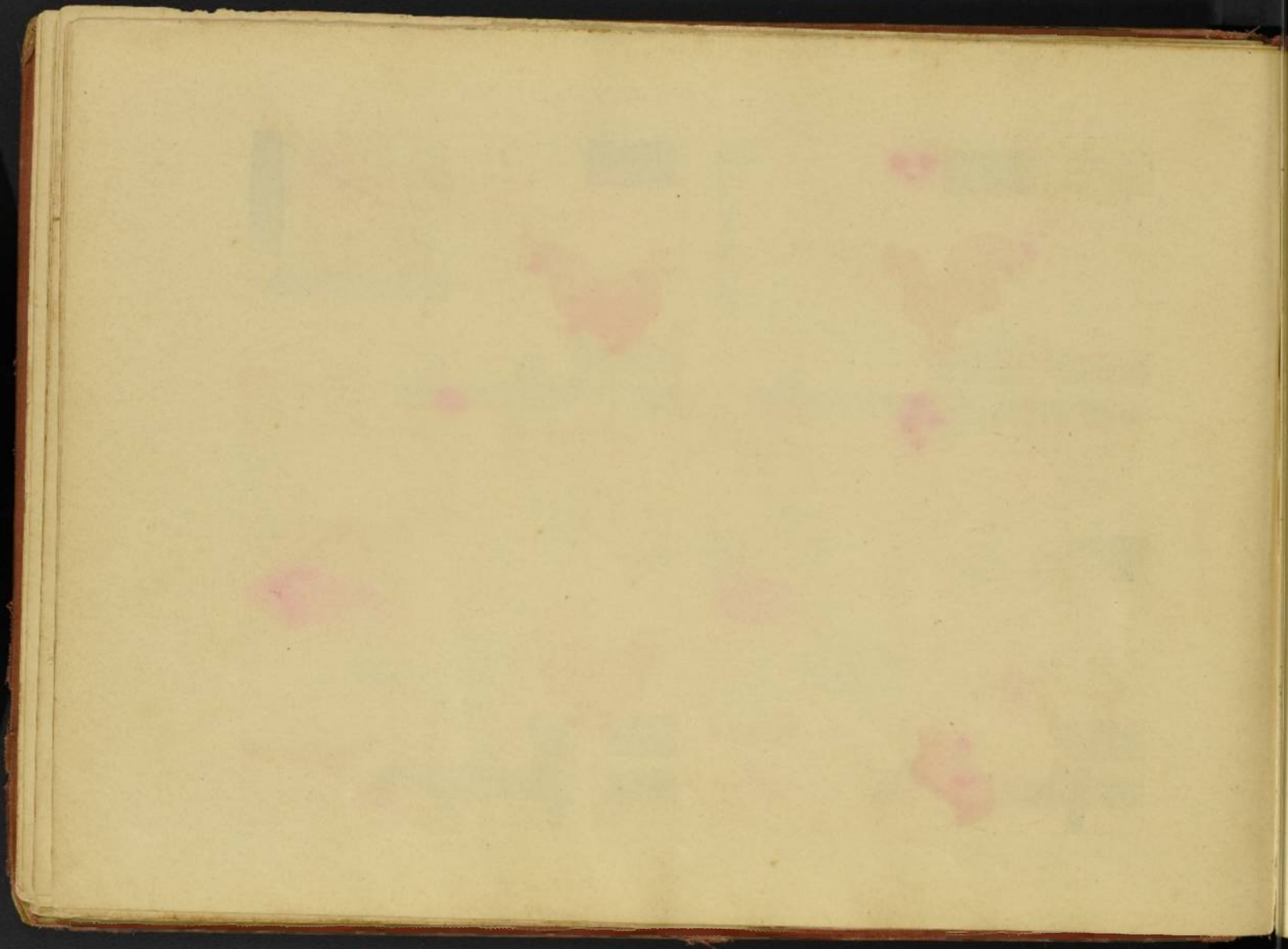
Ao passar na adega, traz consigo a palmatoria.

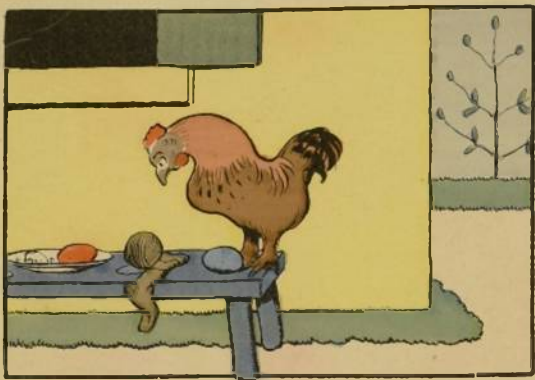


Com um gesto brusco, quer tira-la... Pobre Orelhudo!

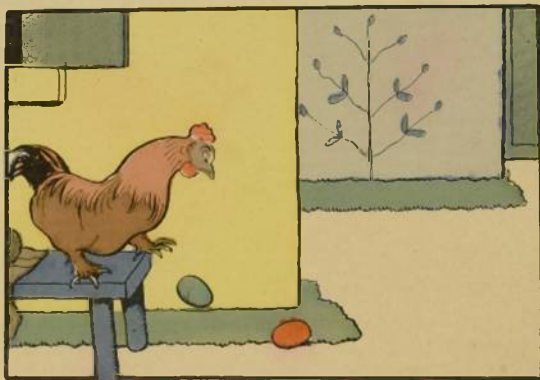


Enfim... a estação das tuberas voltou. Feliz Orelhudo, que quer focinhar a terra!

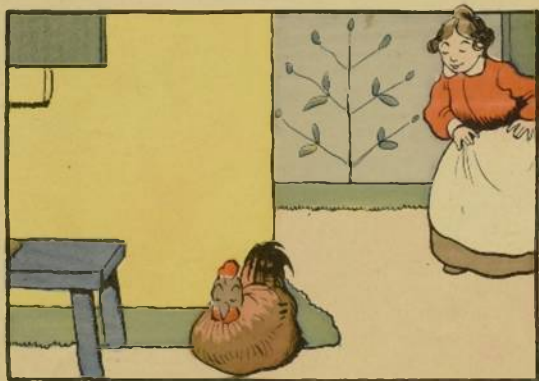




— Olá... eis aqui uma boa ocasião de manifestar o meu amor pelas cores nacionais. Com este ovo de madeira que serve para repassar as peugas...



— E este ovo vermelho, resto do almoço da patrão.

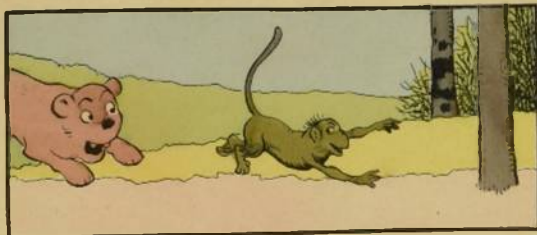


— Eu não tenho muito que fazer para obter as três cores.



— Viva a França!!!





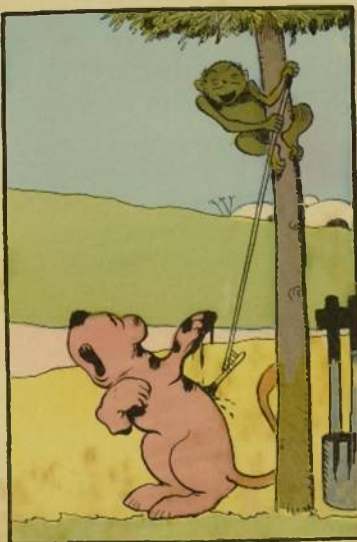
O MACACO. — Vem para aqui, minha pequena...



O MACACO. — Queres tu fazer uma partida de gato empoleirado?



O MACACO. — Deixe-me fazer, senhora Leão, e não grite assim...

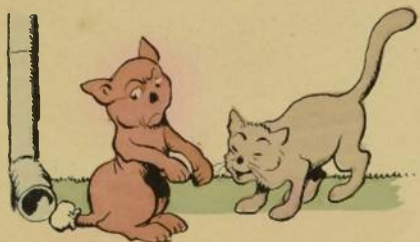


O MACACO. — Eu estou a começar a orná-la.



O MACACO. — E a leão, mudada em leopardo, não foi reconhecida pelo leão, seu marido, que a impediu de entrar na caverna conjugal. A pobre leão não pôde suportar tamanha desgraça e morreu pouco depois de desgosto.

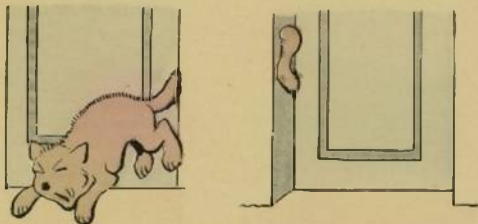




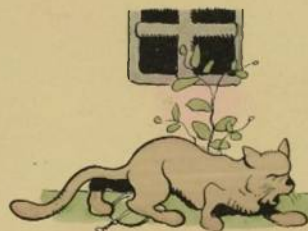
— Meu pobre Tom... o teu dono mandou-te cortar o rabo... Como eu te lastimo...



— Ai! ai! estúpido vento, que faz cair os vasos de flores. Este sítio não é agradável!... Saíamos d'aqui.



— Ai! ai! Tenho o rabo entalado na porta, ora ali está o vento a fazer das suas...



— Hoje não tenho sorte. Saio dum mal para ir para outro peor.



— O que é que eu dizia... Aqui estou eu preso na ratoeira!... como um simples pardal!



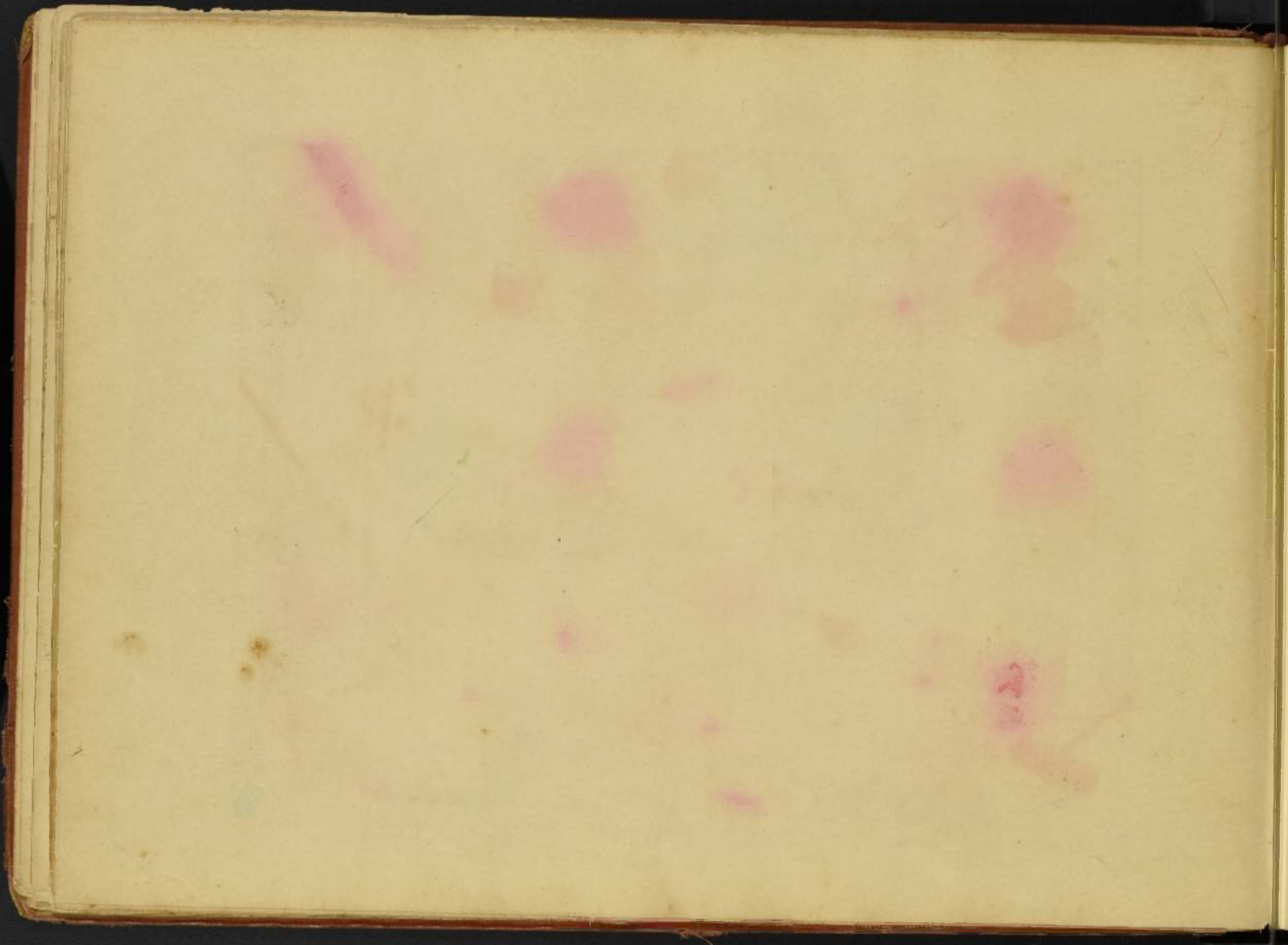
— Bem!... Agora é o ancinho que me tortura. Como tem os dentes compridos.

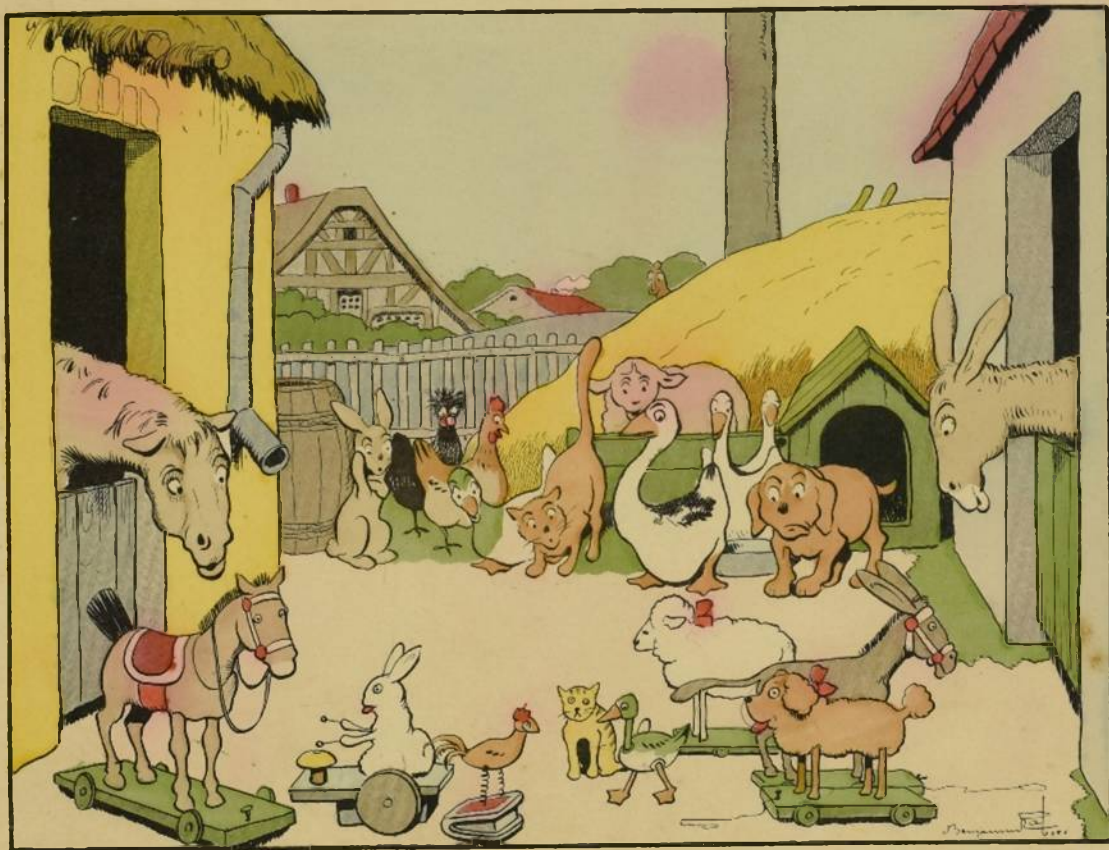


— Socorro!... Quem me acode... Tenho o diabo atrás de mim!!!

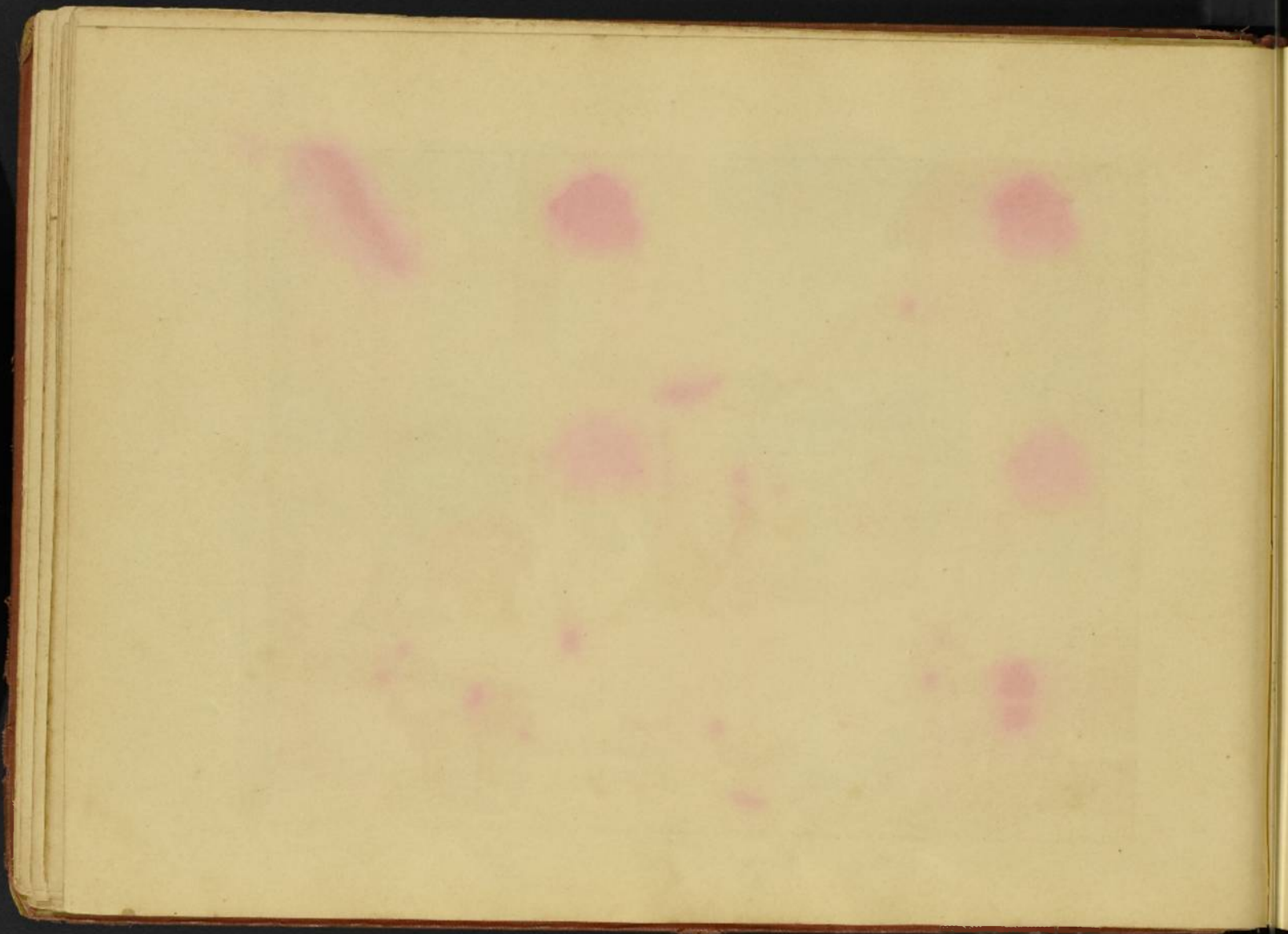


— Este cão... teve sorte em lhe terem cortado o rabo!  
— Eu vou pedir ao meu dono para me fazer o mesmo.



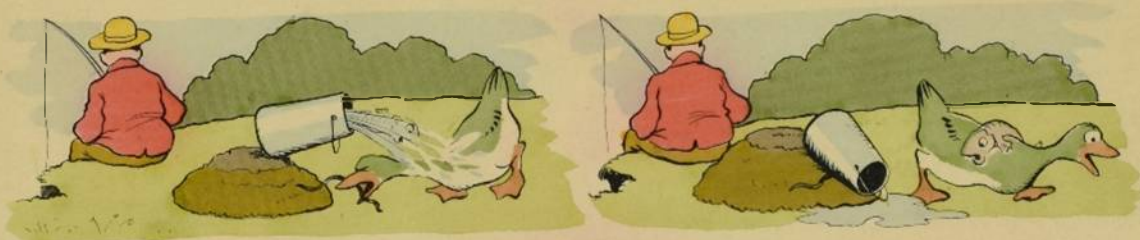


Pasmo dos hospedes do patego deante da exposiçõ de brinquedos que o joven Lula recebe como amendoas.





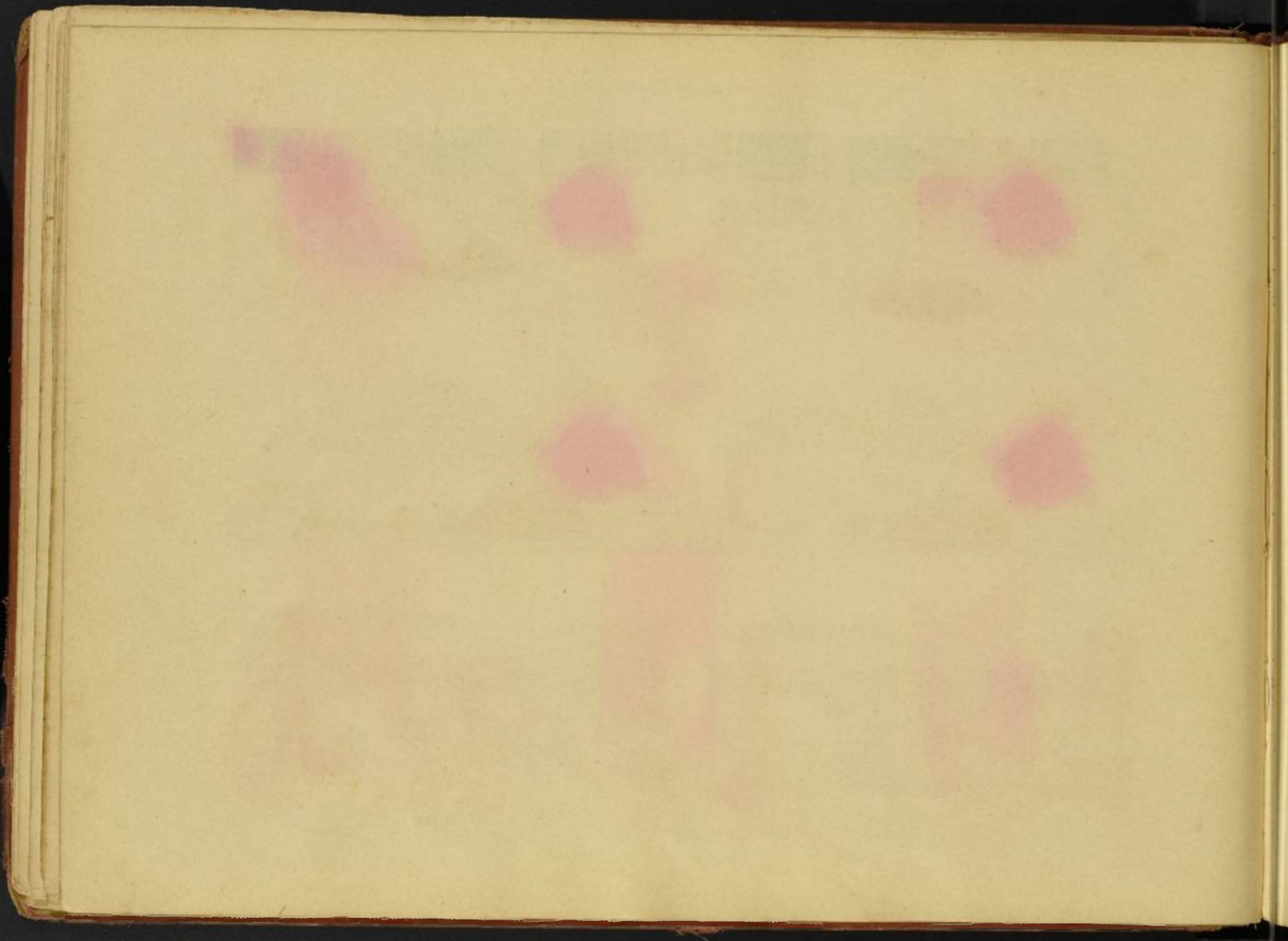
Numa leiteira, um ruivaco aborrecia-se... Debaixo da leiteira deslizava uma minhoca. Coá, coá !... E'o pato...

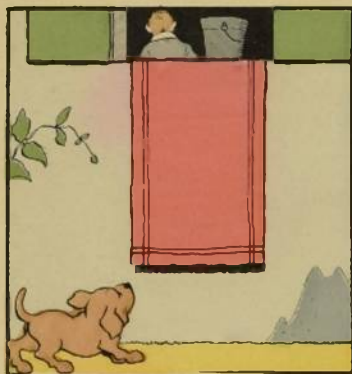


Que se precipita sobre a minhoca, puxa-a e faz oscillar a leiteira cujo conteúdo cae nas suas costas.

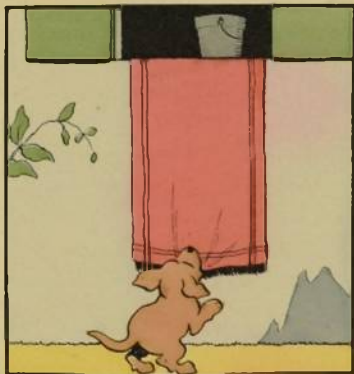


O pato amedrontado lança-se á agua. E'o que esperava o ruivaco que por seu turno se precipita para a agua e jura que nunca mais alli o agarrarão !





Azor é curioso.



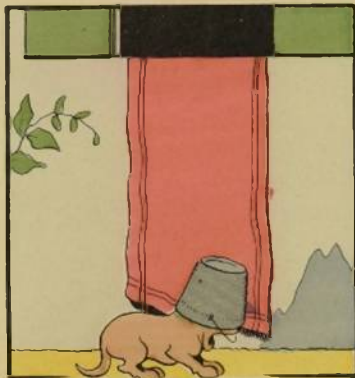
— Eu quero saber o que ha neste balde.



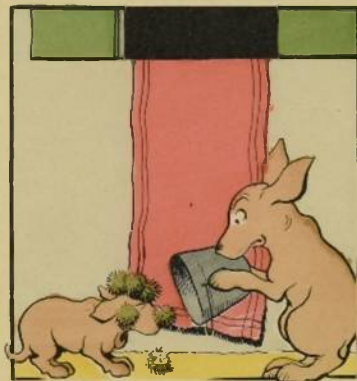
— Puxando pelo tapete faço cahir o balde.



— E saberei o que ha deentro.

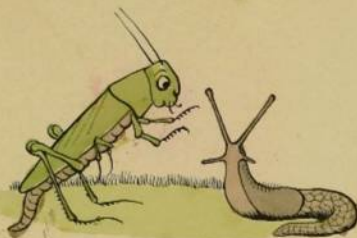


— Apre! que isto não é agradável!

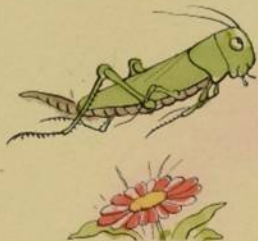


— Azor está satisfeito! Sabo o que continha o balde. Eram ouriçus!





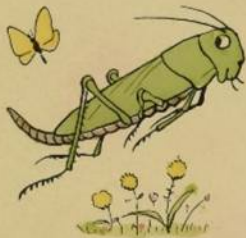
— Como a tua sorte e a minha são diferentes, diz a lesma para o gafanhoto : Eu subo e ando um centímetro em cinco minutos.



— Quando tu podes com um salto transpôr para mais d'um metro! — É verdade, responde o gafanhoto, tu caminhas lentamente, mas tu sabes onde vas.



— Quando as minhas pernas me atiram, eu não conheço ainda o fim da minha trajetória. Eu não calo sempre no calice duma cheirosa flor.



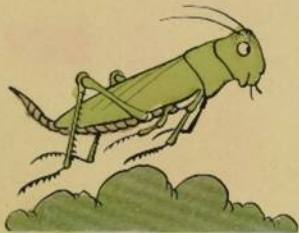
— Eu posso cair, como já me aconteceu...



— Numa velha caixa, de graxa abandonada sobre a erva.



— Vês tu em que estado eu me levantei ! ?



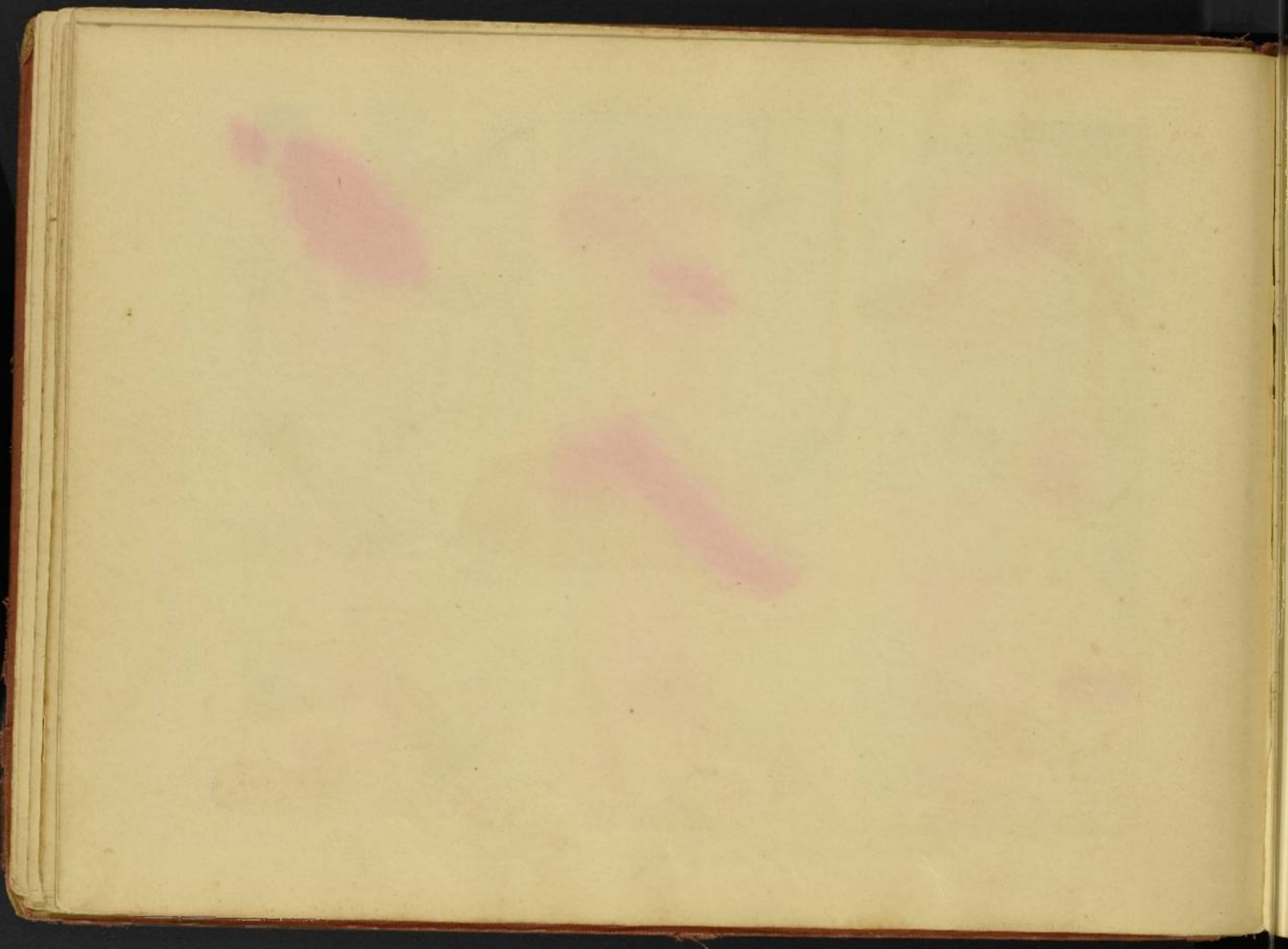
— Quantas vezes o meu caminho é impedido.

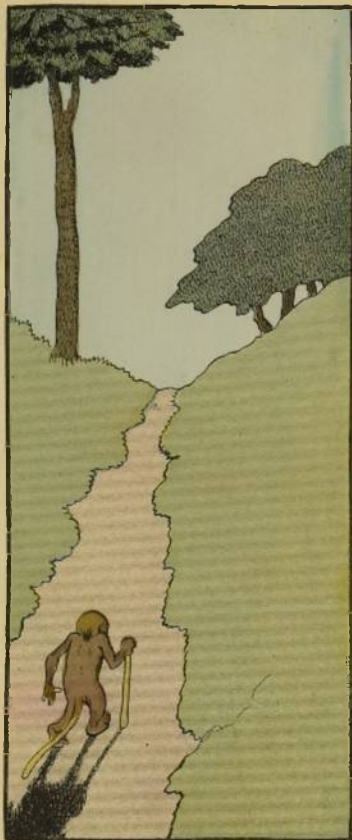


— Pelo agulhão perdido d'um malevoloso espinho. Acredita-me, lesma...

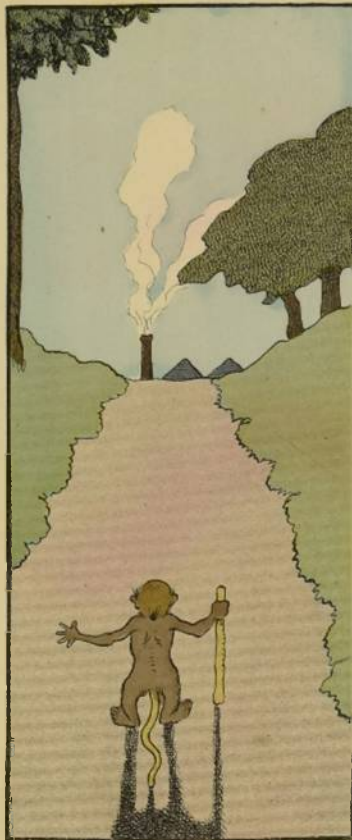


— A natureza fez bem as cousas, e o melhor para ser feliz, é estar satisfeito com a sua sorte!





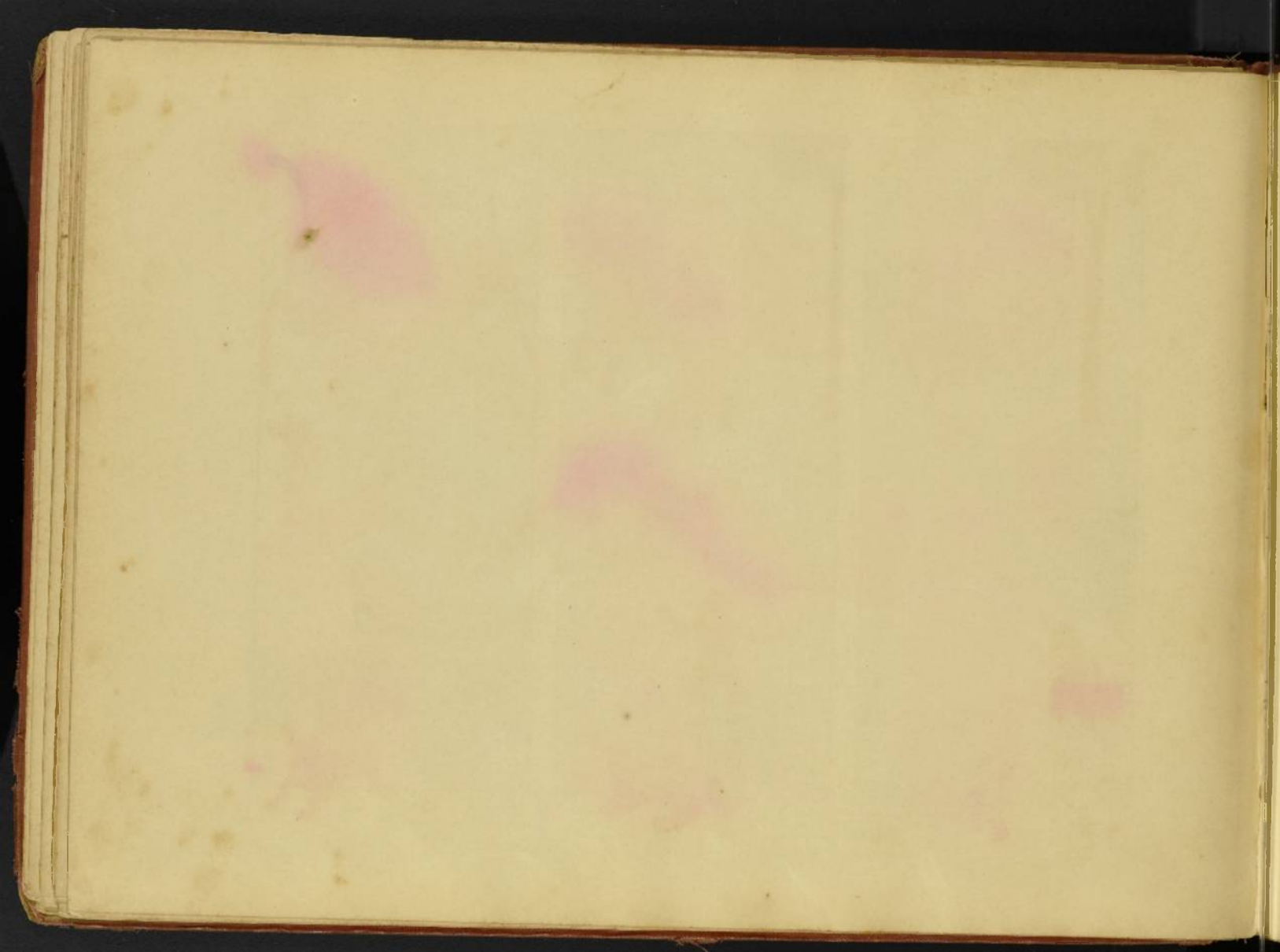
— Estou cansado... Há já mais de dois dias que ando sem poder encontrar um lugar habitado, onde eu possa pedir hospitalidade.



— Oh! alegria!... Uma chaminé, casas... Estou salvo!



— Ora esta, pode-se bem dizer que estiveram a troçar connigo!





— Olá... Uma mascara!



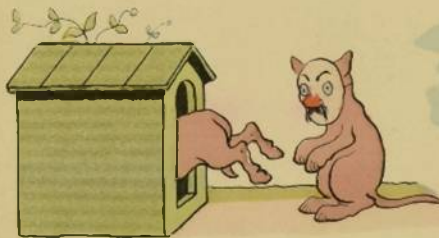
— Tenho uma ideia...



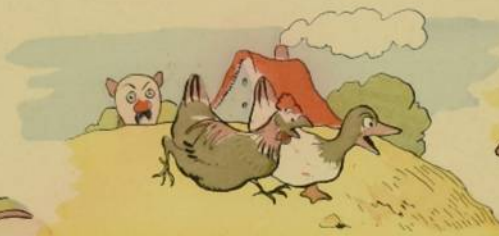
— Está-me que nem uma luva!



— Vou metter medo ao gato...



— E a este pólvre Azor...



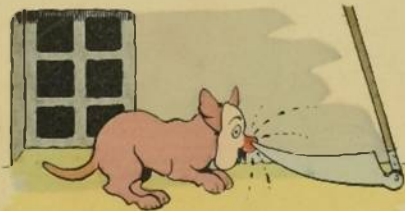
— E tambem ás gallinhas do pateo.



— Se eu fosse ver os coelhos da colheira...



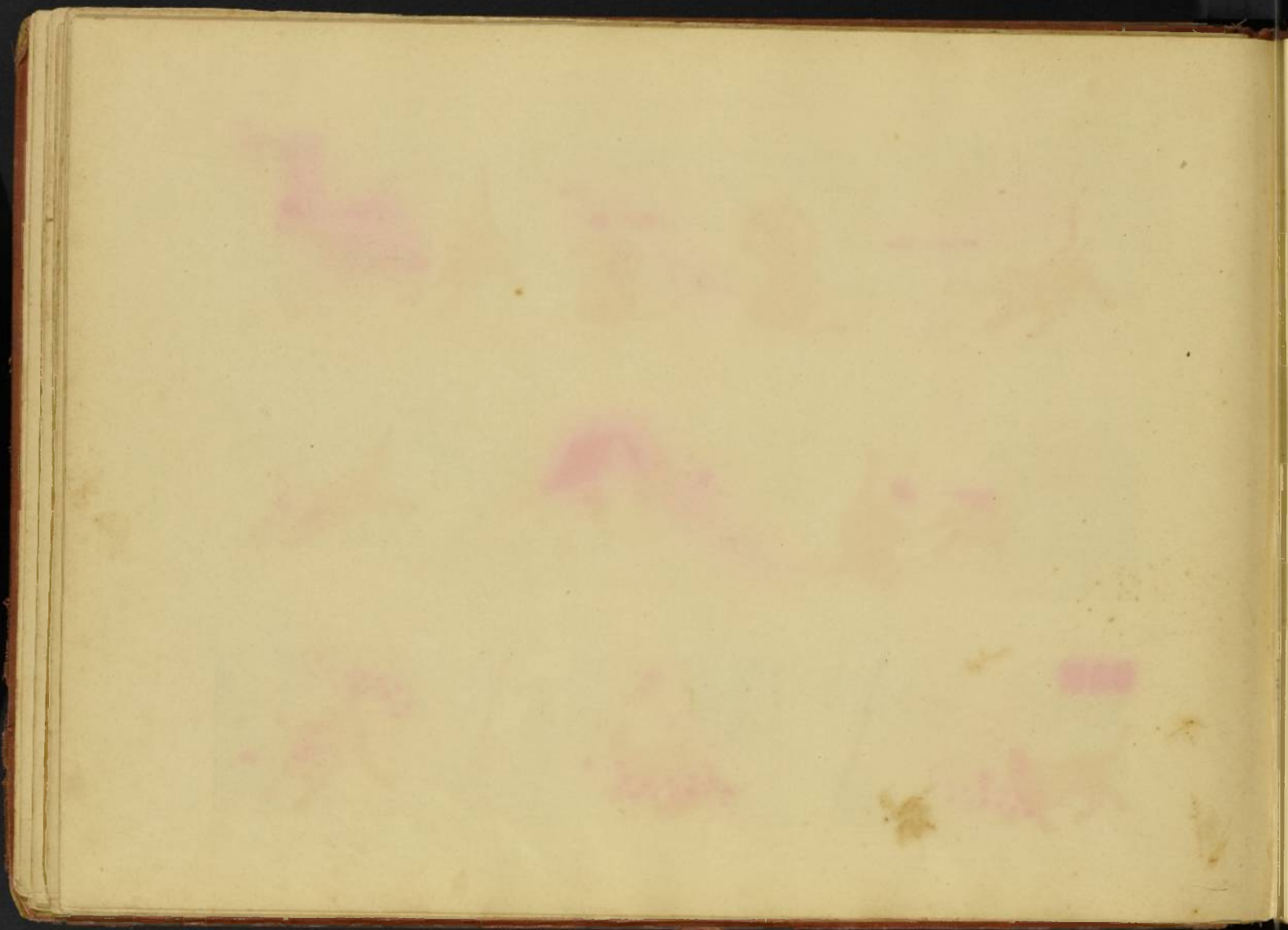
— O que me transtorna é que eu não vejo muito claro com esta coisa!



— Ah! Ah! Ah!



— Não é o nariz postigo que deixa sangue, não, é o verdadeiro!





A mascara deixada no caminho, pelo cão...



Foi encontrada por um merlo...



Que o fez tigrir...



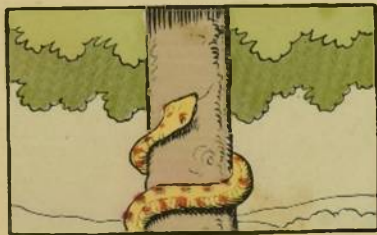
Ao principio aterrorizadlo...



A ave familiarizou-se com o achado, que ella levou consigo.



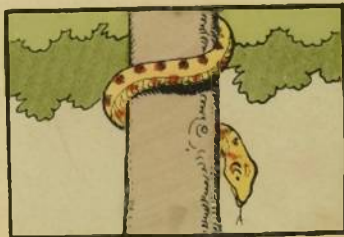
Fez com elle um ninho confortavel onde poz os seus ovos.



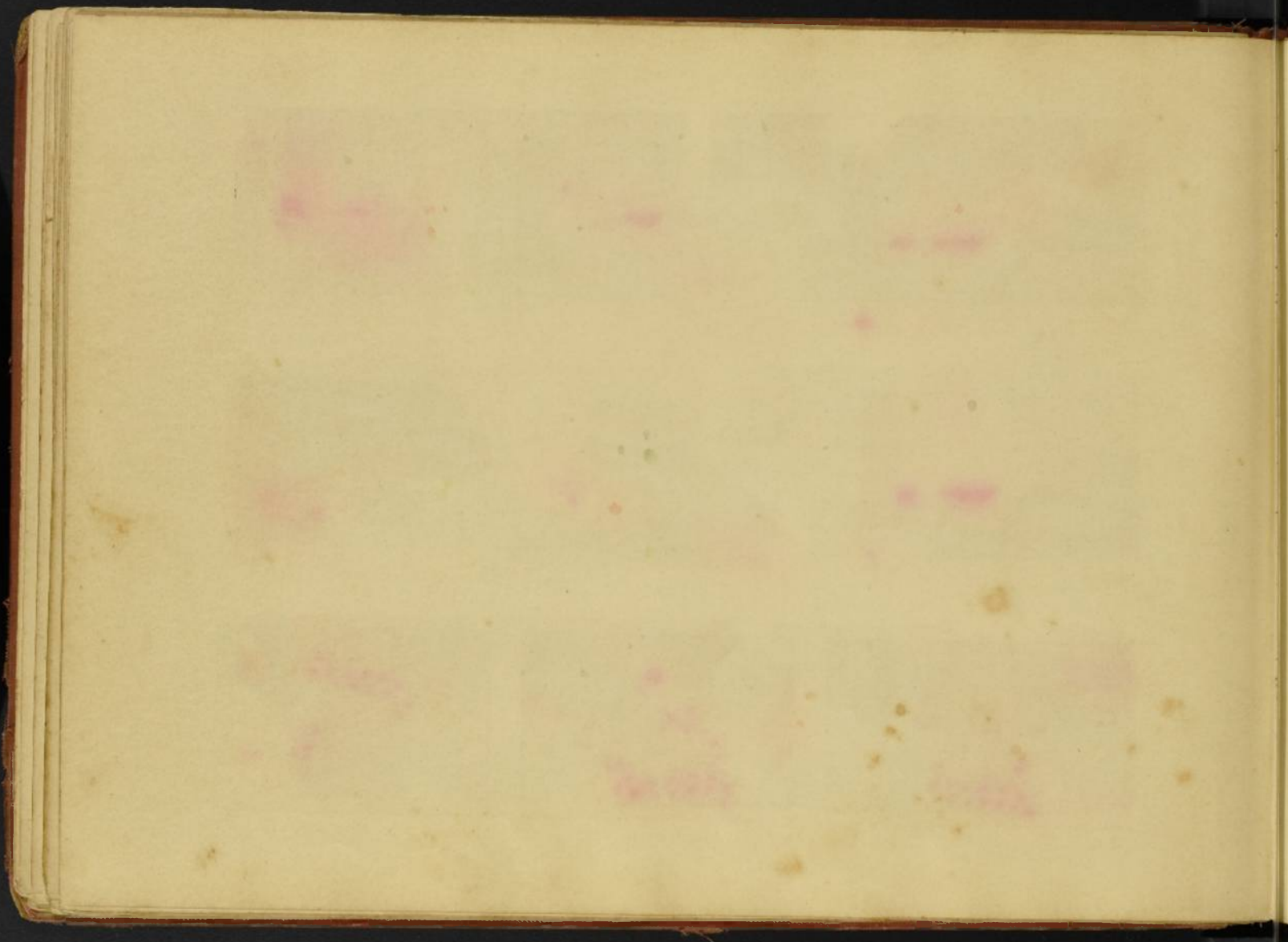
O maroto do merlo reve a sua ideia. Sabia que a serpente, grande devastadora dos ninhos.



Estava aterrorizada deante d'uma figura humana.



Assim depois desta data, vive muito tranquillo, e os seus filhos estão ao abrigo dos reptis.





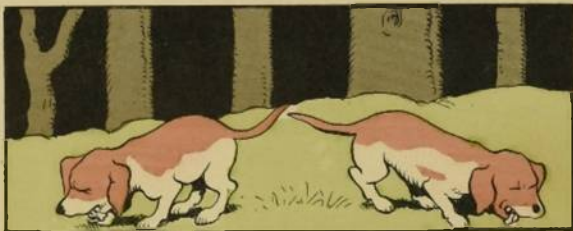
Mestre Raposo, sentindo-se perseguido por Galga e Fila resolveu fazer-lhes uma boa partida.



Reconheceu na erva uma ratoeira de lobo. Depois, escolhendo na sua toca dois ossos de carneiro, collocou-os de ambos os lados da ratoeira.



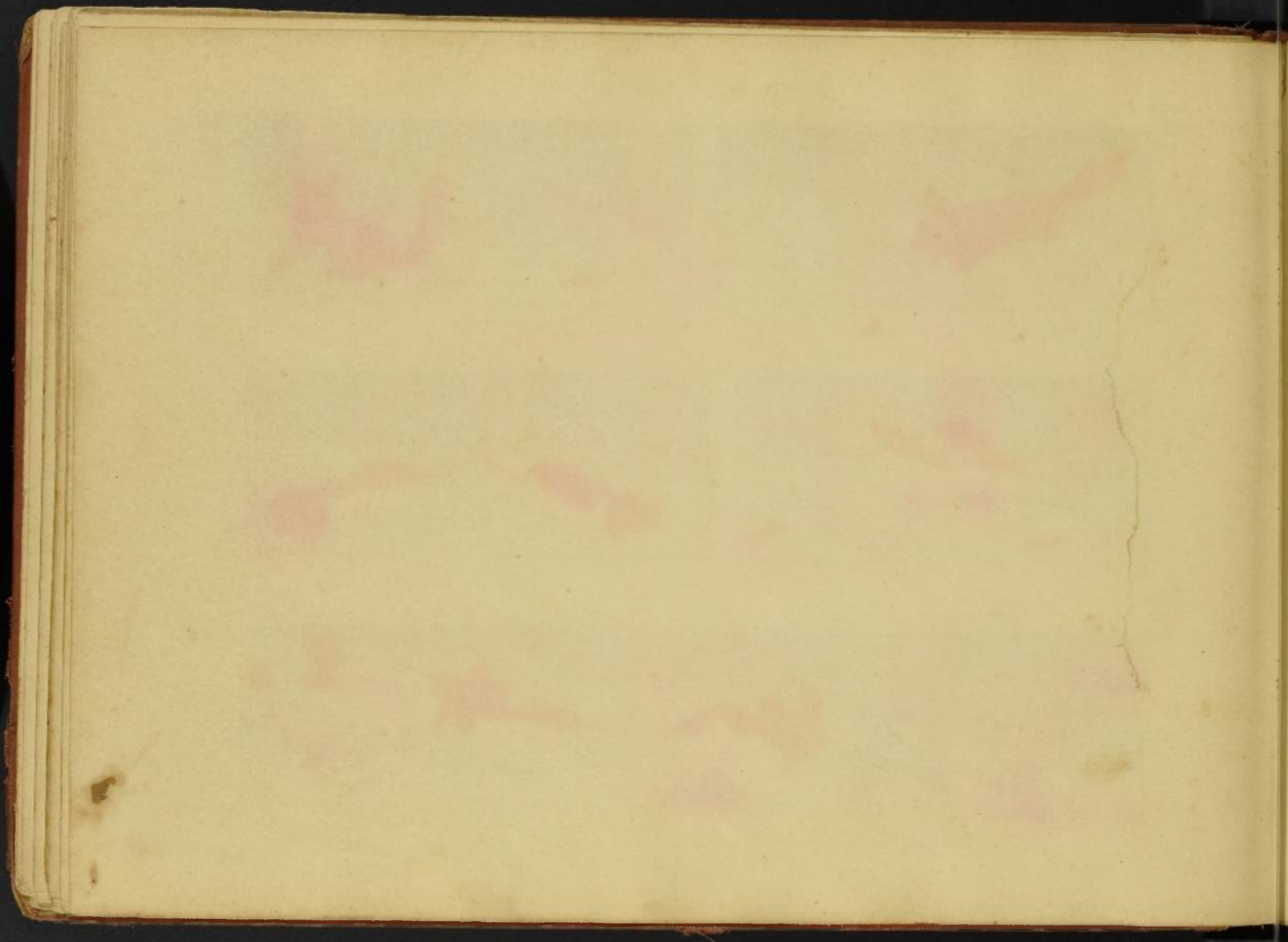
Os pobres cães de caça chegaram estafados, e a primeira coisa que viram foram os ossos do carneiro.



Com uma vontade inaudita, lançaram-se sobre os ossos que começaram a devorar, agitando a cauda e as patas trazeiras em signal de contentamento.



— Estes movimentos de alegria, tiveram por resultado, desprender a ratoeira. Pobre Galga! Pobre Fila!... Hoje não podeis ter a pelle de mestre Raposo.





— Eu vi n'uma quietação perfeita, os dias de grande sol;



— Graças a esta lente que achei na floresta.



— Quando ouço os caçadores, rollo-a a lente em cima da minha toca.

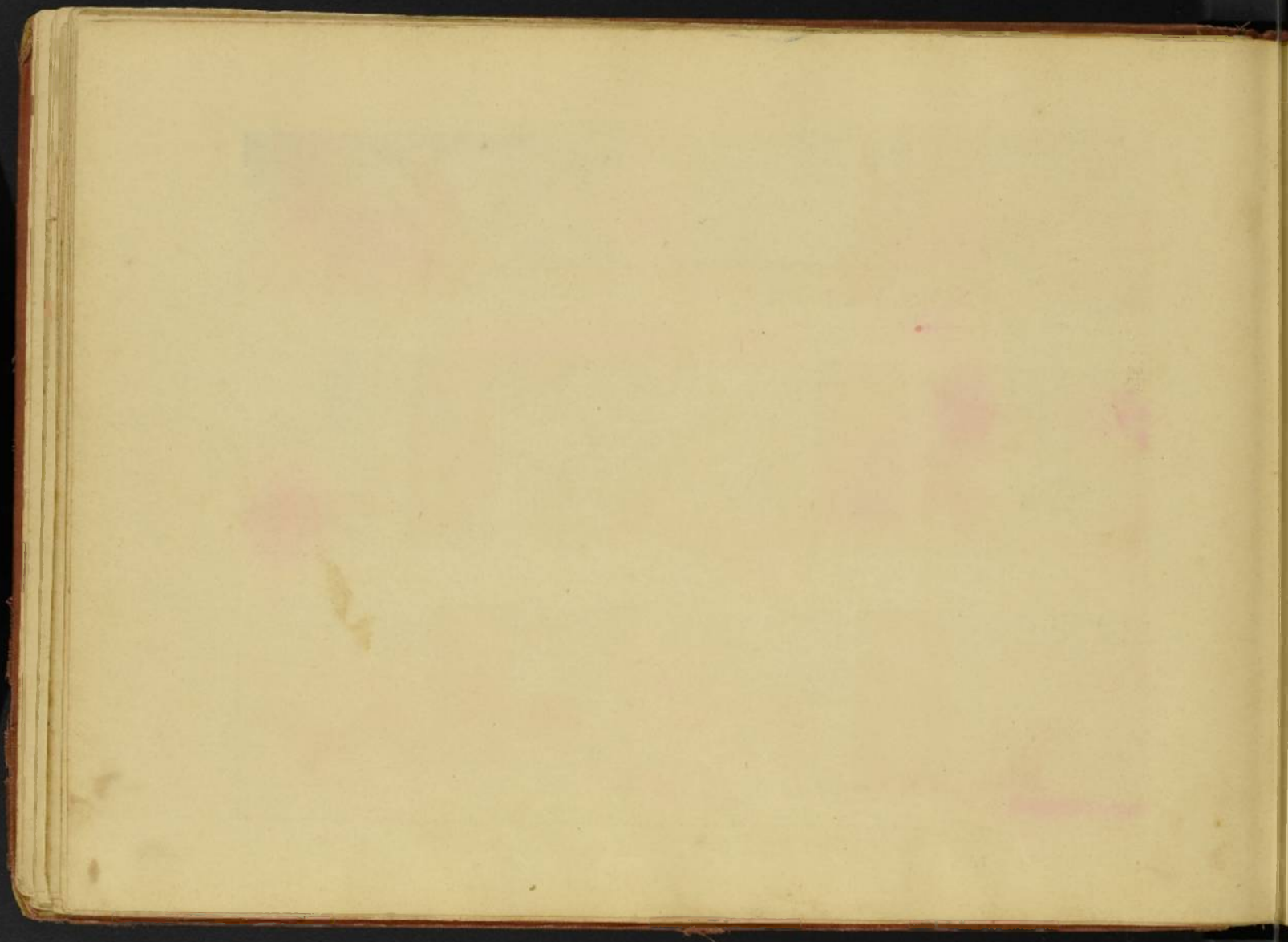


— O instrumento é mantido por uma pedra... não pode mexer-se... O caçador chega... larga o furão...



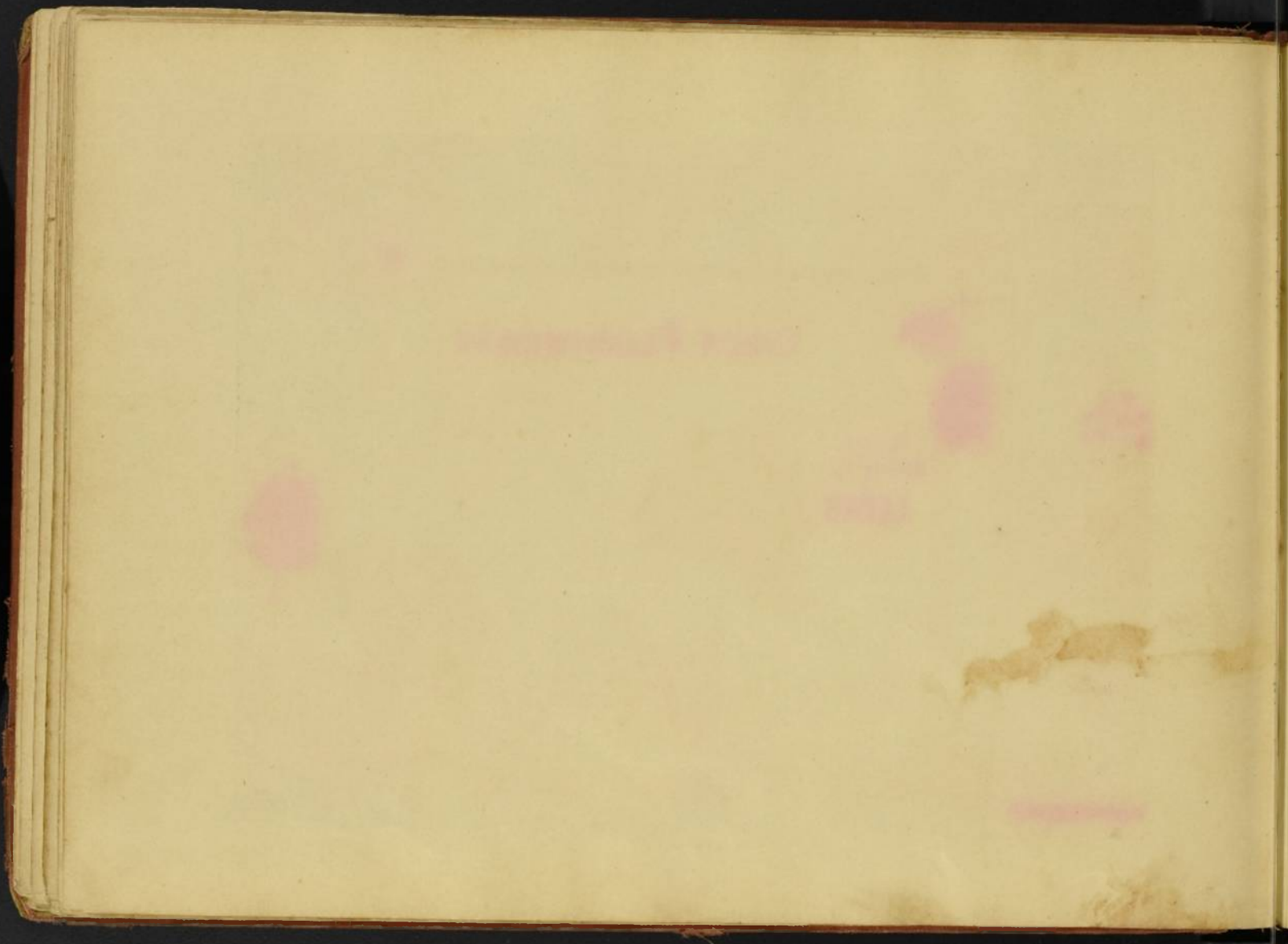
— Que quer entrar na toca, Mas é impedido por uma grande pedra que obstrue a entrada, e enquanto elle ataca a pedra para a tirar do buraco, a lente condensa os raios solares e projecta-os sobre o dorso do meu inimigo... Este abandona bem depressa a partida e foge, com as costas assado, lançando nas immediações clamores inuteis.

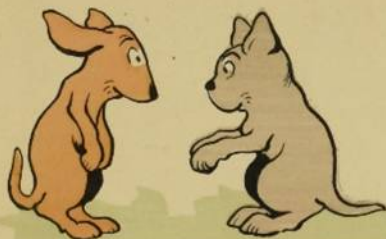






Postos fóra do deserto pelo transiberiano... vimos pedir-lhe trabalho!...





— Porque, não tomas tu lições de boxe, meu ami o.



— É um sport muito em moda nesta ocasião. É ao mesmo tempo encantador.



— Tu vaes ver .. isto, é um golpe á direita.



— E isto, um golpe de pé baio.



— Este, um golpe de pé na cara.



— Vês tu...  
— Com effeito, vejo.... trinta e scis estrellas.



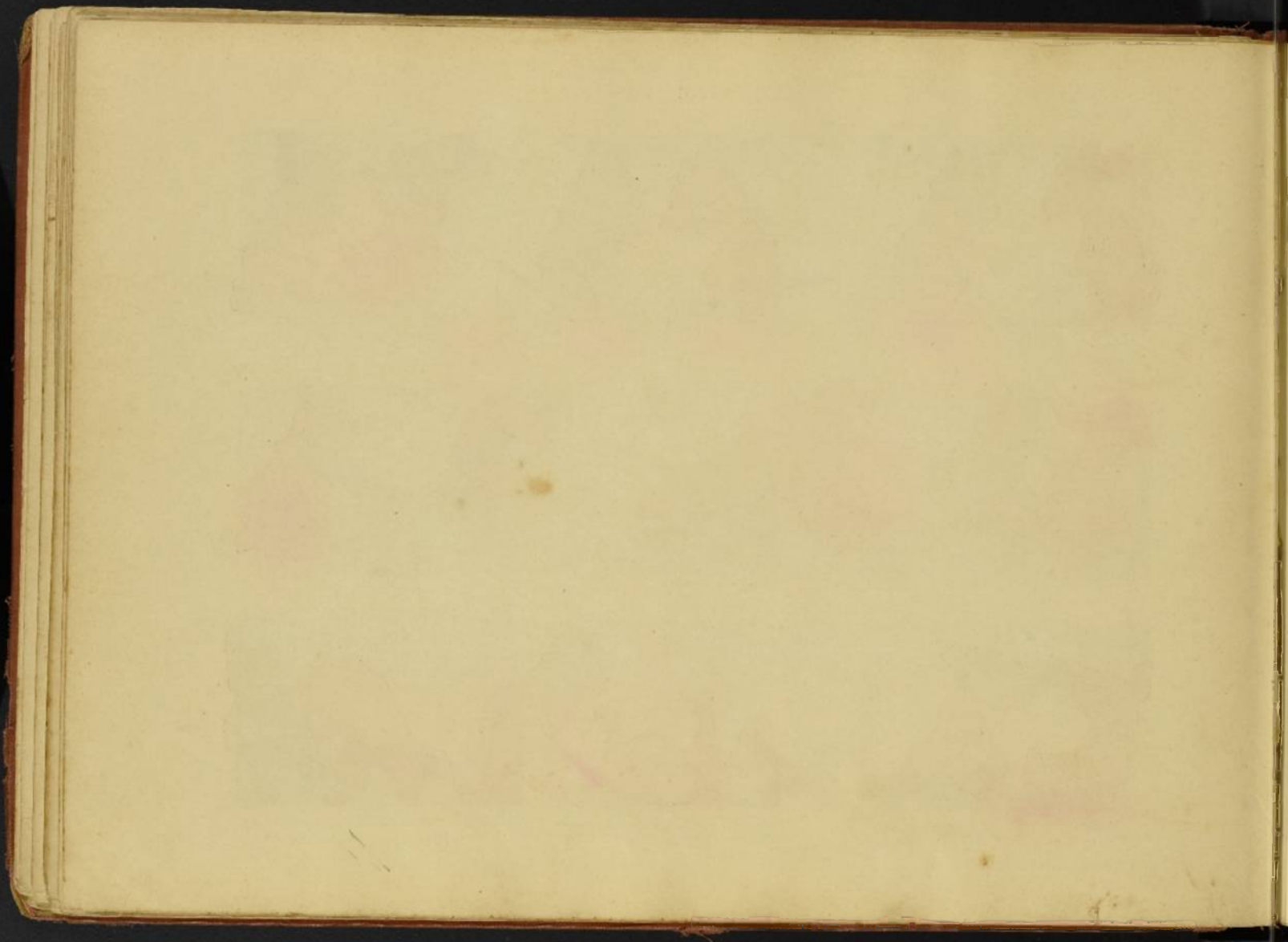
— Eu posso continuar ainda um pouco.



— Ao menos que tu não estejas fatigado.



— Nesse caso, vem descansar, eu continuarei n'outro dia!...





— Um pintasilgo que sabia do seu ninho foi sobre uma mosca e engoliu-a.



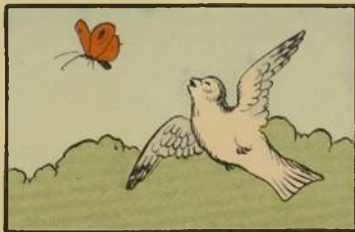
— A ave em seguida foi a um pobre caracol e devorou-o.



— Fez o mesmo a uma desgraçada minhoca sem defeito.



— Um bezoaro teve a mesma sorte.



— Depois calhou a vez a uma borboleta.



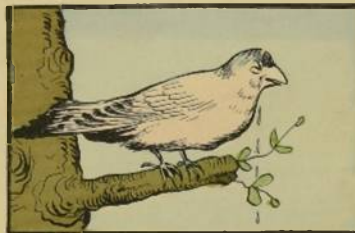
— Uma libellinha foi a última presa do pintasilgo!...



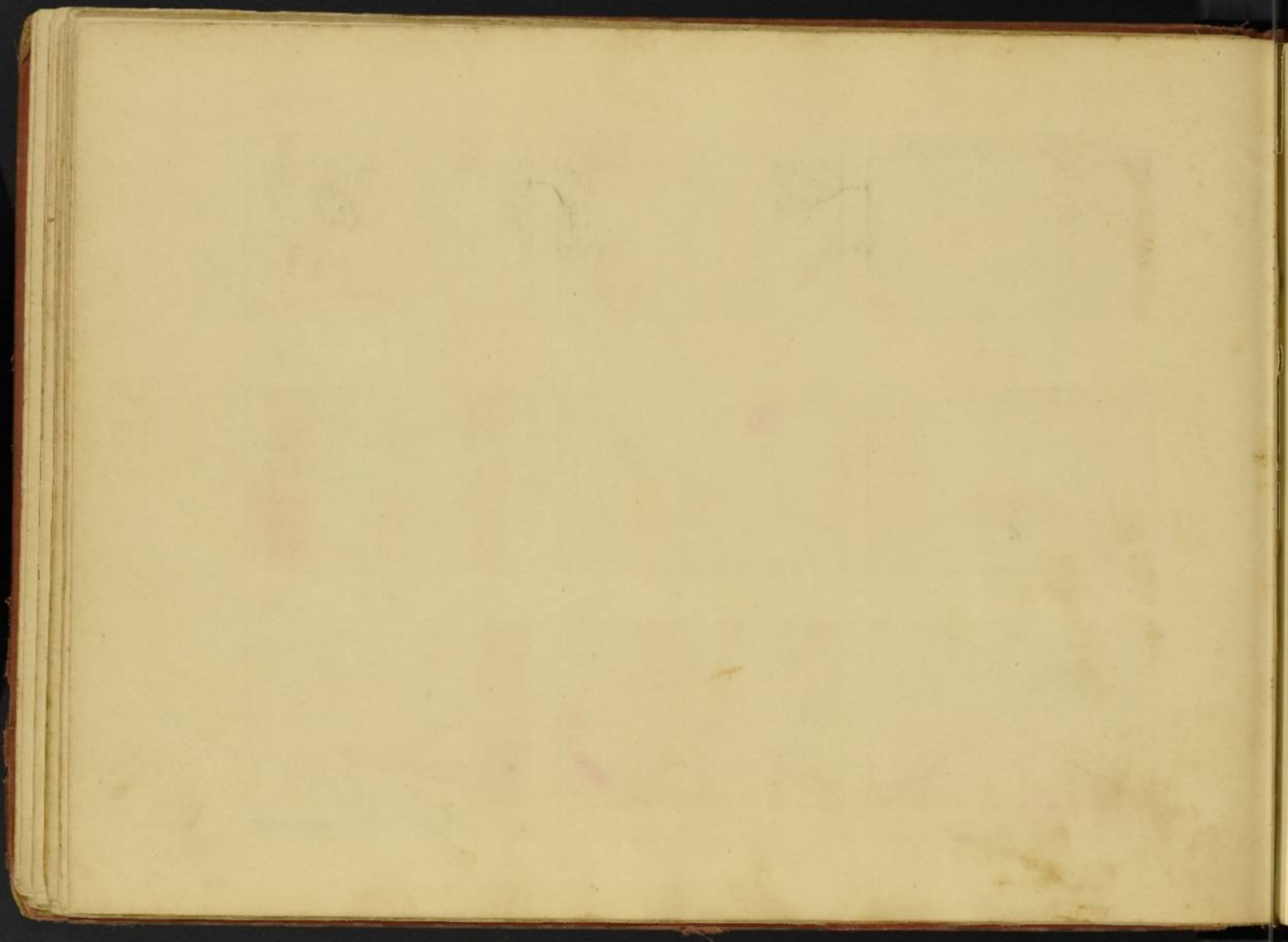
— Que retomou o caminho do seu ninho, com o papo cheio dos restos das suas victimas.



— Oh! Um terrível espectáculo espera a ave. Uma serpente tinha devorado os seus filhos.



— Não façais aos outros o que não quereis que vos façam!

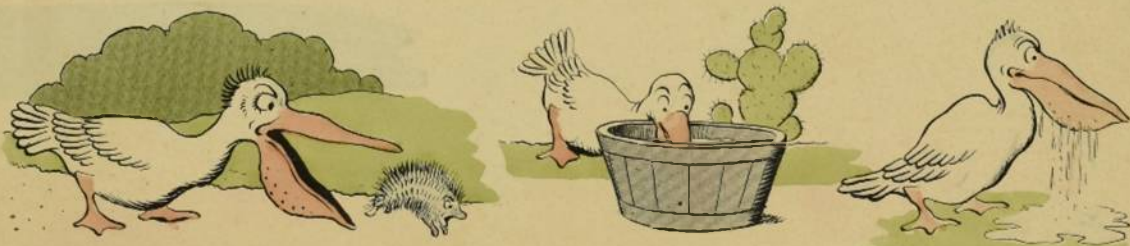




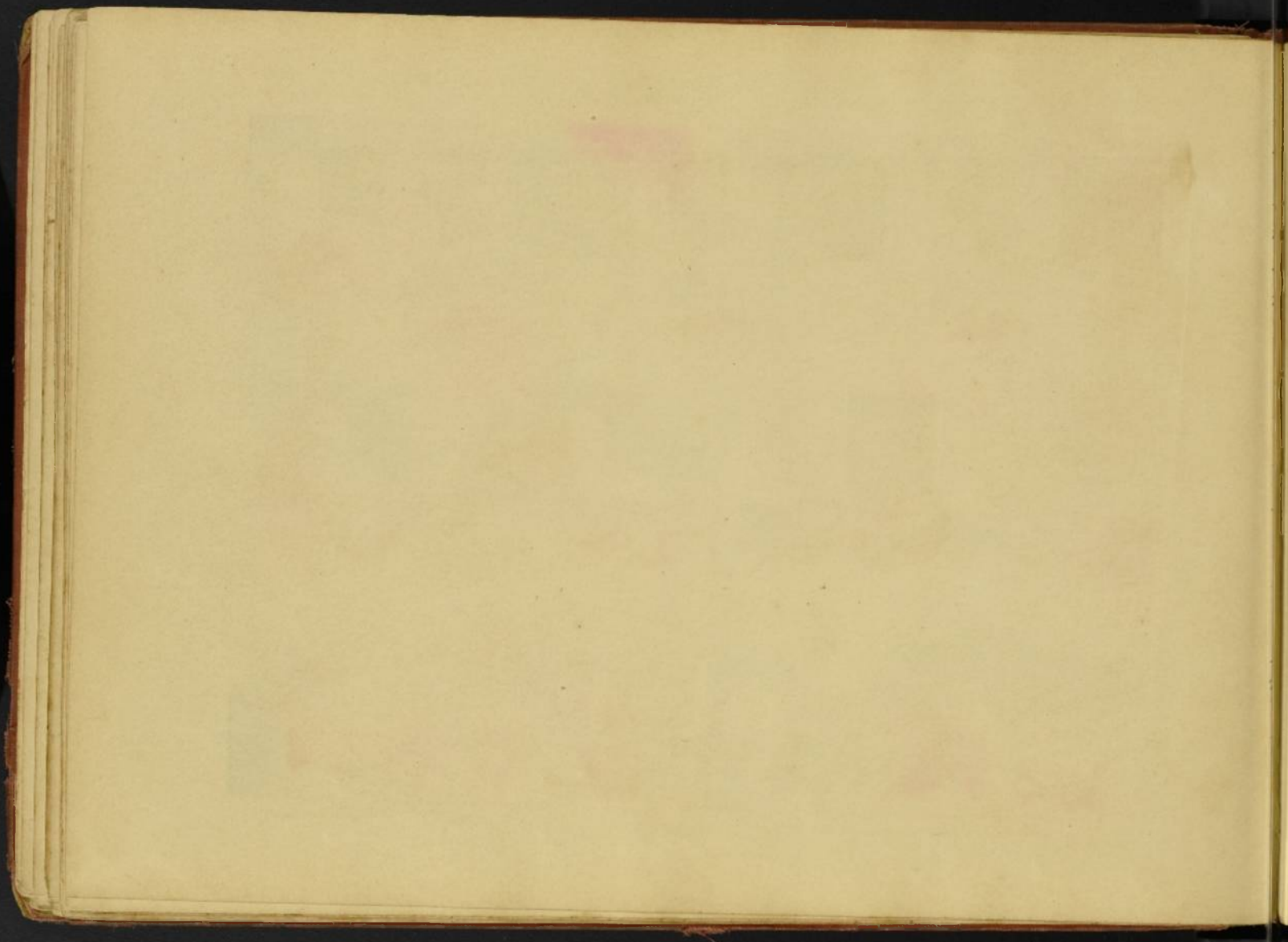
— Um pequeno ouriço cacheiro muito guloso cahiu um dia nas papas preparadas para conleccionar bôlos. O medo tê-lo por-se em bola.

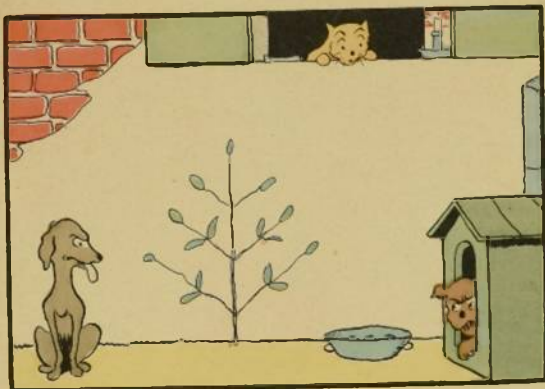


— Oh! que soberbo puding, diz um pelicano que passava por alli.

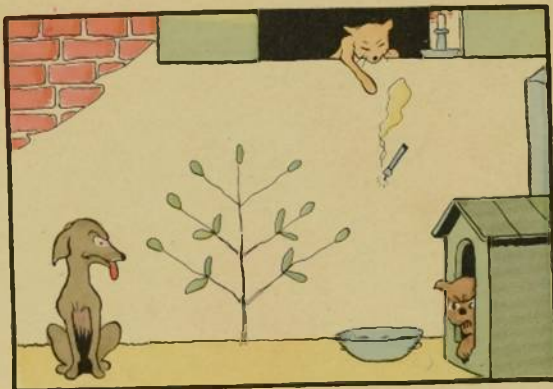


— Mas o macio puding tomou a sua forma primitiva, não sem ter cravado as seus espinhos na membrana do pelicano, que depois deste dia, sofre muito para poder matar a sede.





O GATO. — Este maroto cão de guarda, é verdadeiramente cruel com os desgraçados que tem fome...



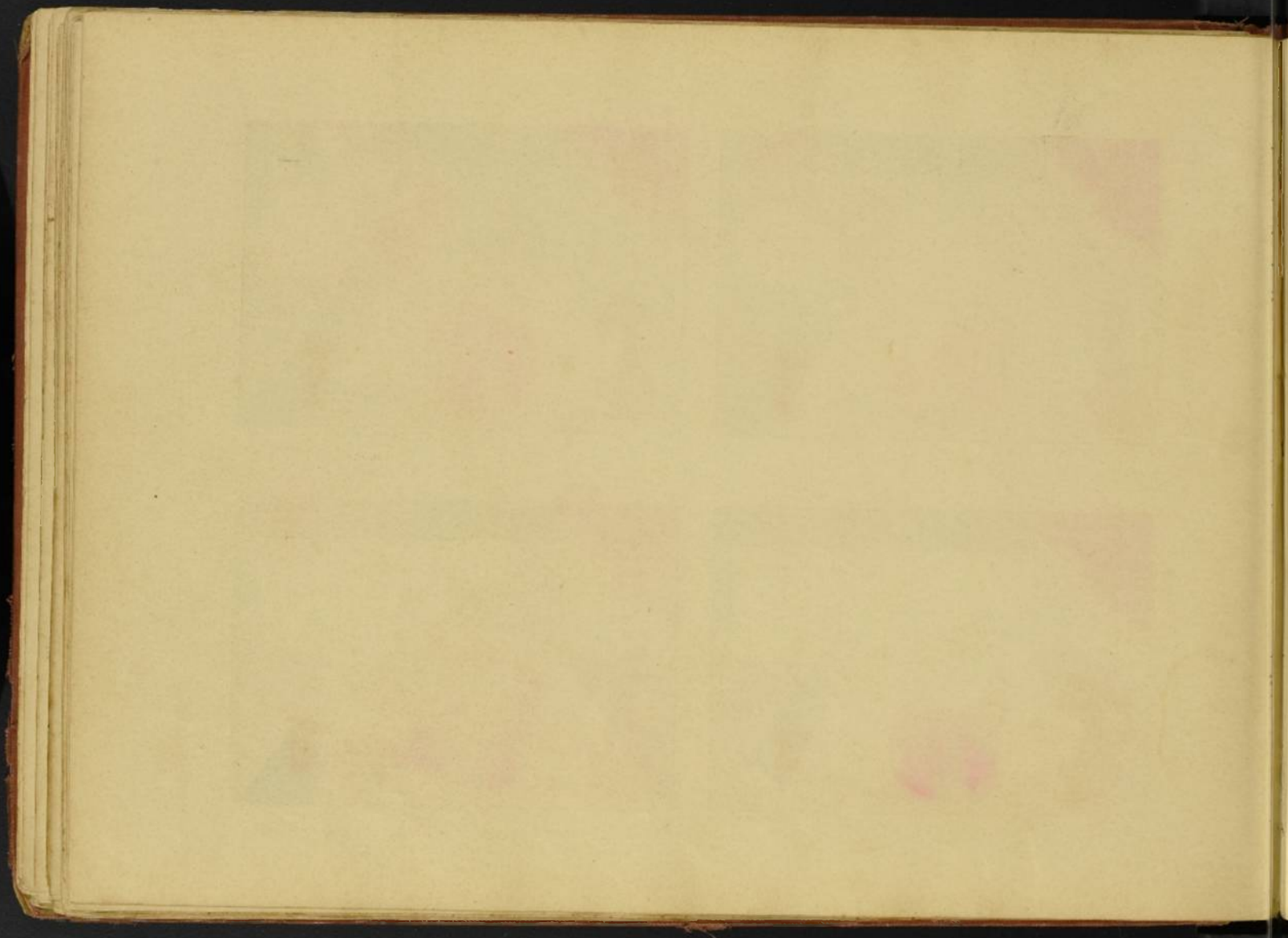
— Justamente o filho dos meus donos poz no parapeito da janella um morteiro e uma vela accesa... destinada a faze-lo rebentar.

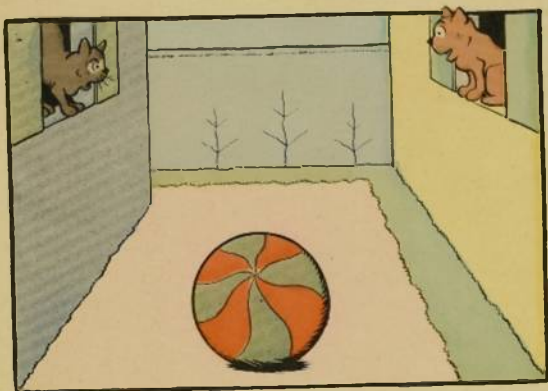


— Attenção, meus meninos... Idos assistir a um magnifico fogo de artifício...

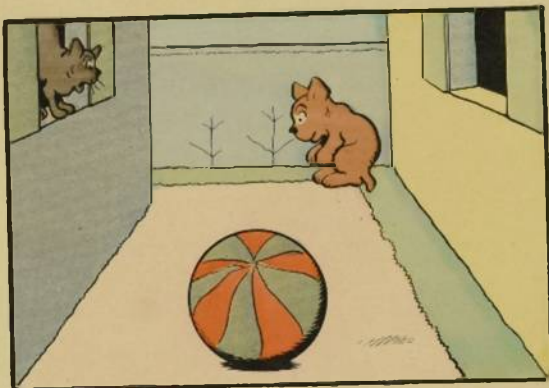


— Regala-te tu, meu pobre cão perdido... E'bem a tua vez de ter batatas do prato burguez.





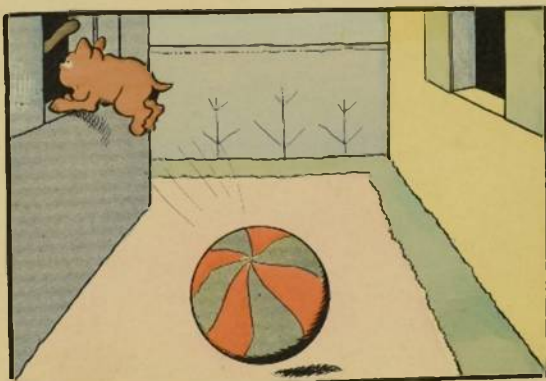
— Vem aqui!... Vilão canito!...



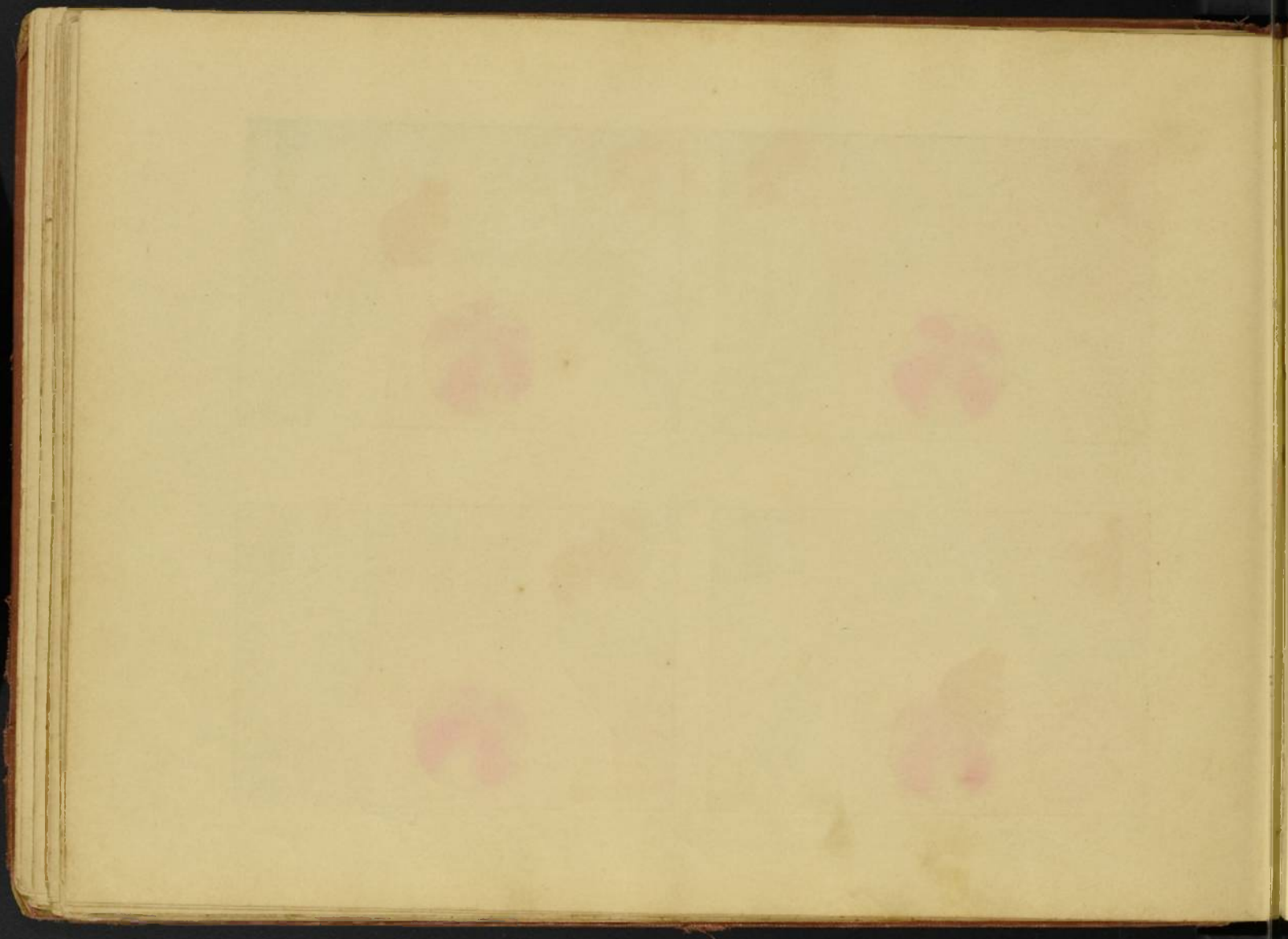
— Certamente ahí vou... Uma...



— Duas!...

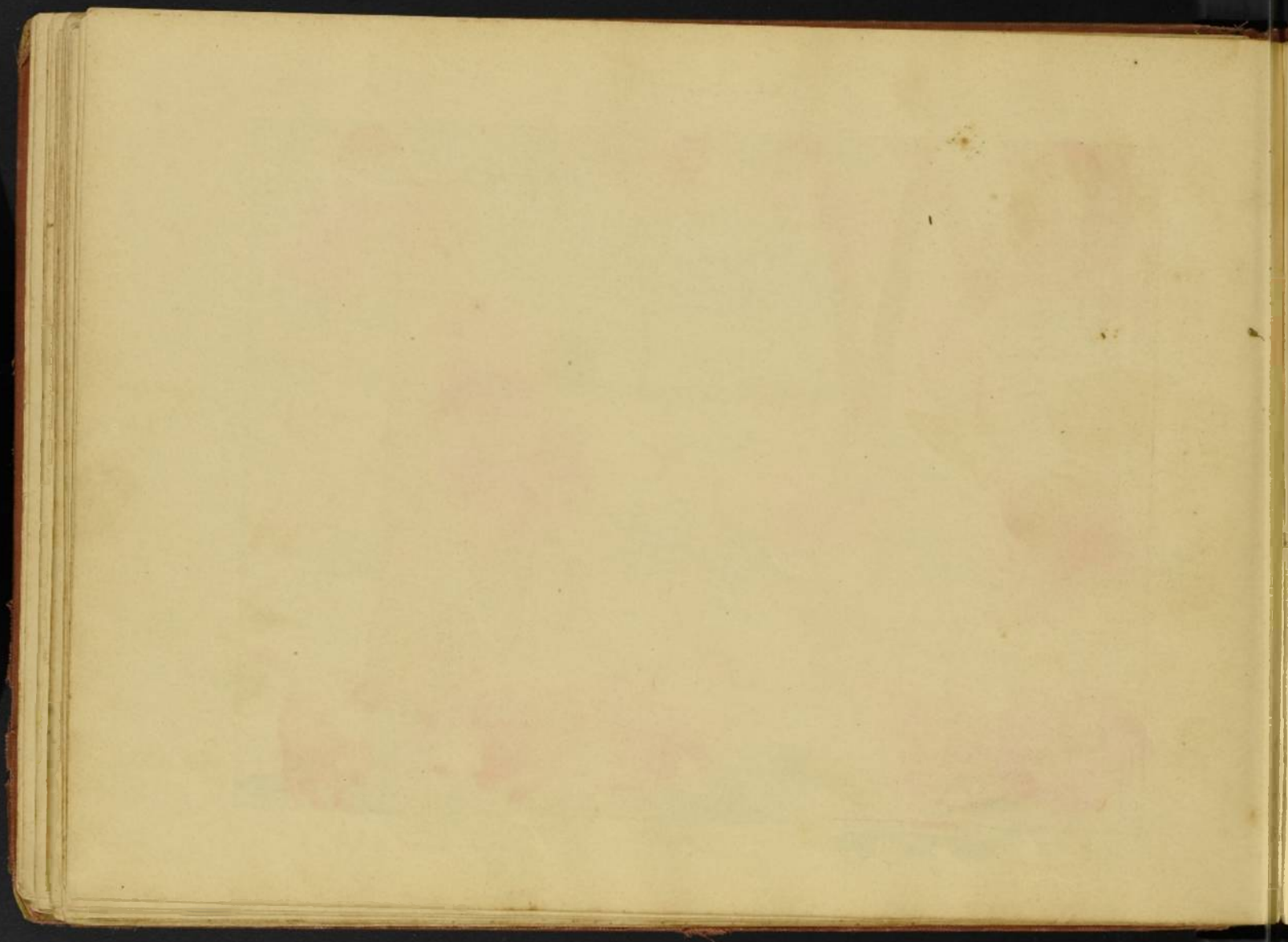


— E trez!... Aquí me tens!...





— Decedidamente, o respeito da realeza acabou-se...





— Ora esta!... Aqui está Margot decapitado.



— Repreamos o mal... com um ovo de Branquinha.



— Ora aqui está o que se pode chamar...



— A boa cirurgia.



— E o que é que Vocês dizem?



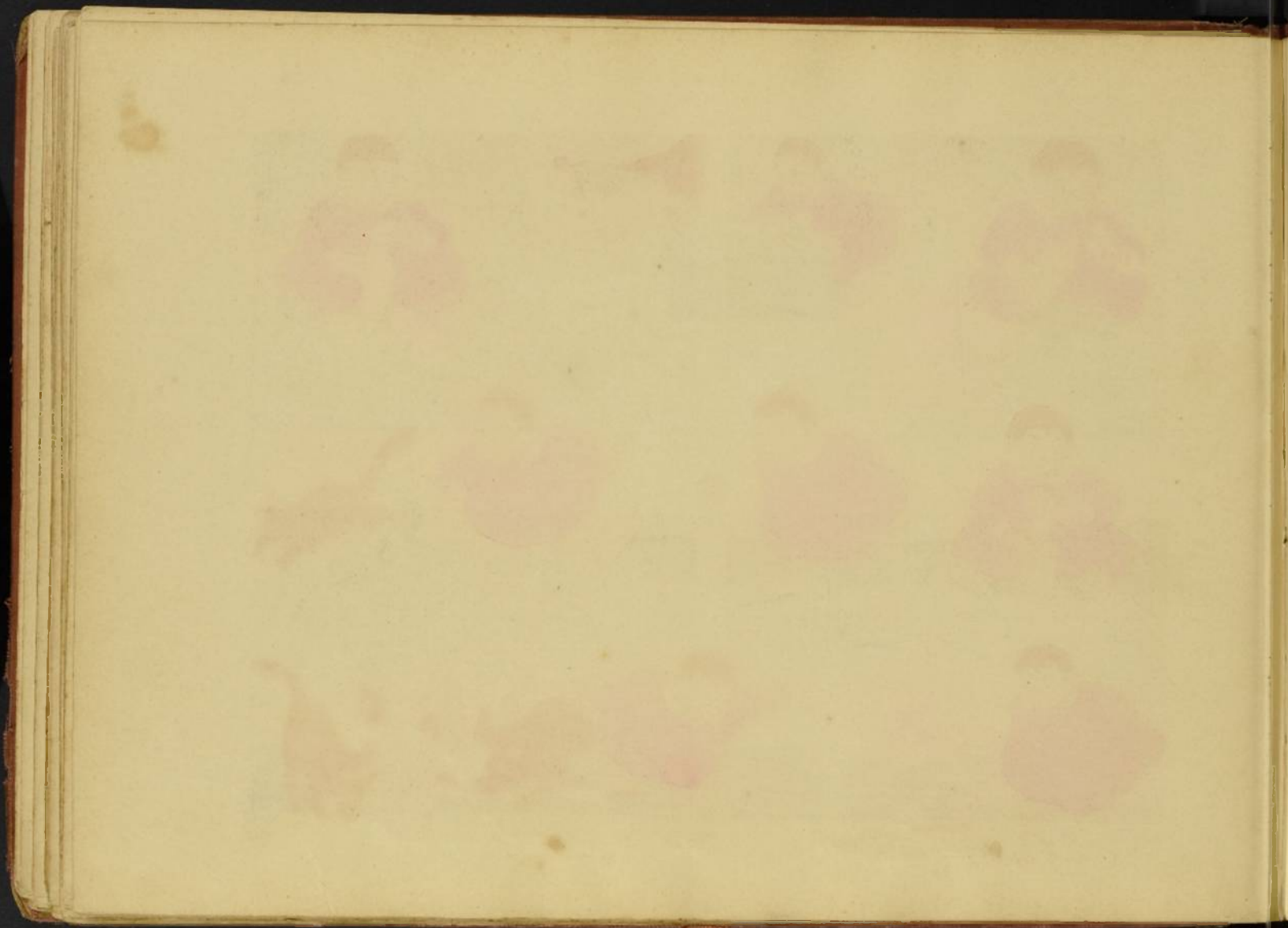
— Maldito gato!



— E' preciso recomençar tudo...



— Margot que tem as pernas pegadas ao pescoço!!!





— O cordel do meu moinho quebrou-se !



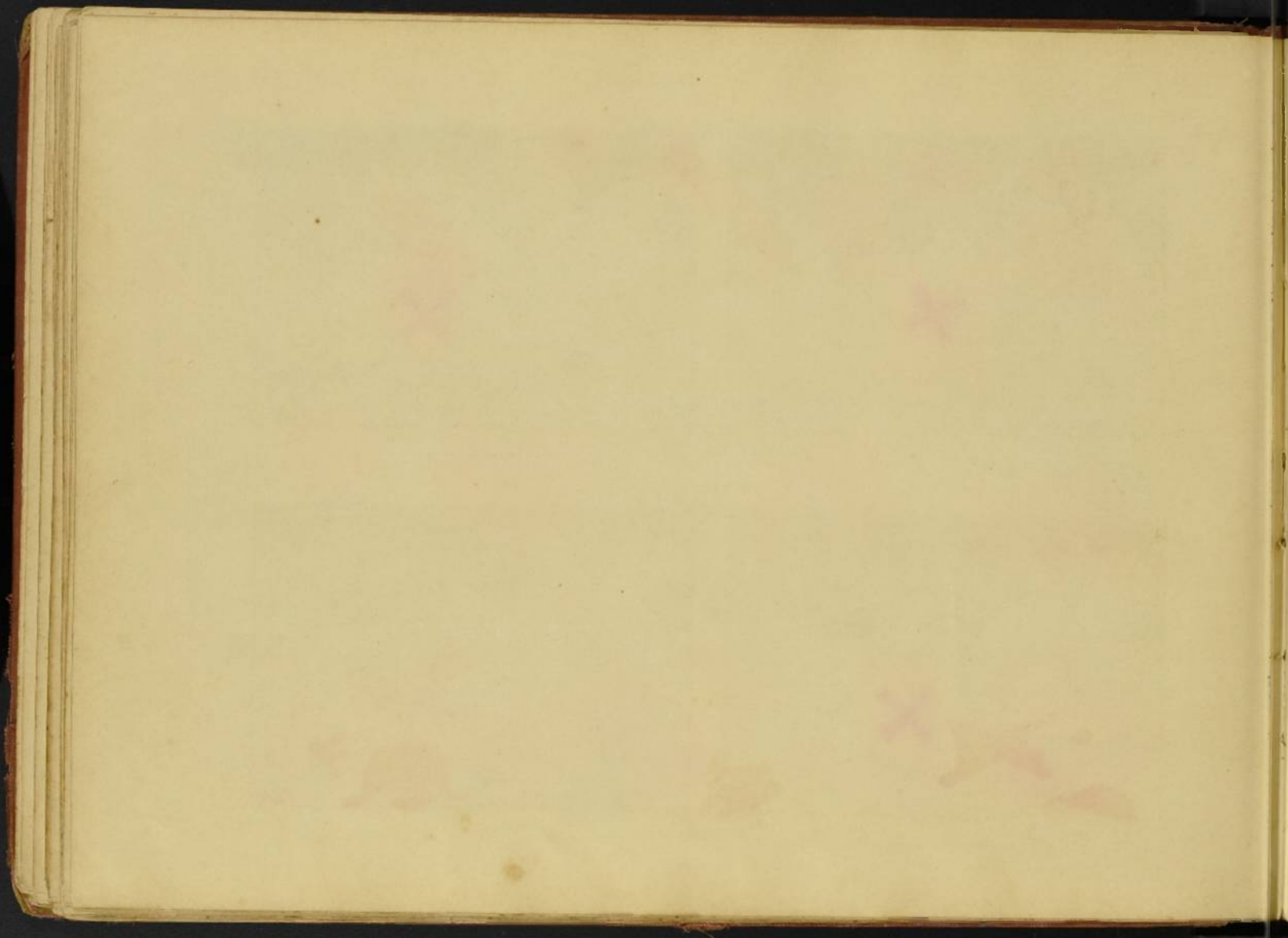
— Pobre moinho, não girará mais...



— Olá, um repuxo !



— Ah! está... já gira outra vez !!





— O que é que ha alli dentro?



Como cheira bem... que perfume...



— Hum!... E' mel!



— Eu não vejo nem uma gota... não respiro...



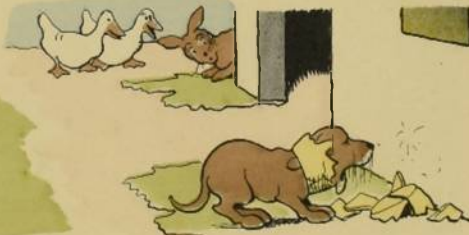
— Soccorro, Soccorro!



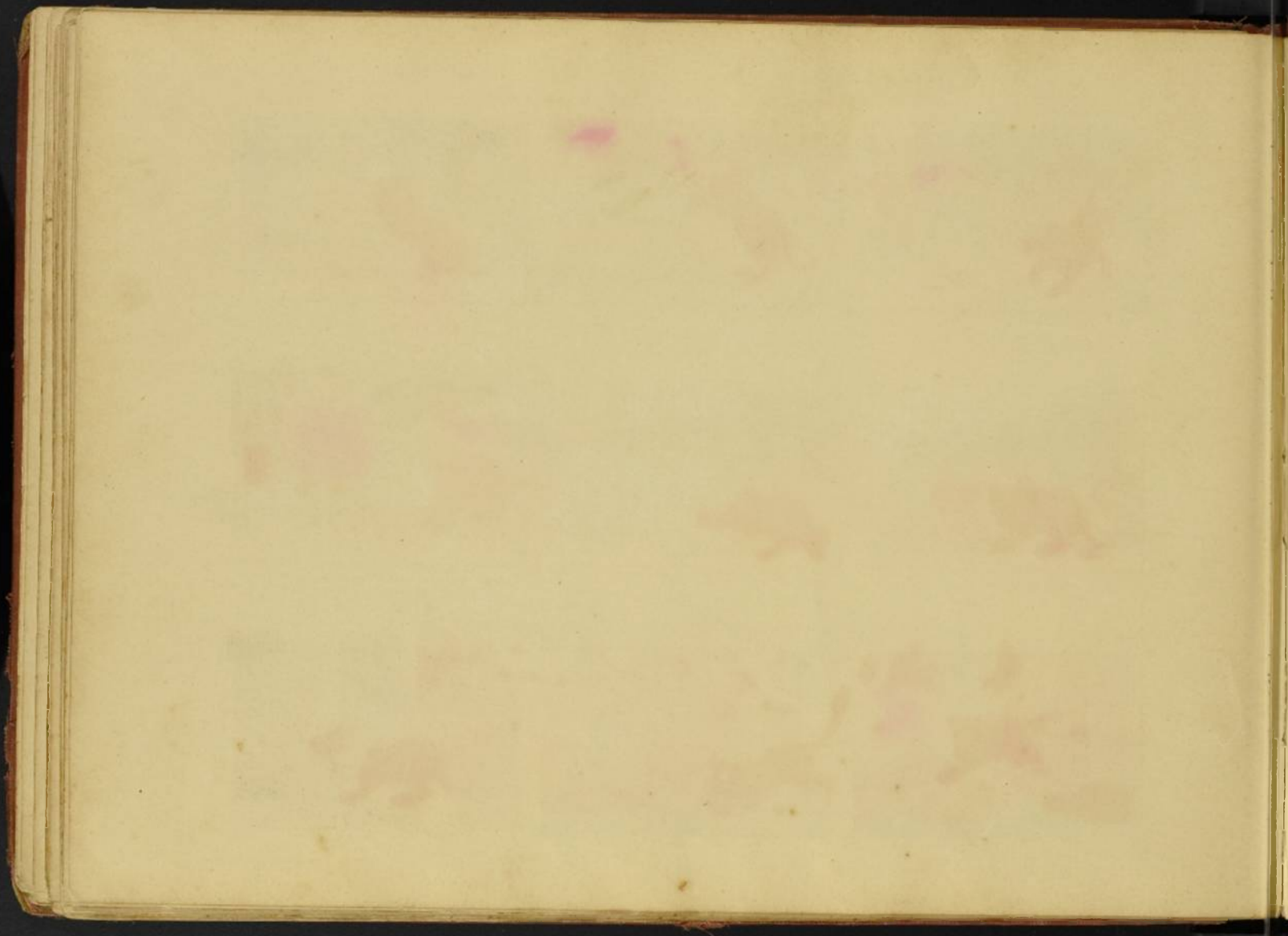
— Toto chega e com uma pincelada transforma Azor num pequeno hyppopotamo!...

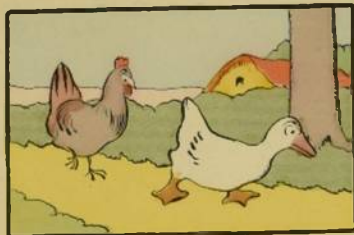


— O pequeno hyppopotamo semea o terror no pateo.

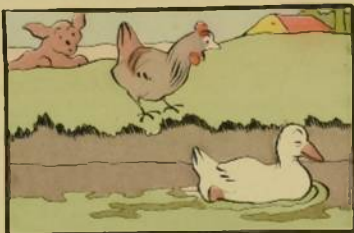


— Desde este dia memoravel. Azor detesta o mel!

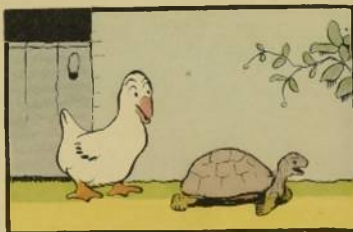




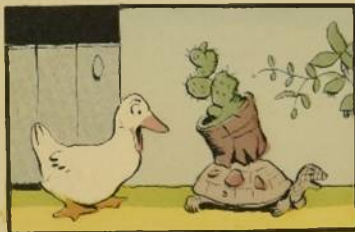
Uma galinha zombava d'um pato que marchava coxeando. Pobre animal, dizia ella, como tem as patas disformes e como se serve mal dellas.



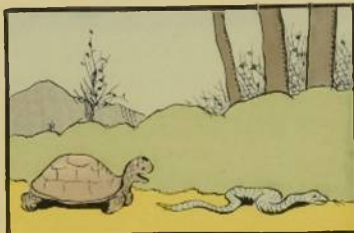
— Um cão chegou a ladrar. O pato saltou ao rio e com duas pernadas achou-se na outra margem deixando a galinha que não sabia nadar, por causa da conformação das patas, à mercê do cão.



— O pato encontrou uma tartaruga. Pobre animal, diz o pato, eu lastimo-a por estar fechada toda a vida numa carcaça.



— Neste momento um coarute vaso de flores cahiu duma janella e veio quebrar-se nas costas da tartaruga sem lhe fazer o menor mal. A carcaça de que tinha zombado o pato; tinha a sua utilidade.



— A tartaruga encontrou uma serpente. A desgraçada, diz ella, não tem patas, é divertido vê-la arrastar-se com o ventre no chão sem poder andar.



— Um garoto que passava perto d'alli, viu a tartaruga e, para lhe fazer uma partida, voltou-a de costas. Eu, sei andar sem pernas, diz a serpente, faz tu tambem o mesmo, minha amiga.



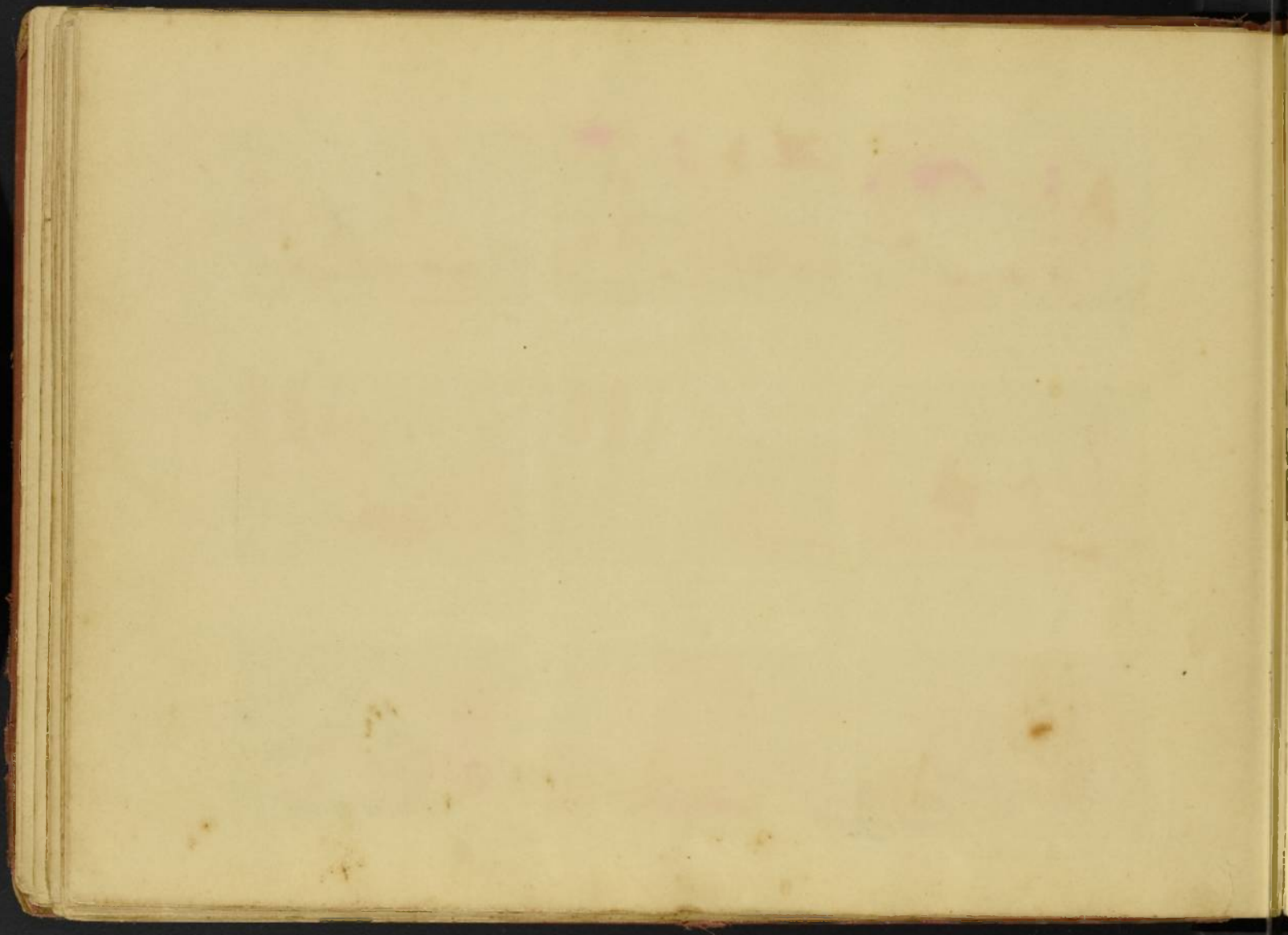
— A serpente encontrou uma toupeira. Pobre roedor, diz o reptil. Obrigada a viver na obscuridade no seio da terra, que tristeza!



— Entretanto, ouviu-se no ar um ruido: um pau cabe sobre a serpente e cortou-a em duas, ao passo que a toupeira escajava ao perigo, refugiando-se no seu subterraneo.



— Pobre toupeira. Ella não vê ninguém e não se lastima. Os seus dias correm na quietação e tranquillidade. Para viver feliz, vivamos escondidos e não zombemos nunca do nosso proximo.





— Oh! que bella noz de coco...



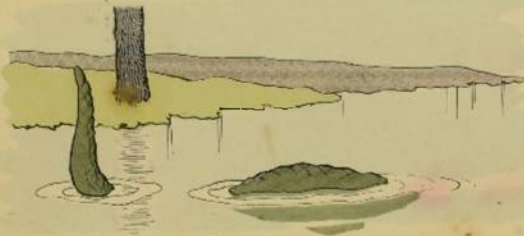
— Ella é minha!...



— Ora esta!... Estou n'uma ilha fluctuante. Diabo... ella afasta-se da margem.



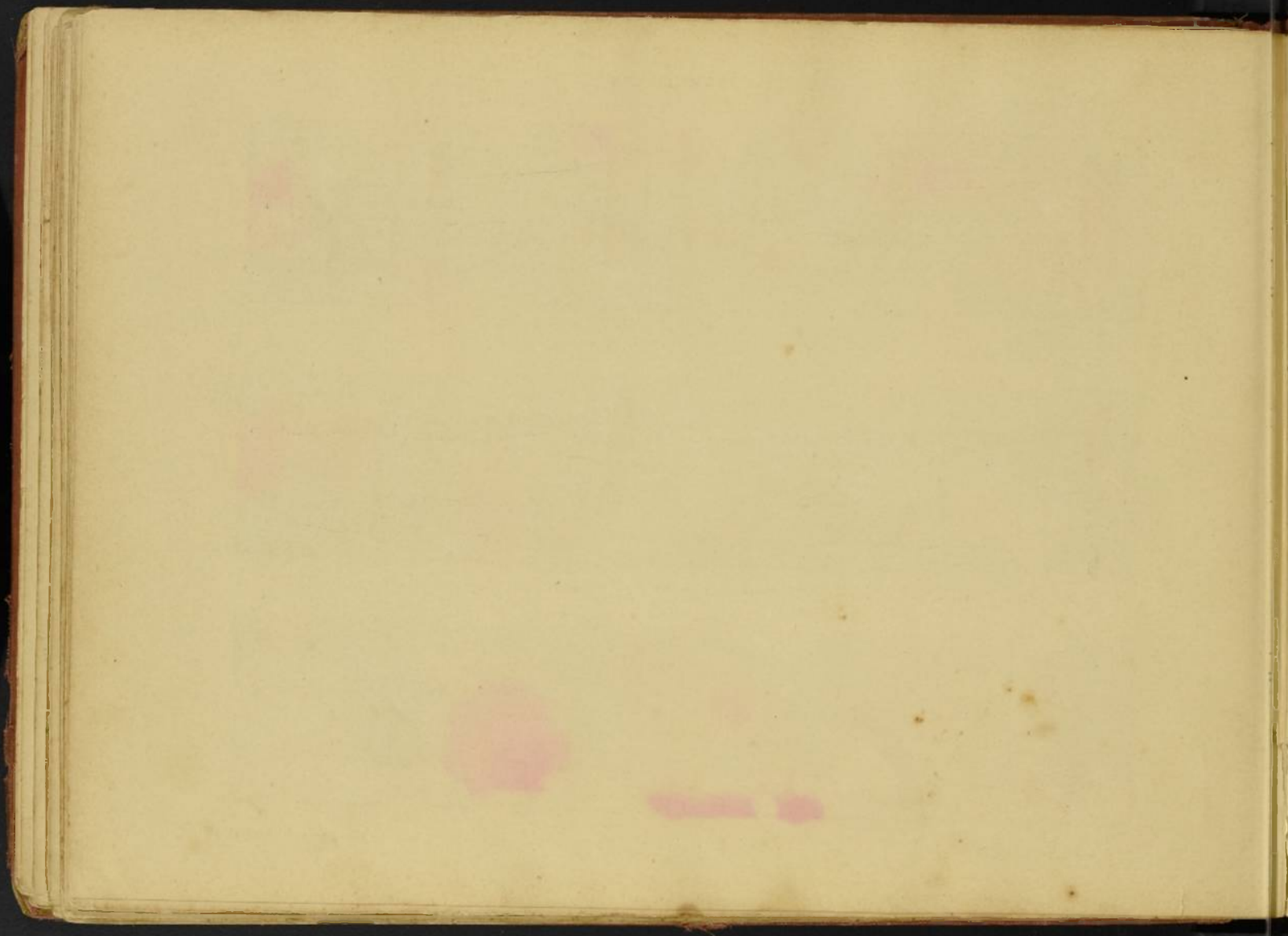
— Soccorro! A ilha desaparece nas ondas!

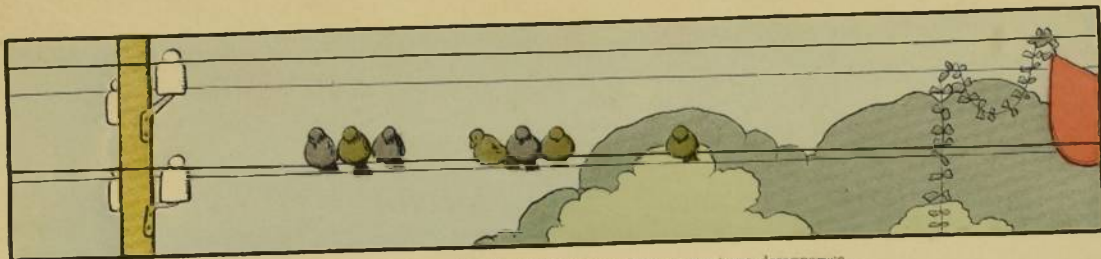


— A ilha volta á superficie...



— O CROCODILLO. — Ora aqui está como eu preparo o meu almoço!

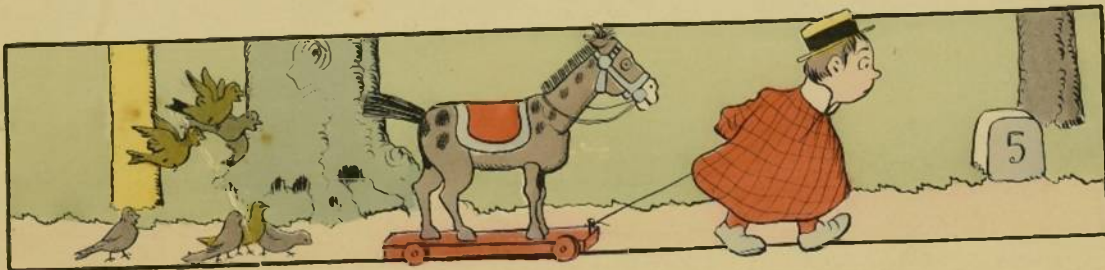




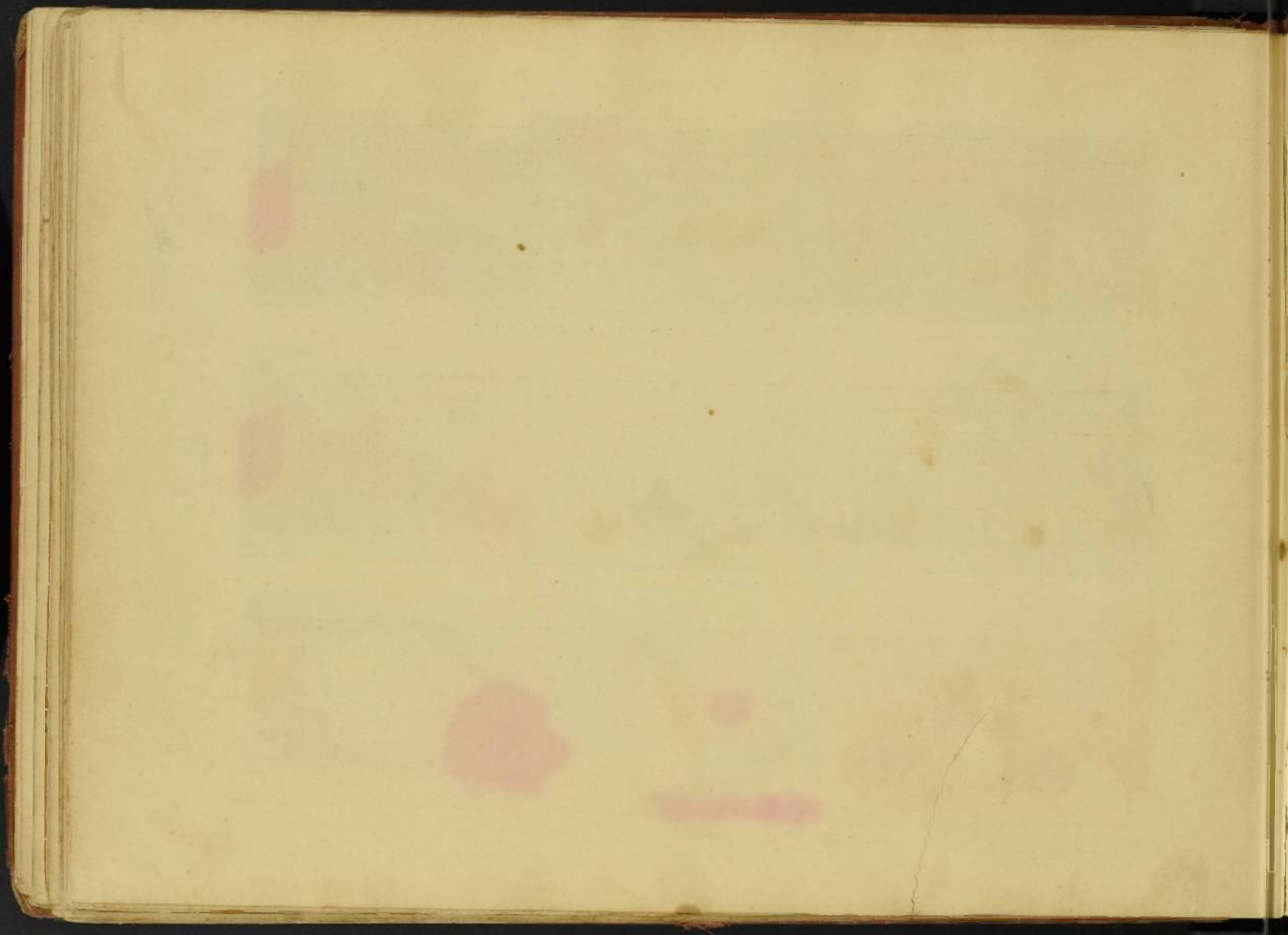
— Com este tempo d'automoveis... O cavallo torna-se raro... e o esterco desaparece...



— E'a fome... Attenção... ahi vem um!!!



— Diabol — E'de madeira!!!





— Como tu és feliz, dizia a toupeira ao morcego, em te poderes elevar nos ares. Ah! se eu tivesse azas já não temeria os meus inimigos: o cão e a doninha.



— Pobre toupeira, respondeu o morcego: não invejes a minha sorte. As minhas azas criam-me inimigos nos ares; a coruja durante a noite e na aurora, o gavião, sem me eximir aos que vivem no solo e que me caçam sem reboço.



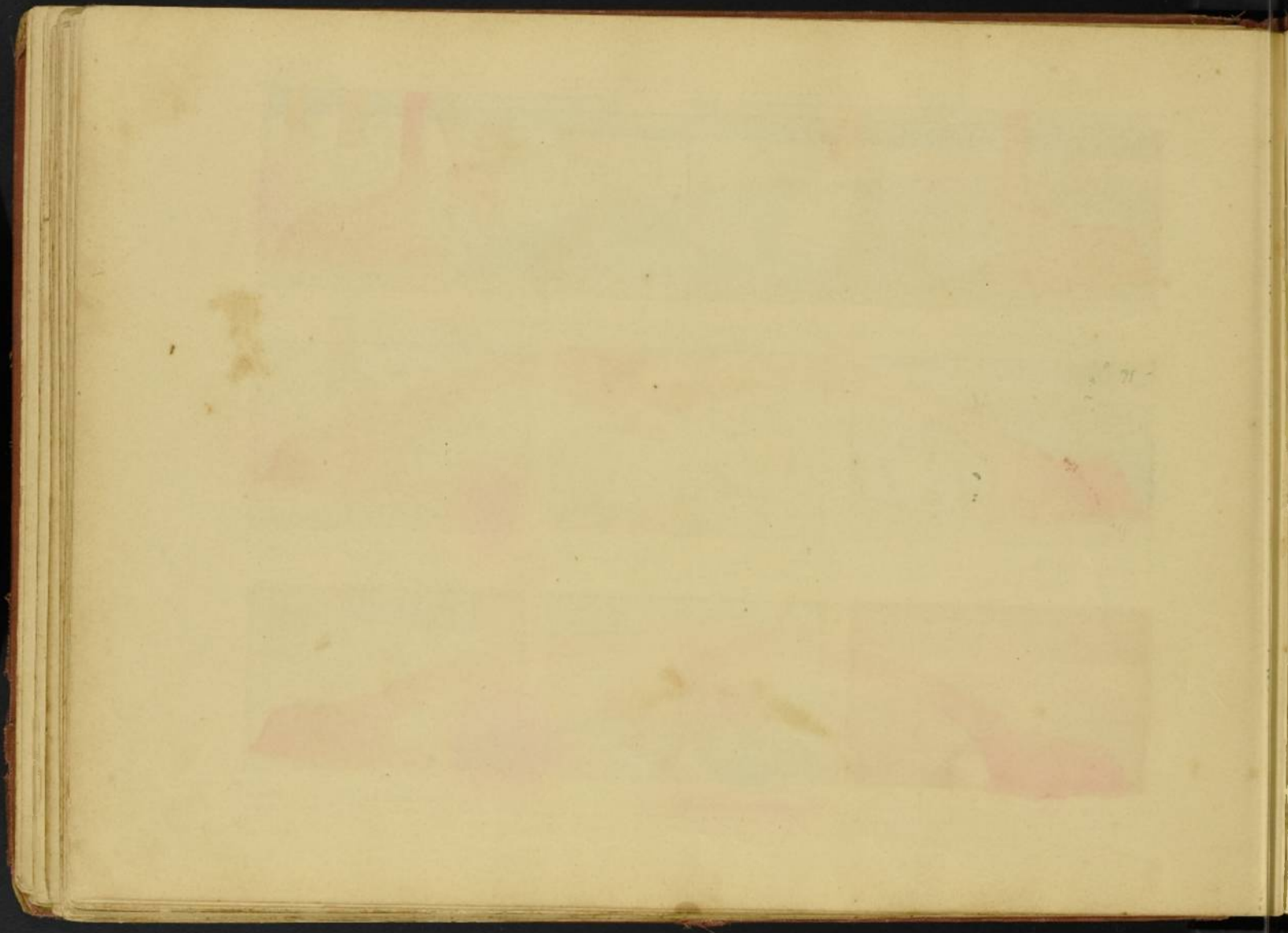
— Quando és apanhada, continuou o morcego, uma enxada ou um pisão de pés te envia para o reino das toupeiras. Quanto a mim, é a crucificação que me espera... o pior dos suplicios.

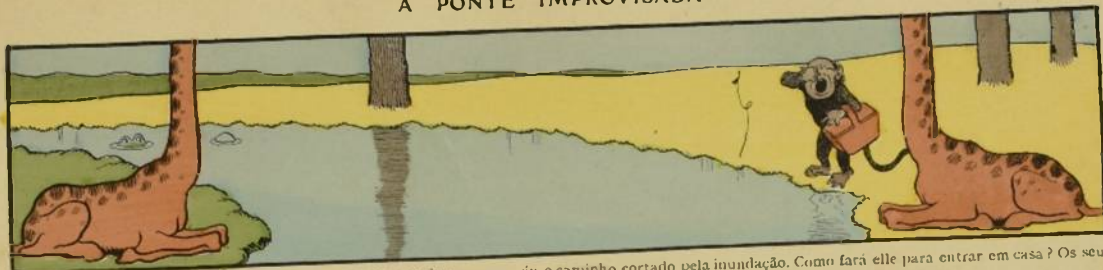


— O teu buraco está sempre perto. É um lugar de asylo seguro e impenetravel que te põe ao abrigo das garras do cão e dos dentes da doninha.



— Eu, por causa do meu vôo hesitante, estou á mercê das aves nocturnas e o meu celeiro abriga todos os gatos da vizinhança. Não invejes a minha sorte... tu irias de mal para peor.

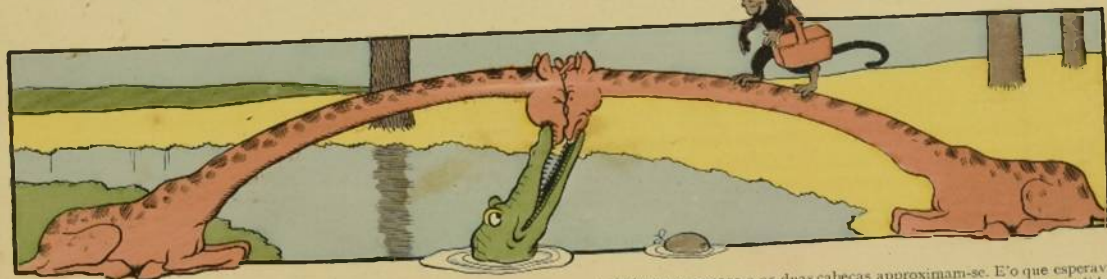




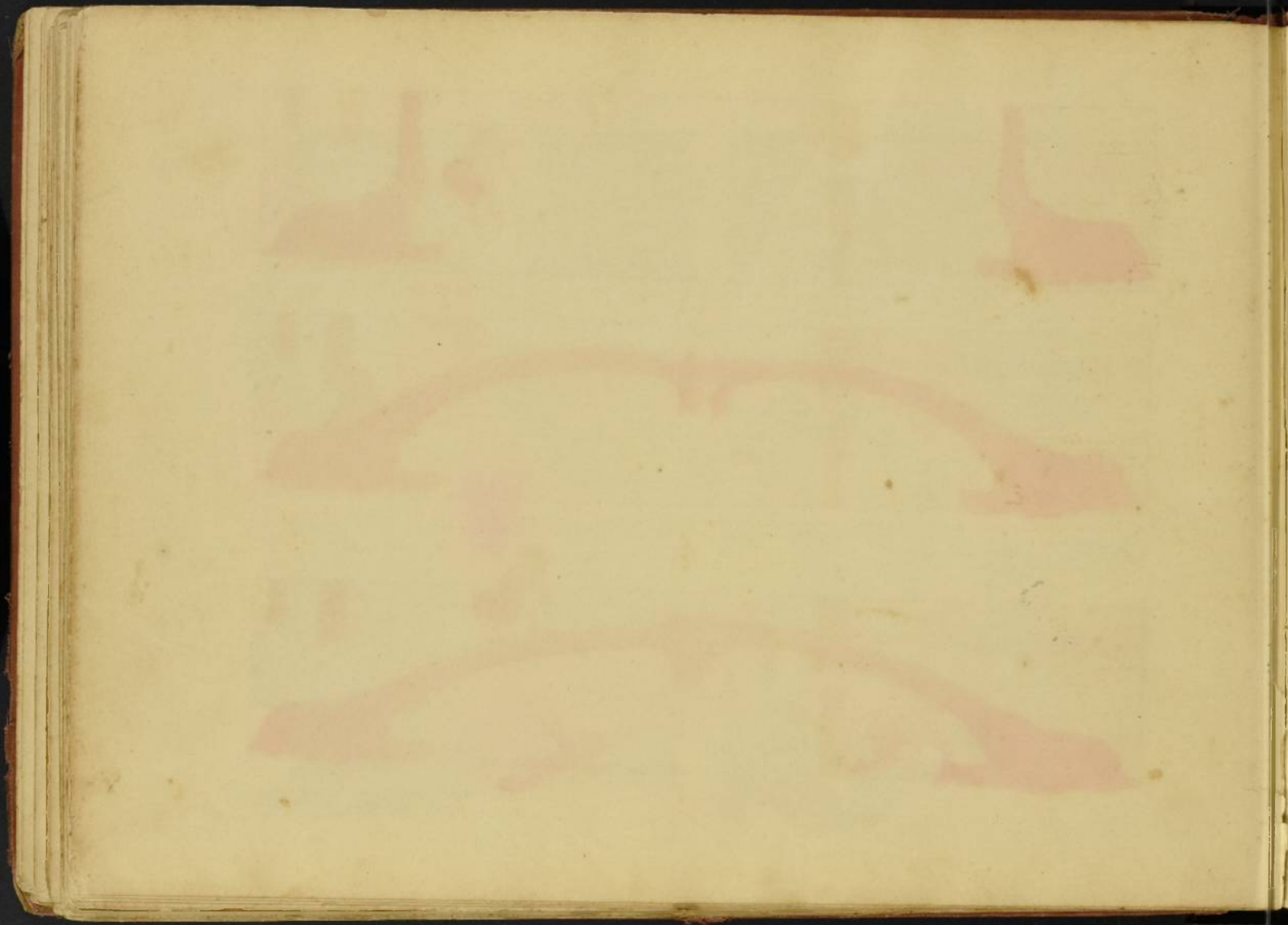
— Por causa d'uma cheia, o regato tornou-se num rio e o pobre macaco viu o caminho cortado pela inundação. Como fará elle para entrar em casa? Os seus paes vão ficar inquietos, julgarão que aconteceu alguma desgraça ao seu filho.

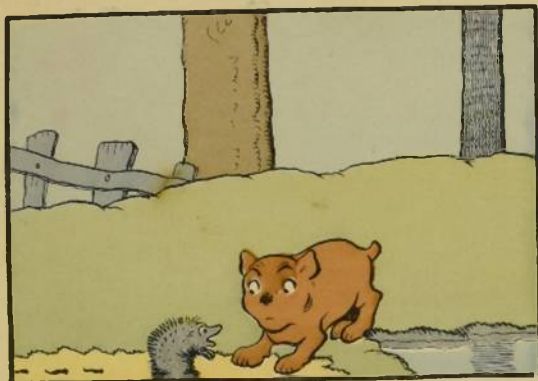


— Este pobre pequeno supplica em vão, a uma girafa para o ajudar a atravessar a agua, permitindo-lhe que se suspenda no pescoço. A girafa não o escuta occupada como está a ver com o canto do olho uma noz, que está ao de cima da agua e que segue a corrente. Este fructo é igualmente desejado por outra girafa que se encontra na outra margem.

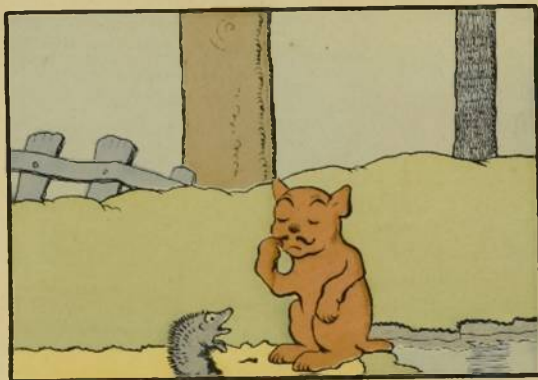


— As duas gulosas fazem o mesmo gesto para se precipitarem no objecto desejado; abaixam o pescoço e as duas cabeças approximam-se. E' o que esperava um crocodillo que tinha ouvido os prantos do macaco. Segurou nas potentes maxillas os focinhos das girafas. A ponte estava formada, a base era solida. O macaco podia atravessar o rio a secco.

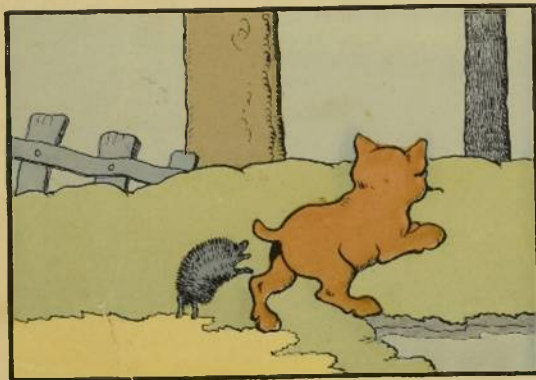




— Sim, meu caro Medor, eu vi um lobo rondar nas imediações. Se nos descobrir... estamos frescos!...



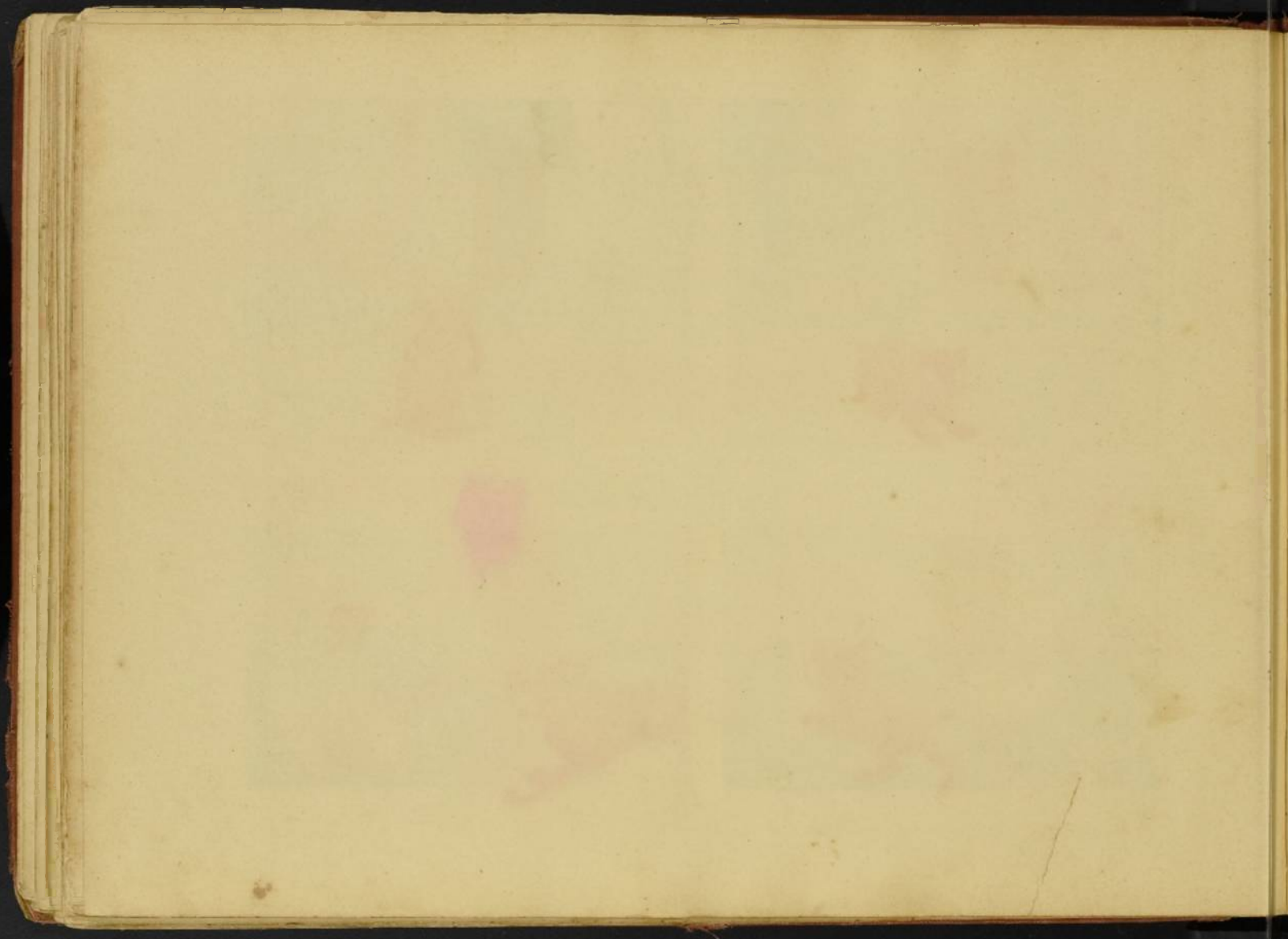
— O ra meu caro Ouriço, eu vou achar meio de o afastar, aterrando-o. Sómente, o homem lhe pode fazer medo. Eu vou-me transformar n'um homem; com estas trez sanguessugas que estão no rio, vou fazer os bigodes.

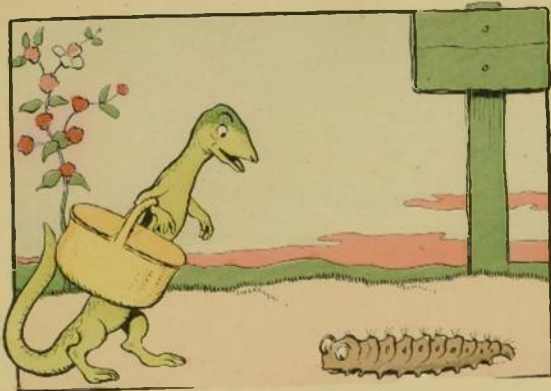


— Ora! ah! ven o lobo! Era tempo... Vem para aqui... Tu completarás a minha transformação fazendo as vezes de barrete.



— O Lobo. — Um homem!... Um caçador!... Eu reconheço-o... é Tartarin... Salve-se quem puder!!!

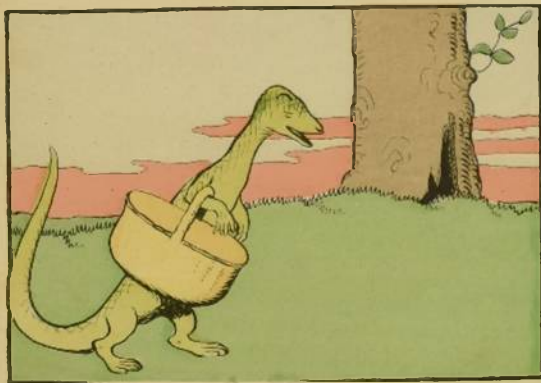




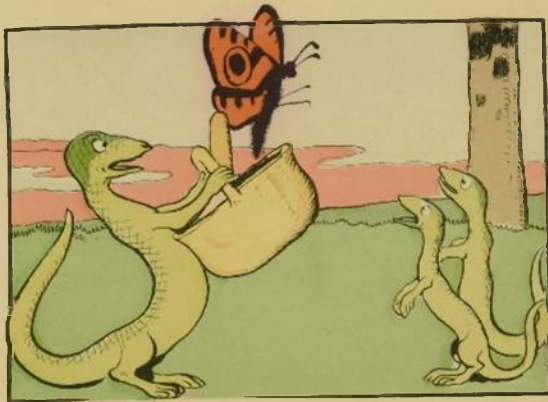
— Oh! que linda lagarta!...



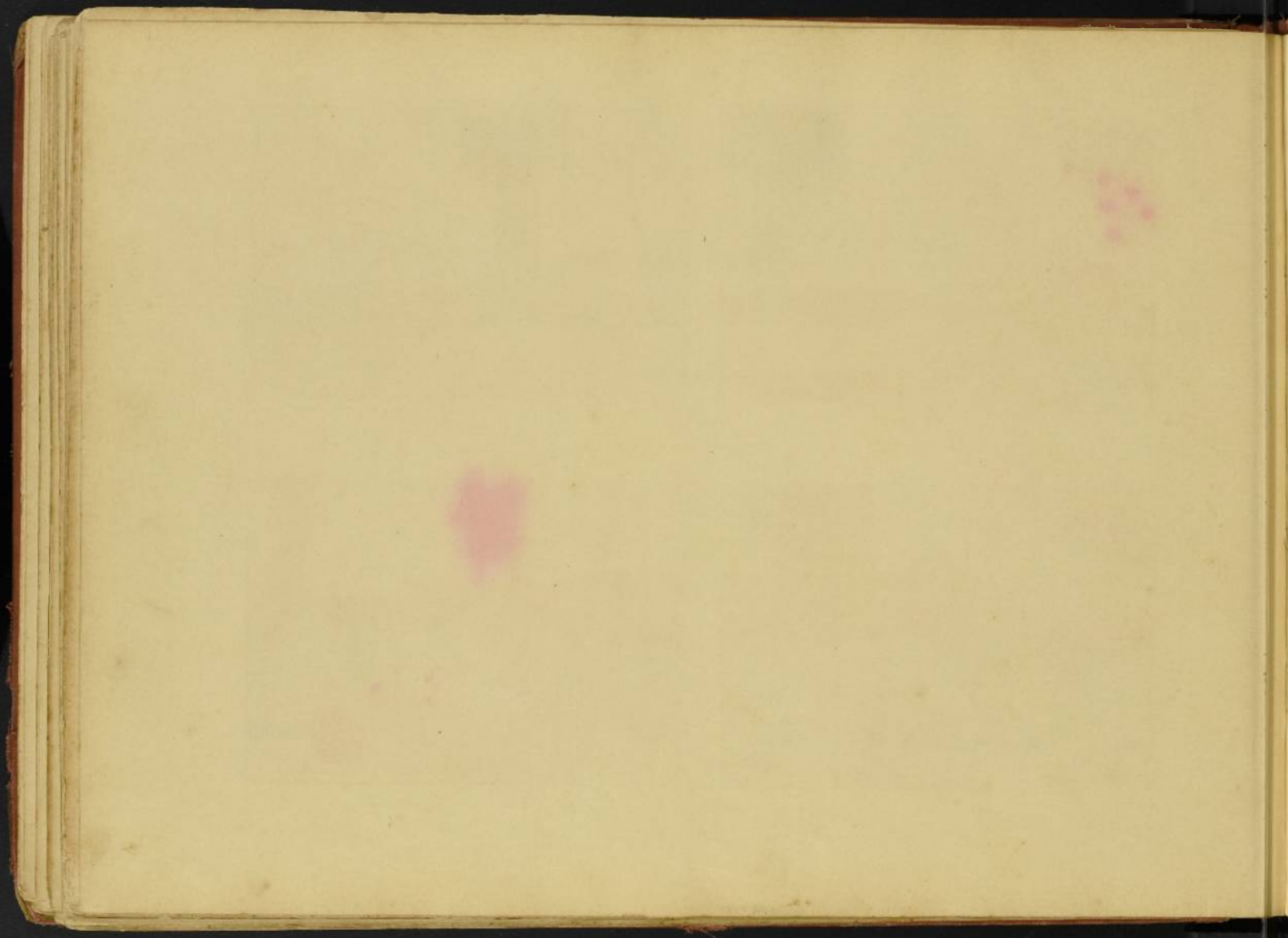
— Que bom almoço...



— Vão ter os meus filhos.



— O almoço está servido.

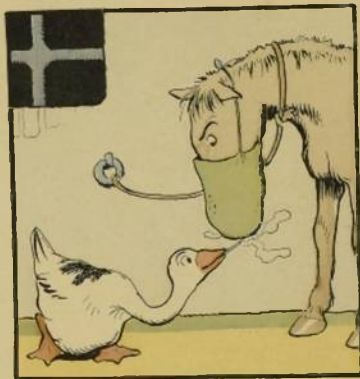




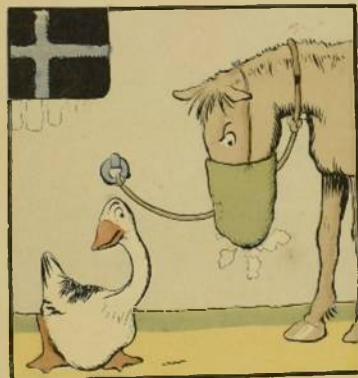
— Diabo!... Que sacco tão cheio...



— E' muita aveia para um só cavallo...



— Graças a este phosphoro... vou poder alliviar o fardo deste pobre animal.



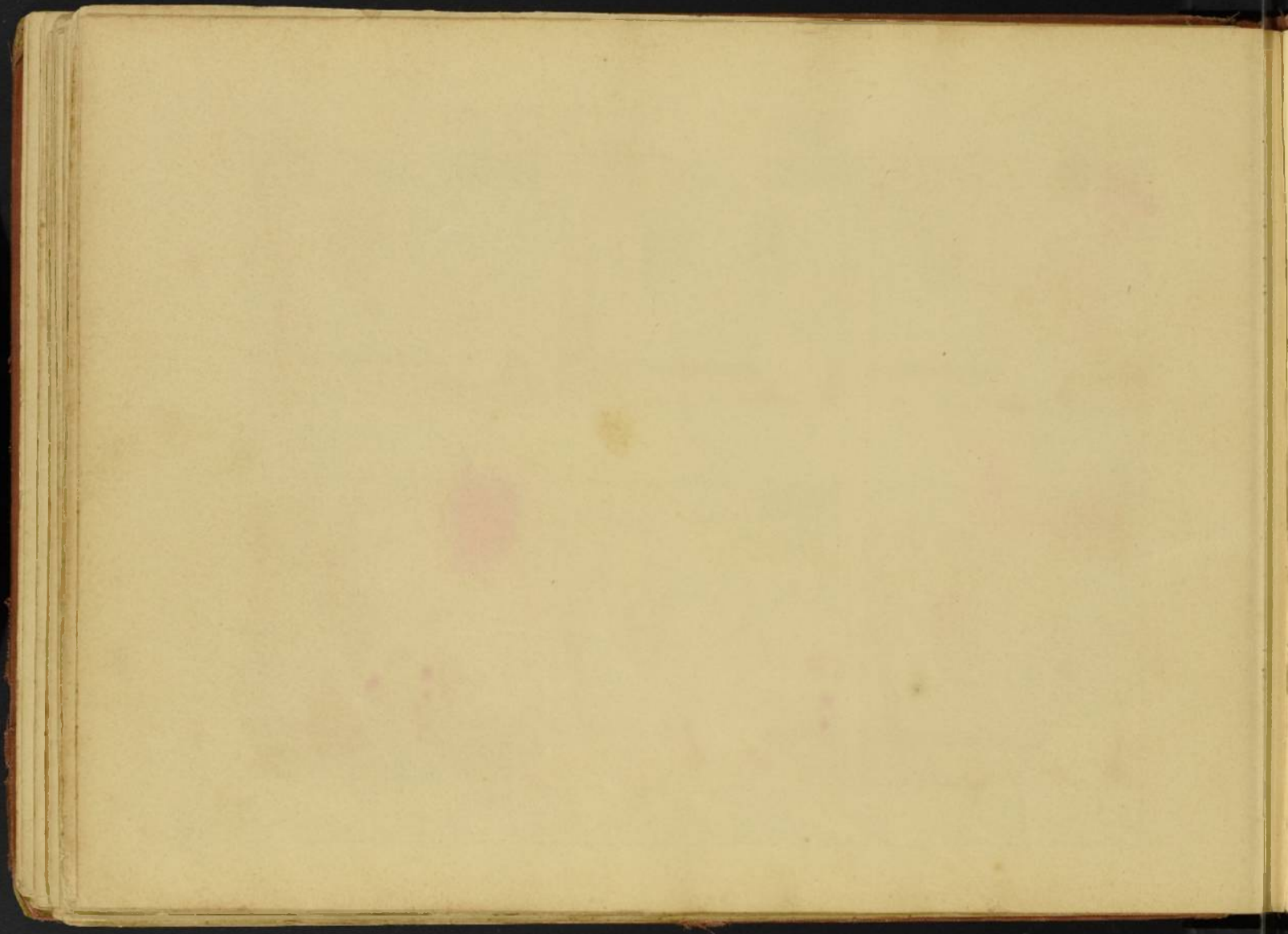
— Isto queima... cresta lentamente!...

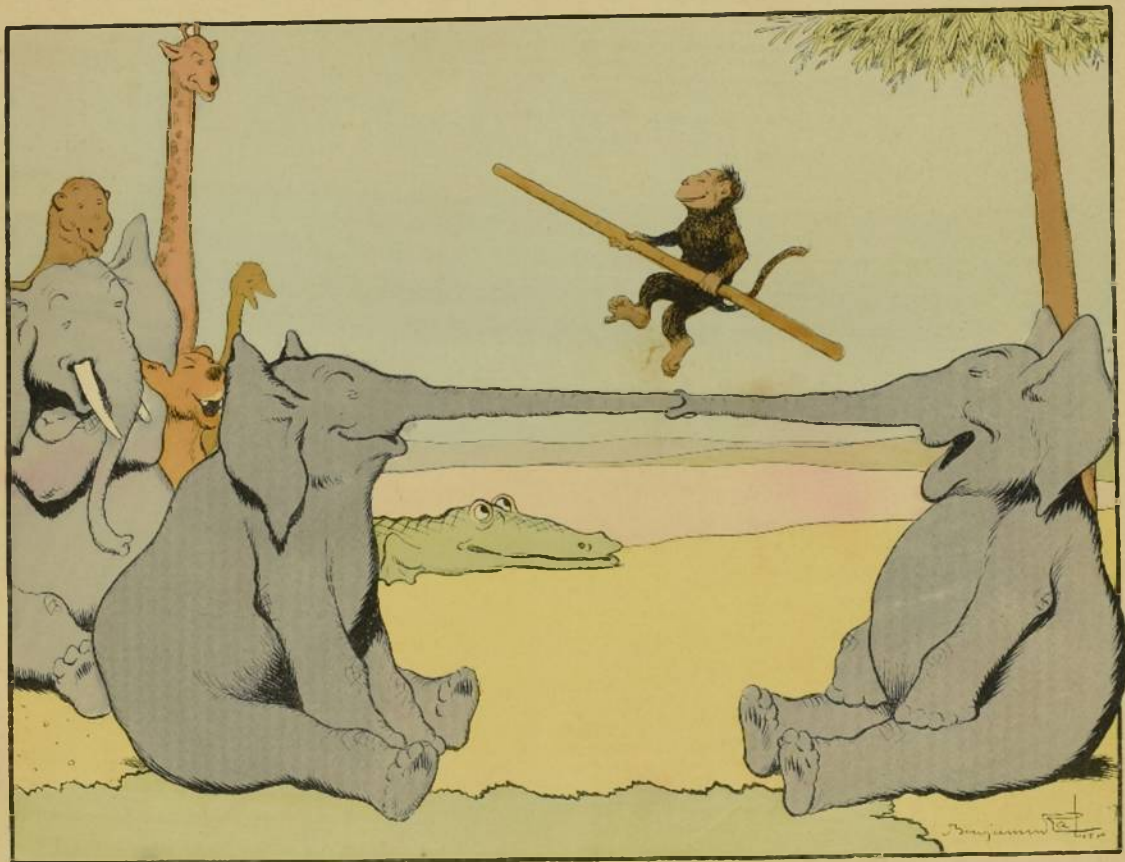


— O buraco está feito, para aqui, meus amigos, para aqui!...

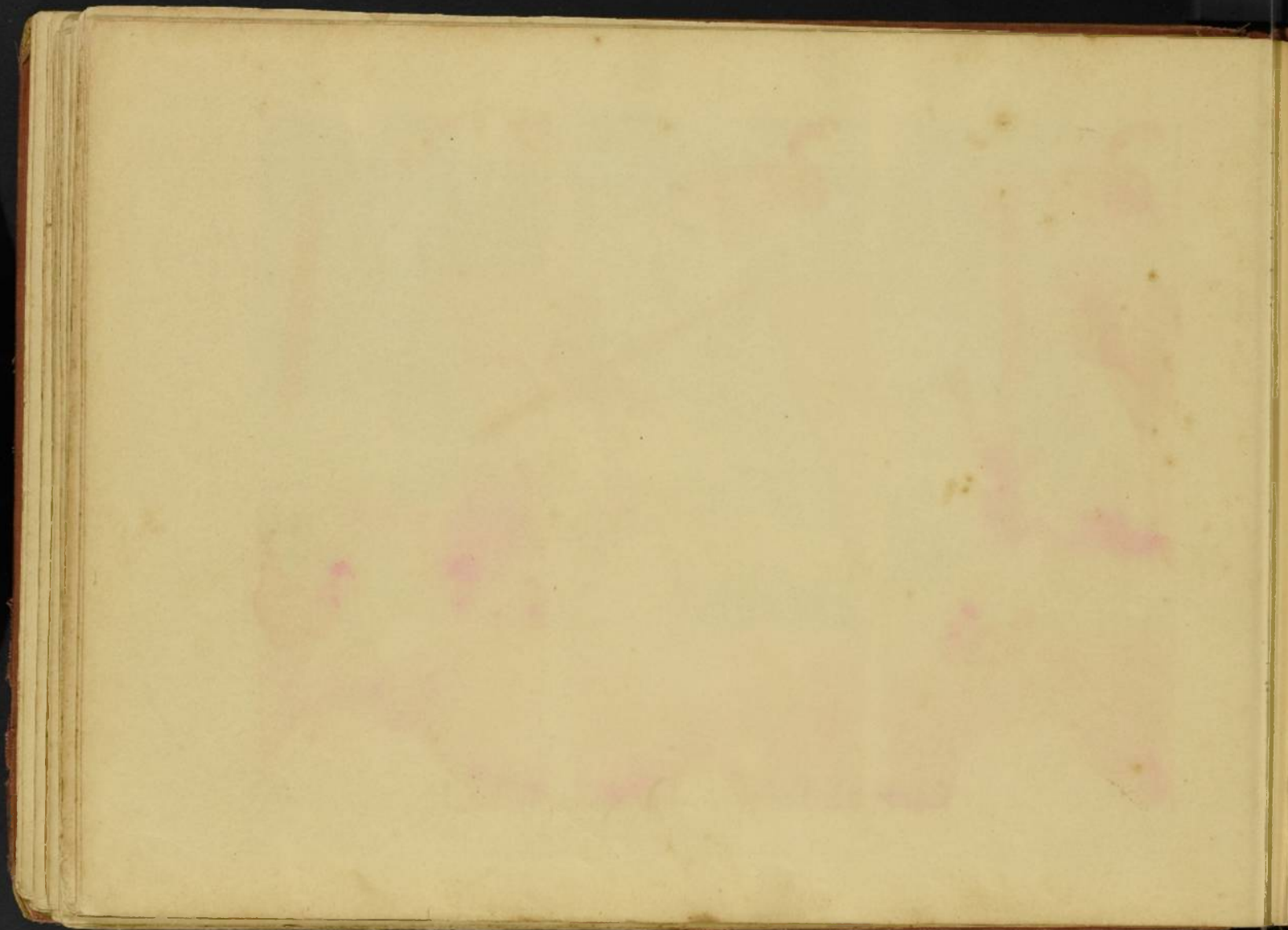


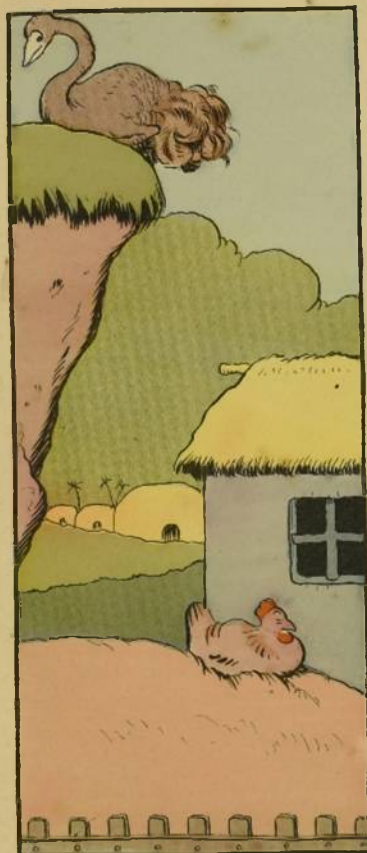
— Bom provcito, minhas senhoras!...



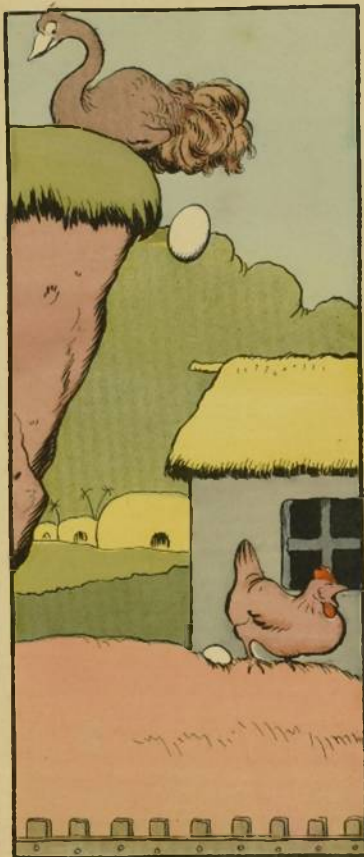


O dançador de corda no deserto.

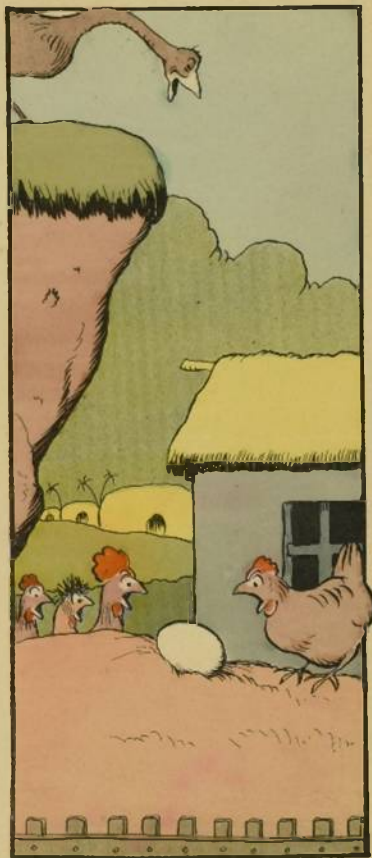




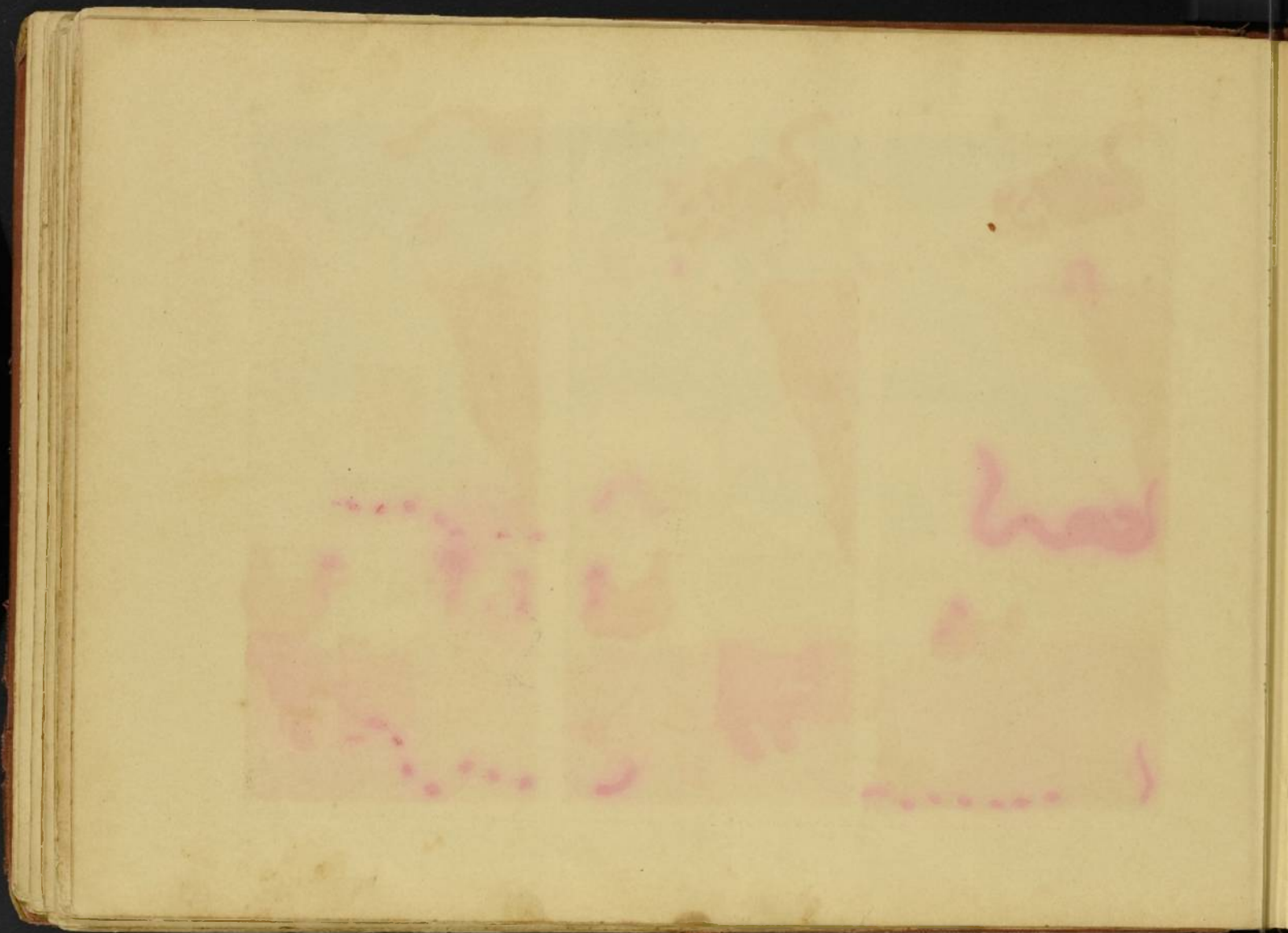
— A boa gallinha põe, enquanto a jocosa avestruz prepara uma partida a seu modo.

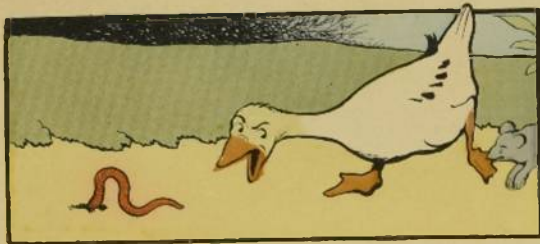


— A boa gallinha canta porque acabou de pôr. Avestruz põe, mas não canta!

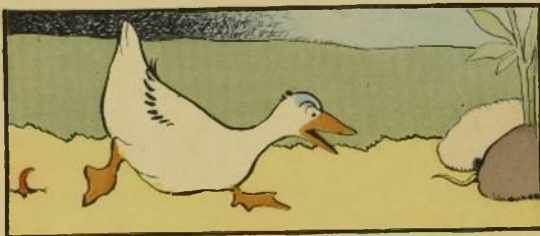


— Depois de ter cantado, a boa gallinha volta-se para contemplar a sua obra.  
— Hein ? grita ella, fui eu que fiz isto ? ! !





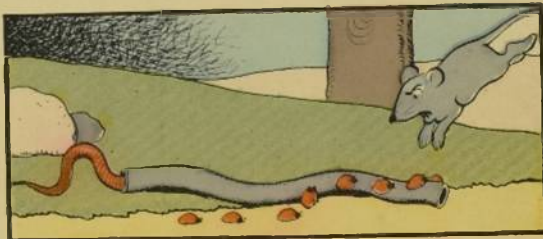
— No momento em que o pato ia apanhar a minhoca, mestre Arganaz, mordeu a ave aquática na pata.



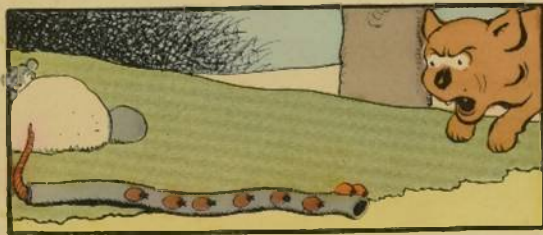
— ... e foge para o seu buraco. De maneira que o pato não teve nem a minhoca nem o Arganaz.



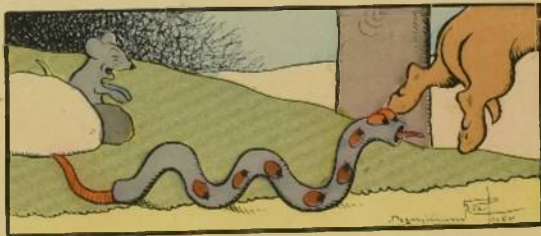
Bravo coração, diz a minhoca ao Arganaz, tu salvaste-me a vida. Eu te pagarei. Isso não se recusa, respondeu Arganaz que havia já tempo que era perseguido por Bouldog.



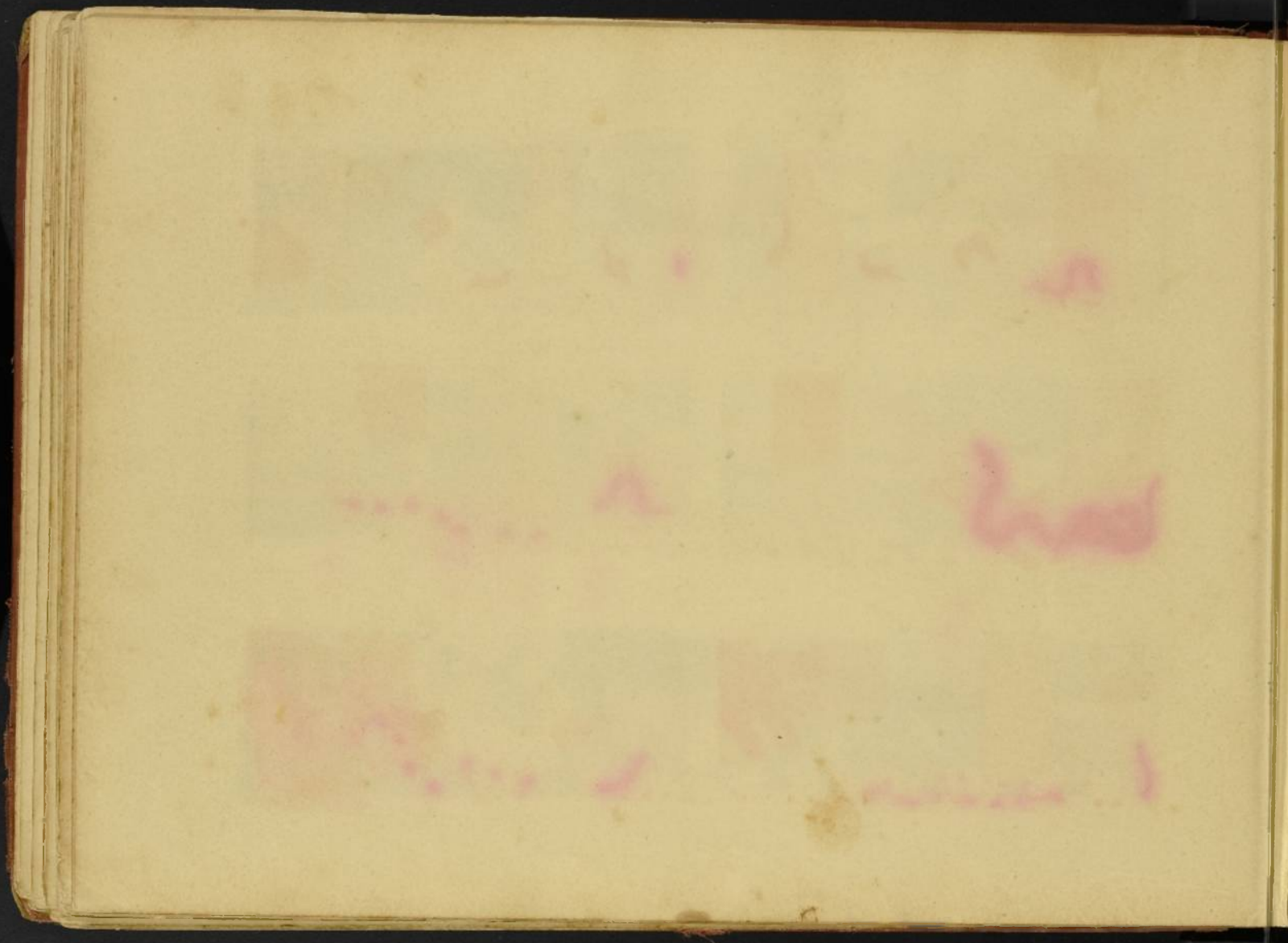
— Eu avisto o meu inimigo! grita uma manhã Arganaz amedrontado. Eu achei tudo o que é preciso para o afastar, respondeu a minhoca, mettendo so num tubo de gaz em cauchione, abandonado à borda d'um caminho.



— Algumas conchilhas avistadas vieram precipitadamente prestar o seu concurso à minhoca...



... que se transformou instantaneamente numa vibora ameaçadora. Pobre Bouldog, nunca mais o viram e Arganaz pôde acabar os seus dias na quietação e tranquilidade!

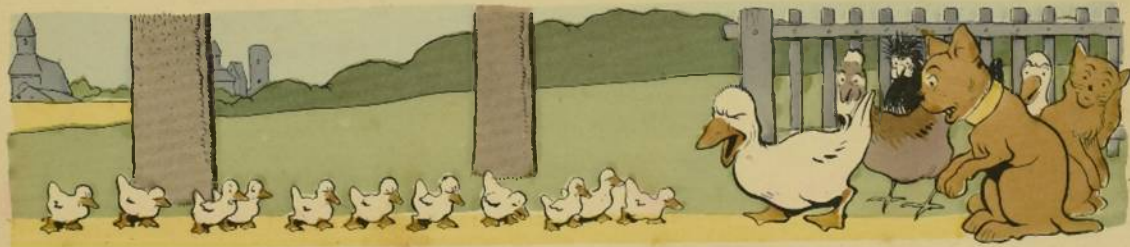




— Madame Coácod, patã magestosa com o ventre redondo, passeia em companhia dos seus doze ultimos filhos.



— Aparece o pae Rapozo, sempre estomcado. O triste senhor agarra um patinho e leva-o. Soccorro !... Gritam os irmãos do desaparecido.



— Porque choraes, Tia Coácod ?...  
— A minha duzia está desemparelhada!!!

